

Rubens M. Lucena
organizador

ESTUDOS EM CONTATO LINGUÍSTICO

Língua estrangeira em perspectiva



Blucher Open Access



ESTUDOS EM CONTATO LINGUÍSTICO

Língua estrangeira em perspectiva

Conselho editorial

André Costa e Silva

Cecilia Consolo

Dijon de Moraes

Jarbas Vargas Nascimento

Luis Barbosa Cortez

Marco Aurélio Cremasco

Rogério Lerner

RUBENS M. LUCENA
(organizador)

ESTUDOS EM CONTATO LINGUÍSTICO

Língua estrangeira em perspectiva

2022

Estudos em contato linguístico: língua estrangeira em perspectiva

© 2022 Rubens M. Lucena (organizador)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Catarina Tolentino

Diagramação Taís do Lago

Revisão Anna Paula B. B. Boé

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStock

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Estudos em contato linguístico : língua estrangeira
em perspectiva / organizado por Rubens M. Lucena. -
São Paulo : Blucher, 2022.
111 p. ; il.

Bibliografia

ISBN 978-65-5550-138-4 (impresso)

ISBN 978-65-5550-139-1 (eletrônico)

1. Linguística 2. Língua estrangeira 3. Fonologia I.
Lucena, Rubens M.

21-5751

CDD 410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística

CONTEÚDO

APRESENTAÇÃO7

RUBENS M. LUCENA

CAPÍTULO 1 – AS PESQUISAS/PESQUISADORES DO GRUPO DE PESQUISA EM CONTATO LINGÜÍSTICO SOB UM OLHAR PANORÂMICO11

ANDRÉ LUIZ SOUZA-SILVA

RAÍSSA TEIXEIRA GOUVEIA

CAPÍTULO 2 – O ESTÁGIO INICIAL DE AQUISIÇÃO DAS SEQUÊNCIAS TRICONSONANTAIS Ct/d]_C DO INGLÊS POR APRENDIZES CAMPINENSES DE LÍNGUA ADICIONAL (LA)35

FELIPE SANTOS DOS REIS

CAPÍTULO 3 – A APLICABILIDADE DE VOZES SINTÉTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA EM L2.....55

ALMIR A. DE A. GOMES

CAPÍTULO 4 – A FRICATIVA INTERDENTAL NÃO VOZEADA DO INGLÊS /θ/ POR APRENDIZES BRASILEIROS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA 81

ANILDA COSTA ALVES

CAPÍTULO 5 – PRODUÇÃO DAS CONSOANTES NASAIS EM POSIÇÃO DE CODA E ASPIRAÇÃO DAS OCLUSIVAS SURDAS DO INGLÊS POR FALANTES PARAIBANOS 93

EDMILSON FERNANDES DA SILVA JÚNIOR

MARCELLE DE SOUSA PONTES ALVES

APRESENTAÇÃO

Rubens M. Lucena

Esta obra é o resultado de oito anos de pesquisa dedicados ao estudo de fenômenos de contato linguístico e dialetal junto ao Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico da Universidade Federal da Paraíba, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma universidade. Desde 2014, coordeno esse grupo, que vem reunindo discentes de iniciação científica, mestrandos e doutorandos em torno da mesma temática, porém a partir de diferentes fenômenos e perspectivas. A maior parte das pesquisas resultou em artigos de periódicos, capítulos de livros, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, embora essas publicações nunca tenham sido reunidas em uma coletânea.

Para preencher essa lacuna, convidei alguns autores, em meados de 2020, para um empreendimento em conjunto. Durante um ano (e com o desafio de estarmos em plena pandemia), tivemos reuniões quinzenais para elaboração e discussão dos capítulos, contando com o feedback dos pares. Assim, surgiu esta obra, que terminou sendo dividida em dois volumes: um dedicado aos estudos em contato linguístico na perspectiva de uma língua estrangeira (contato entre L1 e L2) e outro voltado para os contatos entre dialetos distintos do português.

Neste volume, que o leitor está para ler, o foco é o contato linguístico entre língua materna e língua estrangeira, particularmente a língua inglesa. O livro

se inicia com o capítulo de André Luiz Souza Silva e Raíssa Teixeira Gouveia a respeito das pesquisas realizadas nos últimos oito anos do Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico da UFPB. Os autores apresentam um breve histórico do grupo de pesquisa a partir de seus interesses e de suas investigações e fazem um apanhado exaustivo de toda a produção (artigos, capítulos, dissertações e teses) sobre contato linguístico realizada pelo grupo. É o capítulo que contextualiza em certa medida toda a obra (incluído o volume dedicado aos contatos entre dialetos distintos do português).

Em seguida, temos quatro capítulos que abordam diferentes fenômenos envolvendo o contexto de contato linguístico entre o português brasileiro e o inglês como língua estrangeira. No Capítulo 2, Felipe Santos dos Reis aborda a aquisição das sequências triconsonantais Ct/d]₆, propondo uma formalização para o estágio inicial do fragmento de gramática responsável pela produção dessas estruturas. Nesse sentido, o autor realizou uma simulação computacional por meio do Praat, com o Algoritmo de Aprendizagem Gradual (AAG), a partir do modelo da Teoria da Otimidade Estocástica. Os resultados mostram uma demoção das restrições de fidelidade e de quedas de sonoridade no estágio inicial da aquisição do inglês como língua estrangeira.

No capítulo seguinte, Almir A. de A. Gomes analisa o uso de vozes sintéticas no desenvolvimento da consciência fonológica do inglês como língua estrangeira. Os dados controlados na pesquisa evidenciam que a utilização do sintetizador de voz contribui positivamente para a percepção auditiva do fenômeno linguístico em discussão. O autor conclui que a utilização dos sintetizadores tem um papel positivo no desenvolvimento da consciência fonológica, principalmente se sua utilização no processo ensino-aprendizagem de língua estrangeira for realizada de forma complementar ao trabalho de instrução explícita do professor.

Em seguida, Anilda Costa Alves aborda a variação da fricativa interdental não vozeada do inglês por aprendizes brasileiros. A pesquisa foi realizada com dois grupos distintos: indivíduos que não receberam instrução explícita sobre o inventário fonológico do inglês e indivíduos que receberam instrução explícita a respeito do sistema fonológico do inglês. Os dados mostram que a maior recorrência de produção se deu por falantes com conhecimento acerca dos aspectos fonético-fonológicos do inglês, sugerindo que a consciência fonológica não pode ser negligenciada em sala de aula.

Por fim, Edmilson Fernandes e Marcelle de Sousa Pontes Alves observam o comportamento variável das consoantes nasais e da aspiração das oclusivas surdas do inglês por falantes brasileiros. Trata-se de um trabalho colaborativo no

qual os instrumentos são construídos em conjunto, visando contemplar a análise de ambos os fenômenos a partir dos mesmos dados. A escolha pelas nasais e pela aspiração das oclusivas surdas se justifica pelo fato de essas consoantes serem responsáveis por gerar problemas de inteligibilidade na comunicação, merecendo, portanto, atenção de estudos em variação.

Como é possível ver, esta obra publicada pela Blucher (e complementada pelo volume dedicado aos contatos entre dialetos distintos do português) traz um panorama alargado de fenômenos distintos a respeito dos estudos em contato linguístico no contexto brasileiro. Faço votos de que essas duas coletâneas de trabalhos contribuam para uma melhor compreensão dos fenômenos de contato entre diferentes dialetos e entre línguas distintas em contato com o português brasileiro. Nesse mesmo sentido, acredito que a obra também pode ter um caráter didático, servindo como fonte de informação para aqueles que desejam enveredar pelos estudos linguísticos.

Gostaria de agradecer à CAPES (Projeto CAPES/PROEX n. 0745/2018) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba pelo apoio financeiro e, sobretudo, ao Prof. Dr. José Ferrari Neto, coordenador do Programa, que viabilizou todas as questões burocráticas para que este projeto fosse concretizado.

Finalizo esta breve apresentação parabenizando os autores e desejando uma boa leitura a todos.

AS PESQUISAS/PESQUISADORES DO GRUPO DE PESQUISA EM CONTATO LINGUÍSTICO SOB UM OLHAR PANORÂMICO

André Luiz Souza-Silva

Raíssa Teixeira Gouveia

“Quanto aos erros que, apesar de todo nosso esforço, nos hajam escapado, contamos com a benevolência dos entendidos”. (Amadeu Amaral)

Antes de quaisquer explanações acerca dos intentos que o título pressuponha, faz-se necessário mencionarmos que estamos conscientes de que não é possível apresentar, integral e substancialmente, todas as pesquisas/pesquisadores associadas ao Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico (GPCL), uma vez que reconhecemos os limites de um trabalho de tal natureza, tendo em vista nosso espaço nesta produção, bem como o alcance total de todos os estudos ligados ao GPCL. Dito isso, guardamos consciência de que ações e/ou produções podem não ser mencionadas,

[...] uma vez que barreiras variadas circundam empreendimentos como este, tais como a dificuldade de encontrar textos publicados em anais não recentes e até mesmo ter informações precisas que permitam sistematizar e demarcar datas. (BRITO; Matos, 2016, p. 13)

A partir disso, este trabalho tem o objetivo de apresentar o perfil de pesquisas desenvolvidas no GPCL nos últimos dez anos. Assim, nossa abordagem

metodológica é puramente bibliográfica e documental com intento historiográfico. Para tanto, serão acessados sites ligados ao grupo, como é o caso do Diretório de Pesquisas e da Plataforma *Lattes* – gerenciados pelo CNPq –, da página oficial do GPCL e do repositório de monografias, dissertações e teses da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), além de informações que possam ser coletadas no site do PROLING (Programa de Pós-Graduação em Linguística) e com os integrantes.

Justificamos nosso intento com a busca pela valorização das pesquisas desenvolvidas no contexto do grupo, uma vez que também é pertinente estabelecermos uma visão panorâmica do que vem sendo desenvolvido pelos pesquisadores que se associam ao grupo. Para tal, este trabalho apresentará pesquisas das seguintes áreas: 1) estudos de contato linguístico entre língua materna (L1) e línguas estrangeiras (L2); 2) estudos de contato linguístico entre dialetos distintos do português; 3) análises linguísticas de marcadores sociais da diferença (classe, gênero, origem, raça, sexualidade etc.); e 4) estudos de crenças e atitudes linguísticas.

Este texto organiza-se em quatro seções. Dessa forma, a primeira é destinada à apresentação das linhas de pesquisa e dos interesses de investigação do GPCL, traçando um breve histórico do grupo; a segunda destina-se à apresentação das pesquisas/pesquisadores ligadas ao grupo; a terceira expõe uma “linha do tempo” das pesquisas associadas ao grupo, sejam de iniciação científica ou de nível *stricto sensu*; e, por fim, a quarta traz uma apresentação de artigos em revistas, anais de eventos, capítulos de livros e/ou obras completas.

1. UM BREVE HISTÓRICO DO GRUPO DE PESQUISA EM CONTATO LINGUÍSTICO: INTERESSES E INVESTIGAÇÕES

Fundado em 2014, o Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico, coordenado pelo Professor Rubens Marques de Lucena, está vinculado ao Diretório dos Grupos de Pesquisas do CNPq.¹ Desde então, o grupo tem desenvolvido pesquisas em contato linguístico e dialetal,² com a participação de alunos de iniciação científica – oriundos do curso de Letras –, mestrandos e doutorandos do PROLING da UFPB.

O grupo tem sua unidade em funcionamento no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), vinculado ao PROLING, programa que objetiva, segundo Brito e Matos (2016), a capacitação científica em níveis de mestrado e doutorado, com a finalidade de atuação em ensino e pesquisa desde 2016. A partir dela,

¹ Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2054020675908871>. Acesso em: 7 fev. 2021.

² Disponível em: <https://contatolinguistico.wordpress.com/about/>. Acesso em: 7 fev. 2021.

espera-se que os discentes de mestrado saiam do programa instrumentalizados em uma de suas áreas e capacitados para o trabalho científico; já os discentes de doutorado, espera-se maior aprofundamento nas investigações científicas e busca pela originalidade em pesquisas, também os capacitando para atuarem no ensino superior e darem orientações no mesmo nível, como indicam Brito e Matos (2016).

Então, no contexto do PROLING, o GPCL centraliza suas discussões nos arrojos da Sociolinguística, considerando a premissa geral de que língua e sociedade são indissociáveis. Assim, os pesquisadores desenvolvem pesquisas com interesse tanto nas questões macro quanto micro da Sociolinguística, trabalhando sob o óculo da Teoria Variacionista, Sociolinguística Interacionista, Etnografia da Comunicação, Acomodação Dialetoal, Atitudes e Crenças Linguísticas etc.

O contato linguístico, também conhecido como línguas em contato ou contato de línguas, “[...] é a situação em que línguas diferentes são empregadas dentro de uma mesma sociedade” (Bagno, 2017, p. 58). Nesse sentido, o grupo focaliza algumas linhas de investigação, considerando:

o campo de investigação do contato de línguas se interessa por questões macrosociolinguísticas como a manutenção ou troca de língua, bem como por fenômenos microsociolinguísticos como os efeitos de empréstimos, alternâncias de código [...]. (Bagno, 2017, p. 59)

Associados a isso, estão os ideais da Sociolinguística:

[...] a sociolinguística variacionista, inaugurada por W. Labov, se aproxima bem mais do extremo linguístico desse continuum, uma vez que recorre aos fenômenos de ordem social para explicar os fenômenos linguísticos, interessada como é sobretudo nos processos de mudança linguística – nessa abordagem, portanto, o foco estaria em como *a língua é configurada pela sociedade*. No outro extremo talvez se pudesse situar a sociologia da linguagem, que investiga *as consequências sociais, culturais, políticas etc.* da variação e da mudança, ou seja, *como a sociedade é configurada pela(s) línguas(s)*. (Bagno, 2017, p. 426, grifos do autor)

Assim, tanto investigações macro quanto microsociolinguísticas são de interesse do grupo Contato Linguístico. Como mencionamos, há algumas investigações que são temas centrais do grupo, como é o caso do contato entre língua materna (L1) e língua(s) estrangeira(s) (L2), tanto para estudos de aquisição da linguagem quanto de acomodação linguística. Nessa direção, há interesse pelos estudos de contato entre dialetos do português, também investigando acomodação dialetoal entre zona rural e urbana, entre municípios interioranos e capitais, bem como contatos interestaduais. Para tanto, “refere-se ao fenômeno que se dá quando

as pessoas mudam seu modo de falar dependendo de com quem estão falando” (Bagno, 2017, p. 3).

Ademais, interessa-se pelos estudos de crenças e atitudes linguísticas, os quais investiga sob a seguinte consideração: “[...] são opiniões, concepções ou mesmo manifestações concretas que as pessoas têm acerca de sua própria língua, da(s) língua(s) de outros grupos sociais e, sobretudo da variação linguística” (Bagno, 2017, p. 21). E, recentemente, pesquisadores do grupo têm investigado e analisado os marcadores sociais da diferença em aspectos linguísticos, considerando raça, etnia, gênero, sexualidade, classe etc., compreendendo que a Sociolinguística não é apenas um instrumento de análise linguística que descreve e explica fenômenos variáveis do sistema linguístico, mas também é um instrumento de transformação social que busca problematizar os fenômenos extralinguísticos que fundamentam a exclusão pela linguagem.

Por isso, o Grupo de Pesquisa (GP) deixa em ênfase seu apoio a alguns movimentos, como movimento LGBTQIA+; movimento negro; movimento(s) feminista(s); movimentos em defesa dos direitos das pessoas com deficiência (PcD) e pela educação inclusiva; movimentos em defesa dos direitos dos povos indígenas e dos quilombolas; movimentos em defesa dos direitos dos refugiados; movimentos em defesa dos direitos dos animais, do ambientalismo e da agricultura familiar; e movimento Lixo Zero. Essas pautas reiteram o compromisso do grupo não só com a investigação linguística, mas com a mudança e a transformação social positivas. Além disso, pesquisas que problematizem o ensino de língua em situações de contato e questões de crenças e atitudes linguísticas também são bem-vindas.

2. PESQUISAS/PESQUISADORES DO GP: ESTUDOS E INVESTIGAÇÕES

Nesta seção, serão apresentadas as pesquisas incluídas nas duas obras voltadas para a produção do grupo (*Estudos em contato linguísticos – língua estrangeira* e *Estudos em contato linguístico – língua materna*, ambas publicadas pela Blucher), uma vez que este capítulo integra o leitor a um panorama das pesquisas/pesquisadores do GP, considerando pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado.

Iniciaremos com Felipe Santos dos Reis, professor de Língua Inglesa da rede pública, que, em 2019, defendeu sua tese intitulada *Aquisição variável de sequências triconsonantais Ct/d]C por falantes campinenses de inglês como L2*, cujo foco foi investigar a aquisição de um padrão variável do inglês por parte de aprendizes de L2 na cidade de Campina Grande-PB (Capítulo 2 deste volume).

Em seguida, teremos Almir Anacleto de Araújo Gomes, professor da Universidade Federal de Campina Grande-PB, que, em 2014, defendeu sua pesquisa de mestrado sob o título *A epêntese vocálica inicial em clusters sC por aprendizes brasileiros de inglês como LDE*. Sua dissertação objetivou identificar a frequência de ocorrência de inserção da epêntese vocálica ou vogal de apoio na posição inicial dos vocábulos em língua inglesa, iniciados com um dos seguintes clusters /sp/, /st/, /sk/, /sl/, /sm/ e /sn/, por aprendizes brasileiros do inglês como LDE (Língua Dita Estrangeira). Já sua tese de doutoramento – *Contribuições das vozes sintéticas para o desenvolvimento da consciência fonológica em L2* – foi defendida em 2019, com um período de investigação sanduíche no Canadá, relatando sua busca pela compreensão de como vozes sintéticas poderiam contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica na aquisição de uma segunda língua (Capítulo 3 deste volume).

Por sua vez, Anilda Costa Alves, atualmente professora de Língua Inglesa da rede privada, defendeu sua pesquisa de mestrado em 2018 sob o título *Análise variacionista da produção da fricativa interdental surda do inglês por falantes brasileiros*, com o objetivo de analisar a produção da fricativa interdental surda do inglês por falantes brasileiros. Em 2019 iniciou o curso de doutoramento e sua pesquisa provisoriamente trabalha sob o título *[mæd/mæt]: análise dinâmica da duração vocálica em aprendizes paraibanos de inglês (L2)*, com a intenção de compreender o desenvolvimento dinâmico do inglês como L2 por aprendizes paraibanos(as), focalizando a duração vocálica precedente a pares mínimos do inglês (Capítulo 4 deste volume).

Já Edmilson Fernandes da Silva Júnior e Marcelle de Sousa Ponte Alves são alunos recém-egressos do curso de Letras-Inglês que foram pesquisadores PIBIC (Programa de Iniciação Científica) e selecionados para desenvolver investigações sobre questões fonético-fonológicas envolvendo a língua inglesa, a saber: *Aquisição das nasais do inglês em posição de coda silábica por aprendizes de inglês como língua estrangeira* (Silva Jr.) e *Aquisição da aspiração das consoantes oclusivas surdas por aprendizes de inglês como língua estrangeira* (Alves). Enquanto esta objetivou investigar tal aspiração das consoantes em posição inicial de vocábulos, aquela buscou levar em consideração a produção do inglês por falantes brasileiros, para observar a transferência que o português exerce sobre a interlíngua e suas possíveis implicações na produção das nasais (Capítulo 5 deste volume).

No volume dedicado à língua materna, temos a pesquisa de Josenildo Barbosa Freire – professor de Língua Portuguesa da rede pública, cuja dissertação de Mestrado, intitulada *Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú*

(Paraíba), teve defesa final em 2011. A investigação de Freire teve como objetivo estudar a lateral palatal e suas realizações no dialeto paraibano, com base no aporte teórico-metodológico da Variação Linguística, para descrever os fatores estruturais e sociais sobre tal uso (Capítulo 3 do volume sobre língua materna).

Seguimos com a investigação de Lucas Possatti de Oliveira, professor de Língua Inglesa da rede privada, sob o título *Acomodação dialetal de cariocas residentes em João Pessoa: uma análise sociolinguística* (2020), com foco no fenômeno da palatalização ou não palatalização da fricativa coronal /s/ em posição de coda final (Capítulo 1 do volume sobre língua materna). Atualmente, Possatti está com pesquisa de doutorado em andamento intitulada *Análise do processo de acomodação linguística por falantes cariocas em João Pessoa: um estudo longitudinal*.

Também contamos com Mikaylson Rocha da Silva, professor de Língua Inglesa da rede pública, com dissertação intitulada *Contato dialetal: atitudes do falar paraibano em São Paulo*, defendida em 2016. Sua pesquisa se fez pela investigação a respeito do processo de acomodação linguística de variedades do português brasileiro por falantes paraibanos que residem em São Paulo. Atualmente, está desenvolvendo sua tese de doutorado, provisoriamente sob o título *Máscaras e autorrepresentações: algumas contribuições teóricas para os estudos em atitudes linguísticas*, com o intuito de construir uma perspectiva teórica que possa ser aplicável a manifestações de atitudes que os falantes têm em relação às variantes linguísticas (Capítulo 2 do volume sobre língua materna).

Em seguida, apresentamos as investigações de Ohana Soara Andrade Santos e Paloma Freire de Queiroz e Silva (Capítulo 4 do volume sobre língua materna). A pesquisa da primeira pesquisadora é intitulada *A lateral pós-vocálica em coda silábica: um panorama da velarização em contato dialetal*, cuja investigação teve como objetivo analisar a produção da consoante lateral /l/ em coda silábica por falantes guineenses residentes no Brasil; já a de Silva objetivou investigar se os guineenses e cabo-verdianos que moram em João Pessoa apresentam indícios de acomodação linguística ao dialeto paraibano em relação à lateral em coda silábica, sob o título *A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos em João Pessoa*.

Willian Ferreira Furtado de Lacerda concluiu o nível de mestrado com investigação sobre o comportamento da variável /l/ em posição de coda, tanto em língua materna quanto estrangeira, a partir dos resultados de outras pesquisas, intitulando seu estudo como *A realização da lateral /l/ em coda silábica em variedades do Português brasileiro e do Inglês*. Também temos Daiane Aparecida

Cavalcante com pesquisa de doutorado em andamento com o título temporário *O fenômeno do contato dialetal no sertão paraibano: atitudes e acomodação do falar piranhense*, cujo objetivo é mapear o perfil linguístico, do ponto de vista fonético-fonológico e atitudinal, da comunidade de fala de São José de Piranhas (PB). Neste livro, os dois autores apresentam contribuição em parceria (Capítulo 5 do volume sobre língua materna).

Ademais, temos Priscila Evangelista Moraes e Lima com sua dissertação intitulada *A palatalização do /s/ pós-vocálico: uma análise variacionista da transferência fonológica do falar paraibano (L1) na aquisição de inglês (L2)*, defendida em 2014, tendo como objetivo de investigação a identificação da palatalização na produção do /S/ pós-vocálico no contexto /S/t realizada por falantes paraibanos de inglês como L2. Em 2019, ela defendeu sua tese de doutoramento, a qual foi produzida com o intento de analisar as atitudes linguísticas que os paraibanos manifestam sobre o seu próprio falar, sob o título *Atitudes linguísticas de paraibanos em relação ao seu próprio falar* (Capítulo 6 do volume sobre língua materna).

Ainda contamos com André Luiz Souza da Silva e Raíssa Teixeira Gouveia – autores deste capítulo –, que também são integrantes do GPCL. Souza-Silva está com pesquisa de mestrado em andamento sob o título provisório de *Sociolinguística com foco na comunidade LGBTQ+: atitude, identidade e estigma*, objetivando analisar a atitude linguística de LGBTQ+ e Cis/Héteros sobre a linguagem da comunidade em questão. Já Gouveia está com pesquisa de mestrado em andamento sobre a análise de formas de tratamento em uma comunidade de prática jurídica na cidade de João Pessoa (PB), sob a ótica dos estudos de terceira onda da Sociolinguística.

3. UMA “LINHA DO TEMPO” DAS PESQUISAS/PESQUISADORES VINCULADAS AO GP

Iniciaremos, a seguir, com as pesquisas *stricto sensu* de doutorado, as quais foram desenvolvidas entre os anos de 2013 e de 2019. Consideramos oportuno também mencionar as investigações em andamento: as de doutorado entre 2013 e 2019; as pesquisas de mestrado desenvolvidas entre 2010 e 2020; e, por fim, as pesquisas de iniciação científica entre 2006 e 2019.

Quadro 1.1 – Pesquisas de doutorado

PESQUISAS DE DOUTORADO		
Ano	Título	Autoria
2013	<i>Um Estudo Sociolinguístico do Pronome VOS em Santa Cruz de la Sierra.</i>	Tatiana Maranhão de Castedo
2014	<i>A variação da lateral na interlíngua de estudantes brasileiros de espanhol.</i>	Eneida Maria Gurgel de Araújo
2016	<i>Percorrendo o livro didático de língua inglesa com vistas para além dos territórios nativos da anglofonia: uma análise de suas imagens de abertura.</i>	Walison Paulino de Araújo Costa
2018	<i>Epêntese vocálica medial: análise dos efeitos da segunda língua (L2) na produção de língua materna (L1) sob a ótica da sociolinguística variacionista.</i>	Luana Anastácia Santos de Lima
2019	<i>Contribuições das vozes sintéticas para o desenvolvimento da consciência fonológica em L2.</i>	Almir Anacleto de Araújo Gomes
2019	<i>Aquisição variável de sequências triconsonantais ct/d]_ç c por falantes campinenses de inglês como L2.</i>	Felipe Santos dos Reis
2019	<i>Atitudes linguísticas de paraibanos em relação ao seu próprio falar.</i>	Priscila E. de Moraes e Lima
E M A N D A M E N T O	<i>Um estudo em tempo real sobre a realização da fricativa coronal no corpus do VALPB.</i>	Pedro Felipe de Lima Henrique
	<i>Máscaras e autorrepresentações: algumas contribuições teóricas para os estudos em atitudes linguísticas.</i>	Mikaylson Rocha da Silva
	<i>[mæd/mæt]: análise dinâmica da duração vocálica em aprendizes paraibanos de inglês (L2).</i>	Anilda Costa Alves
	<i>O fenômeno do contato linguístico dialetal no sertão veredas paraibano.</i>	Daiane Aparecida Cavalcante
	<i>Análise do processo de acomodação linguística por falantes cariocas em João Pessoa: um estudo longitudinal.</i>	Lucas Possati de Oliveira

Fonte: elaborado pelos autores.

A partir dos títulos das pesquisas finalizadas e em andamento de doutorado, é possível identificar temas congruentes aos interesses do GPCL, como estudos sobre questões fonéticas e fonológicas de língua materna e estrangeira, além de trabalhos sobre atitudes linguísticas e línguas em situações de contato.

Adiante, prosseguiremos com a exposição em ordem cronológica dos trabalhos de mestrado concluídos entre 2010 e 2020. Ressaltamos, da mesma forma, as pesquisas em andamento, as quais tiveram início entre 2019 e 2021:

Quadro 1.2 – Pesquisas de mestrado

PESQUISAS DE MESTRADO		
Ano	Título	Autoria
2011	<i>Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba).</i>	Josenildo Barbosa Freire
2012	<i>Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa.</i>	Karoline de A. Chacon
2012	<i>Epêntese vocálica medial: uma análise variacionista da influência da língua materna (L1) na aquisição de inglês (L2).</i>	Luana Anastácia S. de Lima
2013	<i>Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife.</i>	Izete Lima
2013	<i>A Lateral Pós-Vocálica em Contato Dialetal: um Estudo com Africanos Lusófonos em João Pessoa.</i>	Paloma Freire
2014	<i>A epêntese vocálica inicial em clusters sC por aprendentes brasileiros de ILE.</i>	Almir Anacleto de A. Gomes
2014	<i>A palatalização do /s/ pós-vocálico: uma análise variacionista da transferência fonológica do falar paraibano (L1) na aquisição de inglês (L2).</i>	Priscila Evangelista Morais
2016	<i>Tabu linguístico: mapeamento das atitudes relacionadas a palavras e à influência que os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade exercem no seu uso cotidiano.</i>	David D. Swinger
2016	<i>Contato dialetal: atitudes do falar paraibano em São Paulo.</i>	Mikaylson Rocha da Silva
2017	<i>Acurácia de um modelo fonotático de entropia máxima aplicado ao português brasileiro.</i>	Fernando Cabral Alves
2018	<i>Análise variacionista da produção da fricativa interdental surda do inglês por falantes brasileiros.</i>	Anilda Costa Alves
2020	<i>Acomodação dialetal de cariocas residentes em João Pessoa: uma análise sociolinguística.</i>	Lucas Possatti de Oliveira
2020	<i>A lateral pós-vocálica em coda silábica: um panorama da velarização em contato dialetal.</i>	Ohana Soara Andrade Santos

2021	<i>A realização da lateral /l/ em coda silábica em variedades do Português brasileiro e do Inglês.</i>	Willian Ferreira Furtado de Lacerda
E M A N D A M E N T O	<i>Sociolinguística com foco na comunidade LGBT+: atitude, identidade e estigma</i>	André Luiz Souza da Silva
	<i>Formas de tratamento em uma comunidade de prática jurídica em João Pessoa-PB.</i>	Raíssa Teixeira Gouveia
	<i>As consoantes nasais do português brasileiro em posição de coda no dialeto paraibano.</i>	Edmilson Fernandes da Silva Júnior
	<i>As influências fônicas do dialeto pessoense na interlíngua de estudantes de espanhol como língua estrangeira em seu processo inicial de aprendizagem.</i>	Luan da Silva Santos

Fonte: elaborado pelos autores.

É possível observar, no quadro anterior, estudos sobre línguas em contato, aspectos fonéticos e fonológicos tanto na língua materna quanto na língua estrangeira e pesquisas sobre atitudes e crenças linguísticas. Tais temas, mais uma vez, são convergentes aos interesses de estudos do GPCL. Por fim, elencaremos as pesquisas de iniciação científica desenvolvidas entre os anos de 2006 a 2019:

Quadro 1.3 – Pesquisas De Iniciação Científica

PESQUISAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (IC)		
Ano	Título	Autoria
2010	<i>Epêntese vocálica no português da Paraíba: variação linguística e consequências na aquisição fonológica do inglês como língua estrangeira</i>	Bruno Rafael de Lima Vieira
2011	<i>Aquisição do /p/ em coda silábica por falantes brasileiros de inglês: análise a partir de padrões variáveis do português brasileiro</i>	Fernando Cabral Alves
2012	<i>Aquisição fonológica do /f/ por falantes brasileiros de inglês: análise a partir de padrões variáveis do português brasileiro</i>	Iana Jéssica Lira Quirino

2012	Aquisição fonológica do /k/ por falantes brasileiros de inglês: análise a partir de padrões variáveis do português brasileiro	Jéssica Colaço de Assunção Potter
2013	<i>Aquisição fonológica da lateral /l/ em núcleo silábico por aprendizes brasileiros de inglês: análise a partir de padrões variáveis do português brasileiro</i>	Fernando Cabral Alves
2013	<i>Aquisição fonológica da lateral /l/ em coda silábica por aprendizes brasileiros de inglês: análise a partir de padrões variáveis do português brasileiro</i>	Lucas Possatti de Oliveira
2013	<i>Análise do Processo de Acomodação Linguística de Falantes Cariocas em João Pessoa</i>	Lucas Possatti de Oliveira
2013	<i>Análise do Processo de Acomodação Linguística de Falantes Paulistas em João Pessoa</i>	Raísa de Sousa Claro
2013	<i>Análise do Processo de Acomodação Linguística de Falantes Gaúchos em João Pessoa</i>	Rayanna Queiroz Aurélio e Silva
2015	<i>Análise do processo de acomodação linguística de falantes paraibanos em São Paulo</i>	Mikaylson Rocha da Silva
2019	<i>Aquisição das nasais do inglês em posição de coda silábica por aprendizes de inglês como língua estrangeira</i>	Edmilson Fernandes da Silva Júnior.
2019	<i>Aquisição da aspiração das consoantes oclusivas surdas por aprendizes de inglês como língua estrangeira</i>	Marcelle de Souza Pontes Alves

Fonte: elaborado pelos autores.

Vale destacar que muitos pesquisadores de iniciação científica deram continuidade aos trabalhos e aprofundaram os temas de interesse no mestrado e no doutorado.

4. TRABALHOS EM ANAIS DE EVENTOS, REVISTAS E CAPÍTULOS DE LIVRO

Com a finalidade de difundir conhecimento acerca dos temas centrais do GPCL, um número expressivo de pesquisas foi publicado em capítulos de livros, revistas eletrônicas e anais de eventos. É oportuno ressaltar que, na presente seção, evidenciaremos apenas as produções dos autores pesquisadores que compõem esta obra e estão vinculadas ao GPCL, considerando as produções mais recentes e de maior destaque.

Iniciaremos, dessa forma, com a exposição de pesquisas publicadas primeiramente em capítulos de livros. Destacamos que iremos citá-las de uma maneira

geral para uma melhor visualização dos temas e em seguida, citaremos os trabalhos publicados em anais de eventos e, por fim, em revistas.

4.1. Capítulos em livros

Destacamos, inicialmente, os capítulos de livro de Almir Gomes intitulados “A L1 como mediadora da aprendizagem de L2” (2012); “A inserção da vogal de apoio nos *clusters* de língua inglesa como L2 por aprendizes brasileiros”, de Gomes e Floriano (2012); e “Can TTS help L2 learners develop their phonological awareness?”, de Gomes, Cardoso e Lucena (2018). Esta última objetivou investigar o uso de sintetizadores de voz para o desenvolvimento da consciência fonológica dos aprendizes de L2. Acrescentamos que o supracitado pesquisador publicou um livro em 2016 cujo título é *A epêntese vocálica inicial por aprendentes brasileiros de inglês: uma análise variacionista*.

Anilda Alves publicou os seguintes capítulos de livro com viés de análise fonológica: “A transferência fonológica no processo de aquisição da língua inglesa como língua estrangeira”, de Alves e Silva Jr. (2016); “A percepção-produção da fricativa interdental surda /θ/ no inglês via consciência fonológica”, também de Alves e Silva Jr. (2017); “Transferências fonológicas na produção do inglês como L2 por brasileiros: do segmento à sílaba”, de Alves e Silva Jr. (2018); e, por fim, “Análise acústica da produção da fricativa interdental surda do inglês por falantes brasileiros”, de Alves e Lucena (2019).

Continuando com as pesquisas/pesquisadores, destacamos o capítulo de livro produzido por Felipe Reis: “Aquisição variável de sequências triconsonantais Ct/d] ɔ̃ C por aprendizes campinenses de inglês como L2” (2019), fruto de sua pesquisa de doutorado. De Luana Lima, destacamos as seguintes produções: “Análise do processo de monotongação no Brejo paraibano” (2008); “A influência da variação dialetal nas práticas de leitura” (2009); “Variação dialetal e leitura: implicações da Sociolinguística ao ensino” (2011); e “Atitudes linguísticas: discussões acerca da língua como representação da identidade cultural do falante” (2018).

Temos também produções de Josenildo Freire sobre variação linguística: “Panorama da variação da lateral palatal no falar da Paraíba”, de Freire e Lucena (2012); “Atitude e avaliação linguística em dados de fala espontânea” (2015); “Ensino de Português e variação linguística: tratamento didático de variedades dialetais no âmbito escolar” (2015); “Variação estilística: considerações iniciais” (2019); “Representações sociolinguísticas - o caso do falar paraibano”, de Freire e Oliveira (2019); “Variação linguística e ensino: algumas considerações” (2019); e “Reflexões sobre ensino-aprendizagem de língua materna e variação linguística” (2020).

Sobre a acomodação linguística, temos o capítulo de livro de Lucas Possatti intitulado “Análise do processo de acomodação dialetal de cariocas em João Pessoa” (2019). Podemos acrescentar também o trabalho de Mikaylson Silva, cujo título é “Estudos sobre a acomodação linguística no português brasileiro: análise do processo de acomodação linguística de falantes paraibanos em São Paulo” (Silva; Lucena, 2018). Ademais, temos mais uma produção de Silva, Gomes e Lucena (2019), intitulada “Algumas contribuições dos estudos de atitudes linguísticas para a Sociolinguística variacionista”.

Marcelle Alves tem o seguinte capítulo de livro publicado: “Aquisição da aspiração das consoantes oclusivas surdas por aprendizes de inglês como língua estrangeira”, em parceria com Lucena (2019). Por fim, ressaltamos que a professora Juliene Pedrosa, integrante do Departamento de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba, também possui valiosas contribuições no GPCL, com diversas produções publicadas em parceria com o professor Rubens Lucena, a exemplo de “Fonologia estruturalista” (2017) e “Apagamento e vocalização em coda silábica” (2019).

4.2. Trabalhos publicados em Anais de eventos

Dando continuidade à exposição das produções dos membros do GPCL, elencaremos, a seguir, trabalhos publicados em anais de diversos eventos relacionados às linhas de pesquisa do referido grupo. Ressaltamos, mais uma vez, que, por delimitação de espaço, destacaremos aquelas mais relevantes para a temática do grupo.

Iniciaremos com dois dos trabalhos de Gomes: “A contribuição da pesquisa sociolinguística para o ensino de inglês como língua estrangeira”, de Gomes, Silva e Souza (2015), e “Aquisição de língua estrangeira sob uma perspectiva dos pressupostos metodológicos da Sociolinguística”, de Gomes e Silva (2017). Acerca das atitudes linguísticas, André Souza-Silva tem o seguinte trabalho publicado “O babado é certo: a gíria LGBT para o empoderamento linguístico”, junto com Martins (2019). Já de Reis, destacamos os seguintes trabalhos em anais: “Correções de desvios ou práticas neoimperalistas no ensino de pronúncia da língua inglesa” (2011) e “The usage of weak forms by a Brazilian learner of English” (2008).

Entre os trabalhos publicados por Freire, em anais, destacamos: “Variação da lateral palatal em falares do RN e da PB: um estudo geo-sociolinguístico” (2013); “Comportamento da lateral palatal na comunidade de Jacaraú (PB)”, de Freire e Lucena (2011); e “Variação da lateral palatal: um estudo sociolinguístico em dois corpora” (2011).

Quanto aos capítulos de Luana Lima, destacamos: “Consciência fonológica e o processo de ensino-aprendizagem de L2” (2017); “Variação linguística e o trabalho do professor: breve reflexão acerca das vozes docentes sob a ótica do ISD e da Sociolinguística” (2016); e “Padrão versus não-padrão: análise de discursos docentes acerca da variação linguística” (2012). Além disso, temos os títulos “Comportamento variável da aquisição da coda medial por aprendizes de inglês como L2” e “Análise variacionista da epêntese vocálica medial na aquisição de inglês como L2”, ambos com Lucena (2012 e 2013, respectivamente).

Possatti, por sua vez, tem o seguinte trabalho publicado “A realização variável da lateral /l/ em coda silábica por aprendizes brasileiros de inglês como L2”, junto com Lucena (2013). Destacamos também as pesquisas publicadas de Silva, intituladas “A contribuição da pesquisa Sociolinguística para o ensino de inglês como língua estrangeira”, de Silva, Gomes, Souza e Teotônio (2015), e “Contato dialetal: discussões iniciais do falar paraibano em São Paulo”, de Silva, Gomes e Silva (2015).

Por fim, destacamos alguns dos trabalhos publicados por Priscila Evangelista: “Atitudes linguísticas de ouvintes: conduta avaliativa e criação de estereótipos” (2015); “A palatalização do /s/ pós-vocálico: uma análise variacionista da transferência fonológica do falar paraibano (L1) na aquisição de inglês (L2)” (2014); e “Transferência fonológica do falar paraibano no aprendizado da língua inglesa” (2012).

4.3. Trabalhos publicados em revistas

Primeiramente, destacamos o trabalho de Daiane Cavalcante e Willian Lacerda, cujo título é “Crenças e atitudes linguísticas da comunidade de fala piranhense à luz da Sociolinguística variacionista”, de Cavalcante, Furtado e Lucena (2020). Evidenciamos também três dos trabalhos de Almir Gomes, intitulados “A consciência fonológica na aquisição de L2: uma discussão terminológica”, de Gomes, Lucena e Silva (2020); “O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB”, de Gomes e Silva (2020); e “A vogal de apoio em posição inicial em *clusters* /sc/ por aprendizes de inglês como L2”, de Gomes, Lucena e Silva (2019).

Seguindo com os trabalhos de Alves, ressaltamos “Produção da fricativa não vozeada do inglês por aprendizes brasileiros por meio do desenvolvimento da consciência fonológica” (2020) e “Análise acústica da produção da fricativa interdental não vozeada do inglês por aprendizes brasileiros via consciência fonológica” (2019). Quanto às pesquisas publicadas de Reis, evidenciamos “Vowel insertion

after coda plosives in the dialect of Paraíba (PB): reflections on the establishment of syllabic and social boundaries”, junto com Lucena (2020), e “Variabilidade na produção das oclusivas coronais entre consoantes heterossilábicas por aprendizes campinenses de inglês como L2”, também em parceria com Lucena (2019).

Os trabalhos publicados de Izete Lima – “Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /S/ em coda silábica por paraibanos em Recife”, de Lima e Lucena (2015), e “Variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa: uma abordagem acerca da eficiência da aplicabilidade dos PCN” (2012) – versam, respectivamente, sobre acomodação linguística e variação linguística no ensino do português. Já entre os trabalhos de Freire, destacamos os seguintes: “Apagamento do /r/ em final de palavras: o que dizem os textos escolares”, junto a Oliveira (2019), e “Contribuições da Teoria da Variação para o ensino de Língua Portuguesa” (2012). Acrescentamos, da mesma forma, as produções de Luana Lima, intituladas “Análise variacionista da epêntese vocálica medial na aquisição de inglês como L2”, junto a Lucena (2013), e “Comportamento variável da aquisição da coda medial por aprendizes de inglês como L2”, também em parceria com Lucena (2012).

Dando continuidade à exposição, temos o trabalho de Possatti, intitulado “A mudança na produção de fricativas em coda medial por uma criança recifense residente em João Pessoa”, junto a Henrique e Nascimento (2019). Acerca dos trabalhos de Mikaylson Silva, destacamos “A consciência fonológica na aquisição de L2: uma discussão terminológica”, junto a Gomes e Lucena (2020); “O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB”, junto a Gomes e Lucena (2020); e “A vogal de apoio em posição inicial em *cluster* /sC/ por aprendizes de inglês como L2”, também em parceria com Gomes e Lucena (2019).

Ademais, temos o trabalho de Paloma Silva, intitulado “A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos na Paraíba”, junto a Lucena (2015). Por sua vez, Priscila Morais e Lima tem o seguinte trabalho publicado: “A palatalização do /s/ pós-vocálico: uma análise variacionista da transferência fonológica da L1 na aquisição de inglês como L2”, junto a Evangelista e Lucena (2015). Por fim, temos o trabalho de André Souza-Silva “A variável sexo/gênero em estudos sociolinguísticos: um panorama das três ondas”, junto com Lucena (2021).

5. O QUE NOS RESTA DIZER?

As pesquisas do Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico têm se realizado com rigor teórico e metodológico, buscando originalidade e relevância científica, social e pedagógica. Nesse sentido, podemos observar que as abordagens temáticas do grupo se têm ampliado e possibilitado a discussão sobre a variação – em língua materna e estrangeira – em diversificados contextos, tanto da língua quanto da sociedade. Dito isso, convidamos os leitores a seguirem para os próximos capítulos, a fim de que possam tecer suas próprias considerações sobre o que o GP tem desenvolvido nos últimos anos em relação às investigações linguísticas e a suas interfaces.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, A. C. *Análise variacionista da produção da fricativa interdental surda do inglês por aprendizes brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

ALVES, A. C.; JUNIOR, L. J. S. A percepção-produção da fricativa interdental surda /θ/ no inglês via consciência fonológica. *In*: LINS, J. N.; LINS, C. R. R. R. (org.). *Linguagem e ensino*. João Pessoa: Ideia, 2017. p. 67-75.

ALVES, A. C.; LUCENA, R. M. *Análise acústica da produção da fricativa interdental surda do inglês por falantes brasileiros*. São Paulo: Pá de Palavra, 2019. p. 325-330.

ALVES, A. C. Produção da fricativa não vozeada do inglês por aprendizes brasileiros através do desenvolvimento da consciência fonológica. *Cuadernos de La ALFAL*, v. 1, p. 179-193, 2020.

ALVES, A. C. Análise acústica da produção da fricativa interdental não vozeada do inglês por aprendizes brasileiros via consciência fonológica. *PROLÍNGUA*, v. 14, p. 25-34, 2019.

ALVES, M. S. P.; LUCENA, R. M. Aquisição da aspiração das consoantes oclusivas surdas por aprendizes de inglês como língua estrangeira. *In*: ATAÍDE, C. (org.). *Estudos linguísticos e literários*. São Paulo: Pá de Palavra, 2019. p. 281-286.

BAGNO, M. *Dicionário crítico de Sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BRITO, A. de S.; MATOS, D. P. A linguística funcional observada panoramicamente a partir de pesquisas/pesquisadores do PROLING. In: SILVA, C. R.; MATOS, D. P. (org.). *Usos linguísticos: formas e funções*. Curitiba: CRV, 2016. p. 13-38.

EVANGELISTA, P.; LUCENA, R. M. A palatalização do /s/ pós-vocálico: uma análise variacionista da transferência fonológica da L1 na aquisição de inglês como L2. *Revista Signótica*, Goiânia, v. 27, p. 307-324, 2015.

EVANGELISTA, P.; LUCENA, R. M. A palatalização do /s/ pós-vocálico: uma análise variacionista da transferência fonológica do falar paraibano (L1) na aquisição de inglês (L2). In: JORNADA NACIONAL DO GELNE, 25., 2014, Natal. *Anais [...]*. Natal: GELNE, 2014.

EVANGELISTA, P. Atitudes linguísticas de ouvintes: conduta avaliativa e criação de estereótipos. In: ENCONTRO DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM APLICADAS AO ENSINO (ECLAE), 6., 2015, Garanhuns. *Anais [...]*. Garanhuns: ECLAE, 2015. p. 4283-4299.

EVANGELISTA, P. Transferência fonológica do falar paraibano no aprendizado da língua inglesa. In: JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE, 24., 2012, Natal. *Anais [...]*. Natal: Editora UFRN, 2012. v. 1.

GOMES, A. A. A. *A epêntese vocálica inicial por aprendentes brasileiros de inglês: uma análise variacionista*. Campina Grande: EDUEFCG, 2016.

GOMES, A. A. A.; FLORIANO, F. M. A. A inserção da vogal de apoio nos clusters de língua inglesa como L2 por aprendizes brasileiros. In: ARANHA, S. D. de G.; LEANDRO, M. de L. da S. (org.). *Linguagens, Gêneros e Discursos*. João Pessoa: Idéia, 2012. p. 0013-1706.

GOMES, A. A. A. A L1 como mediadora da aprendizagem de L2. In: MEDEIROS, H. de M.; ARAGÃO, K. G. L. (org.). *Diálogos Linguísticos*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012. p. 50-65.

GOMES, A. A. A.; SILVA, M. R.; SOUZA, R. V. A contribuição da pesquisa sociolinguística para o ensino de inglês como língua estrangeira. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 2., 2015, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize, 2015.

GOMES, A. A. A. *Contribuições das vozes sintéticas para o desenvolvimento da consciência fonológica em L2*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

GOMES, A. A. A. *A epêntese vocálica inicial em clusters [sC] por aprendentes brasileiros de inglês como LDE*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

FREIRE, J. B.; LUCENA, R. M. Panorama da variação da lateral palatal no falar da Paraíba. In: HORA, D. da; NEGRÃO, E. V. (org.). *Estudos da Linguagem: casamento entre temas e perspectivas*. João Pessoa: Ideia, 2012. p. 213-227.

FREIRE, J. B. Atitude e avaliação linguística em dados de fala espontânea. In: HORA, D. da; LOPES, J. R.; LUCENA, R. M. de (org.). *ALFAL 50 ANOS: Contribuições Para os Estudos Linguísticos e Filológicos*. João Pessoa: Ideia, 2015. p. 709-741.

FREIRE, J. B. Ensino de português e variação linguística: tratamento didático de variedades dialetais no âmbito escolar. In: ALVES, G. C. et al. (org.). *Ensino de Línguas Maternas e Estrangeira: um espaço para o debate*. Mossoró - RN: Queima-Bucha, 2015. p. 55-68.

FREIRE, J. B. Variação estilística: considerações iniciais. In: SOUZA, M. (org.). *As linguagens do presente: comunicação e formações socioculturais*. Londrina: Sintagma Editores, 2019. p. 107-132.

FREIRE, J. B.; OLIVEIRA, D. H. Representações sociolinguísticas – o caso do falar paraibano. In: BENÇAL, D. R.; COSTA, D. de S. S. (org.). *Estudos linguísticos em foco: perspectivas sincrônica e diacrônica*. Londrina: Edel, 2019. p. 1-15.

FREIRE, J. B. Reflexões sobre ensino-aprendizagem de língua materna e variação linguística. In: FRANCESCHINI, M. A.; CAMPOS, J.; CAMARGO, H. W. de (org.). *Imagens, discursos e textualidades culturais*. Londrina: Syntagma Editores, 2020. p. 123-151.

FREIRE, J. B. Variação da lateral palatal em falares do RN e da PB: Um estudo geo-sociolinguístico. In: ABRALIN EM CENA VI , 2013, Cuiabá. *Anais [...]*. Cuiabá: UFMT, 2013. p. 1-12.

FREIRE, J. B. *Variação da lateral palatal na comunidade de Jacaraú (Paraíba)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

FREIRE, J. B.; LUCENA, R. M. Comportamento da lateral palatal na comunidade de Jacaraú (PB). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7., 2011, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: ABRALIN, 2011. p. 3913-3922.

FREIRE, J. B. Variação da lateral palatal: um estudo sociolinguístico em dois corpora. In: ENCONTRO DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM APLICADAS AO ENSINO, 5., 2011, Natal. *Anais [...]*. Natal: EDUFRN, 2011. p. 1-7.

FREIRE, J. B.; OLIVEIRA, D. H. Apagamento do /r/ em final de palavras: o que dizem os textos escolares. *Iniciação & Formação Docente*, v. 6, p. 1-14, 2019.

FREIRE, J. B. Contribuições da Teoria da Variação para o ensino de Língua Portuguesa. *Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, v. 3, p. 134-147, 2012.

GOMES, A. A. A. *A epêntese vocálica inicial por aprendentes brasileiros de inglês: uma análise variacionista*. Campina Grande: EDUFCG, 2016.

GOMES, A. A. A.; FLORIANO, F. M. A. A inserção da vogal de apoio nos clusters de língua inglesa como L2 por aprendizes brasileiros. In: ARANHA, S. D. de G.; LEANDRO, M. de L. da S. (org.). *Linguagens, Gêneros e Discursos*. João Pessoa: Idéia, 2012. p. 0013-1706.

GOMES, A. A. A. A L1 como mediadora da aprendizagem de L2. In: MEDEIROS, H. de M.; ARAGÃO, K. G. L. (org.). *Diálogos Linguísticos*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012. p. 50-65.

GOMES, A. A. A.; SILVA, M. R.; SOUZA, R. V. A contribuição da pesquisa sociolinguística para o ensino de inglês como língua estrangeira. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 2., 2015, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize, 2015.

GOMES, A. A. A. *Contribuições das vozes sintéticas para o desenvolvimento da consciência fonológica em L2*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

GOMES, A. A. A. *A epêntese vocálica inicial em clusters [sC] por aprendentes brasileiros de inglês como L2*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

GOMES, A. A. A.; SILVA, M. R. Aquisição de língua estrangeira sob uma perspectiva dos pressupostos metodológicos da sociolinguística variacionista. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 4., 2017, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: CONEDU, 2017.

GOMES, A. A. A.; LUCENA, R. M.; SILVA, M. R. A consciência fonológica na aquisição de L2: uma discussão terminológica. *SIGNOTICA* (UFG), Goiânia, v. 32, p. 1-25, 2020.

GOMES, A. A. A.; LUCENA, R. M.; SILVA, M. R. A vogal de apoio em posição inicial em cluster /sc/ por aprendizes de inglês como L2. *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, v. 15, p. 68-81, 2019.

GOMES, A. A. A.; LUCENA, R. M.; SILVA, M. R. A vogal de apoio em posição inicial em clusters /sc/ por aprendizes de inglês como L2. *Revista Trama* (Unioeste On-Line), Marechal Cândido Rondon, v. 15, p. 68-81, 2019.

GOMES, A. A. A.; SILVA, M. R. O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB. *Cuadernos de La ALFAL*, v. 12, p. 53-70, 2020.

GOMES, A. A. A.; CARDOSO, W.; LUCENA, R. M. Can TTS help L2 learners develop their phonological awareness? In: TAALAS, P. et al. (org.). *Future-proof CALL: language learning as exploration and encounters short papers from EUROCALL 2018: Research-publishing.net*, 2018. p. 29-34.

HENRIQUE, P. F. L.; NASCIMENTO, I. C.; POSSATTI, L. A mudança na produção de fricativas em coda medial por uma criança recifense residente em João Pessoa. *Domínios de Linguagem*, v. 13, p. 1526-1556, 2019.

LACERDA, W. F. F.; CAVALCANTE, D. A.; LUCENA, R. M. Crenças e atitudes linguísticas da comunidade de fala piranhense à luz da sociolinguística variacionista. *(Con)textos Linguísticos*, v. 14, p. 439-457, 2020.

LIMA, I. de S. *Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

LIMA, I. de S.; LUCENA, R. M. Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /S/ em coda silábica por paraibanos em Recife. *Letrônica*, v. 6, 2015.

LIMA, I. de S. Variação linguística nas aulas de língua portuguesa: uma abordagem acerca da eficiência da aplicabilidade dos PCN. *Temática*, v. 8, 2012.

LIMA, L. A. S. de. *Epêntese vocálica medial: análise dos efeitos da segunda língua (l2) na produção de língua materna (l1) sob a ótica da sociolinguística variacionista*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. [no prelo].

LIMA, L. A. S. de. *Epêntese vocálica medial: uma análise variacionista da influência da língua materna (L1) na aquisição de inglês (L2)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

LIMA, P. E. M. *A palatalização do /s/ pós-vocálico: uma análise variacionista da transferência fonológica do falar paraibano (L1) na aquisição de inglês (L2)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

LIMA, P. E. M. Processo de monotongação no brejo paraibano: uma análise variacionista. In: LINS, J. N. *et al.* (org.). *Letras: Linguagem em Ação*, Olinda, v. I, p. 9-16, 2007.

LIMA, P. E. M. A influência da variação dialetal nas práticas de leitura. In: LINS, J. N. (org.). *Interfaces da Língua: as práticas de linguagem no cotidiano das licenciaturas*. Olinda/ PE: Philia, 2009. v. 2, p. 57-64.

LIMA, P. E. M. Variação dialetal e leitura: implicações da sociolinguística ao ensino. In: MARTINS, I. F. M. (org.). *Estudos Linguísticos: Práticas Sociais e Culturais*. João Pessoa: Fotograf, 2011. p. 43-53.

LIMA, P. E. M. Atitudes Linguísticas: discussões acerca da língua como representação da identidade cultural do falante. In: LINS, J. N.; LOPES, P. A. D.; OLIVEIRA, A. F. F. de (org.). *Língua e Usos Sociais: práticas linguísticas, literárias e discursivas*. João Pessoa: Ideia, 2018. p. 93-108.

LIMA, P. E. M. Consciência fonológica e o processo de ensino-aprendizagem de L2. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4., 2017, João Pessoa. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize Eventos & Editora, 2017.

LIMA, P. E. M. Variação Linguística e o trabalho do professor: breve reflexão acerca das vozes docentes sob a ótica do ISD e da Sociolinguística. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. *Anais [...]*. Natal: CONEDU, 2016.

LIMA, P. E. M.; LIMA, V. S. de. Padrão versus não-padrão: análise de discursos docentes acerca da variação linguística. In: III SIMPÓSIO NACIONAL DE LINGUAGENS E GÊNEROS TEXTUAIS - LINGUAGENS, GÊNEROS E DISCURSO, 2012, Campina Grande. *Anais [...]*. João Pessoa: Ideia, 2012. p. 976-989.

LIMA, P. E. M.; LUCENA, R. M. Comportamento variável da aquisição da coda medial por aprendizes de inglês como L2. *Revista do GELNE*, v. 14, p. 9-26, 2012.

LUCENA, R. M.; ALVES, M. S. P. *Aquisição da aspiração das consoantes oclusivas surdas por aprendizes de inglês como língua estrangeira*. In: ATAÍDE, C. (org.). *Estudos Linguísticos e Literários: caminhos e tendências – Artigos de Graduação*. São Paulo, SP: Pá de Palavra, 2019. v. 3. p. 1-778.

MORAIS E LIMA, P. E. *Atitudes linguísticas de paraibanos em relação ao seu próprio falar*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

PEDROSA, J. L. R.; LUCENA, R. M. Apagamento e vocalização em coda silábica. In: CASTILHO, A. et al. (org.). *História do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019. v. 3. p. 7-298.

PEDROSA, J. L. R.; LUCENA, R. M. Fonologia estruturalista. In: HORA, D. da; MATZENAUER, C. L. (org.). *Fonologia, Fonologias*. São Paulo: Contexto, 2017.

POSSATTI, L. *Acomodação dialetal de cariocas residentes em João Pessoa: uma análise sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

POSSATTI, L. Análise do processo de acomodação dialetal de cariocas em João Pessoa. In: ATAÍDE, C. et al. (org.). *Estudos Linguísticos e Literários: caminhos e tendências*. São Paulo: Pá de Palavra, 2019. v. 2. p. 316-324.

POSSATTI, L.; LUCENA, R. M. A realização variável da lateral /l/ em coda silábica por aprendizes brasileiros de inglês como L2. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIN, 8., 2013, Natal. *Anais [...]*. Natal: ABRALIN, 2013.

REIS, F. S. *Aquisição variável de sequências triconsonantais Ct/d]C por falantes campinenses de inglês como L2*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

REIS, F. S. Aquisição variável de sequências triconsonantais Ct/d]C por aprendizes campinenses de inglês como L2. In: ATAÍDE, C. (org.). *Estudos linguísticos e literários: caminhos e tendências*. São Paulo: Pá de Palavra, 2019. v. 2. p. 282-292.

REIS, F. S. Correções de Desvios ou Práticas Neo-imperialistas no Ensino de Pronúncia da Língua Inglesa? In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E ESTRANGEIRA E DE LITERATURA, 7., 2011, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: SELIMEL, 2011. p. 228-240.

REIS, F. S. The Usage of Weak Forms by a Brazilian Learner of English. In: SEMANA DE LETRAS, 14., 2008, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize Editora, 2008.

REIS, F. S.; LUCENA, R. M. Vowel insertion after coda plosives in the dialect of Paraíba (PB): reflections on the establishment of syllabic and social boundaries. *Investigações*, v. 33, p. 1-33, 2020.

REIS, F. S.; LUCENA, R. M. Variabilidade na produção das oclusivas coronais entre consoantes heterossilábicas por aprendizes campinenses de inglês como L2. *Domínios de Linguagem*, v. 13, p. 1596-1635, 2019.

SANTOS, O. S. A. *A lateral pós-vocálica em coda silábica: um panorama da velarização em contato dialetal*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SILVA, M. R.; GOMES, A. A. A.; SOUZA, R. V. Contato dialetal: discussões iniciais do falar paraibano em São Paulo. In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E ESTRANGEIRA E DE LITERATURA, 9., 2015, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: SecreTI Tecnologia da Informação, 2015. p. 1-20.

SILVA, M. R. *Contato linguístico: atitudes do falar paraibano em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SILVA, M. R.; LUCENA, R. M. Estudos sobre a acomodação linguística no Português Brasileiro: análise do processo de acomodação linguística de falantes paraibanos em São Paulo. In: MEDEIROS, I. A. de; BRAGA, C. de F.; BARBOSA, R. O. (org.). *Estudos sobre a acomodação linguística no Português Brasileiro: análise do processo de acomodação linguística de falantes paraibanos em São Paulo*. 21. ed. João Pessoa: UFPB, 2018. v. 21. p. 684-701.

SILVA, M. R.; GOMES, A. A. A.; LUCENA, R. M. *Algumas contribuições dos estudos de atitudes linguísticas para a Sociolinguística Variacionista*. São Paulo: Pé de palavra, 2019. v. 2. p. 38-48.

SILVA JR., E. F. As nasais do inglês em posição de coda silábica por falantes pessoenses: uma análise variacionista. In: ATAÍDE, C. (org.). *Estudos linguísticos e literários*. São Paulo: Pá de Palavra, 2019. p. 89-95.

SILVA, A. L. S.; MARTINS, I. F. M. O babado é certo: a gíria LGBT para o empoderamento linguístico. In: ENCONTRO DE LETRAS DO LITORAL NORTE DA PARAÍBA, 2., 2019, Mamanguape. *Anais [...]*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019. p. 644-654.

SILVA, P. F. Q. E.; LUCENA, R. M. A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos na paraíba. *Revista da ABRALIN*, v. 14, p. 431-468, 2015.

SILVA, P. F. Q. E. *A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos em João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SOUZA-SILVA, A. L.; LUCENA, R. M. de. A variável sexo/gênero em estudos sociolinguísticos: um panorama das três ondas. *PROLÍNGUA*, v. 16, n. 1, p. 178-188, 2021.

O ESTÁGIO INICIAL DE AQUISIÇÃO DAS SEQUÊNCIAS TRICONSONANTAIS Ct/dl_σC DO INGLÊS POR APRENDIZES CAMPINENSES DE LÍNGUA ADICIONAL (LA)³

Felipe Santos dos Reis

“A língua é a única terra natal”. (Czesław Miłosz)

Os debates em torno da linguagem remontam à Antiguidade Clássica da Grécia e da Índia, e, desde então, questionamentos sobre como as crianças se tornam falantes de uma língua têm emergido em diversas áreas do conhecimento humano ao longo da história, incluindo a Filosofia, a Teologia, a Antropologia, a Psicologia, a Biologia e a Neurociência. Dessa forma, especulações sobre a capacidade humana para a linguagem vêm permeando discussões, tanto na literatura quanto no senso comum (Stern, 1983), com suposições que propõem desde a atribuição de tal faculdade a uma origem divina (Robins; Crystal, 2020) até a visão inatista de que a linguagem é resultante de uma evolução biológica dentro da linhagem dos hominídeos, sobre a qual muito pouco se sabe ainda (Chomsky, 1997).

³ Este capítulo não poderia jamais ter sido desenvolvido sem as constantes orientação e colaboração do Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena e sem as observações meticulosas do Prof. Dr. Ubiratã Kickhöfel Alves.

Na busca por descrever e explicar os processos por meio dos quais não apenas as crianças, mas também pessoas jovens e adultas adquirem uma ou mais línguas, a área de Aquisição da Linguagem surge caracterizada pela sua cooperação multidisciplinar com áreas afins, abrangendo, sobretudo, interfaces dos campos teóricos da Linguística e da Psicologia (Scarpa, 2006). Assim, seus estudos abarcam a aquisição de línguas nativas, primárias ou maternas (designadas aqui como “L1”), bem como de línguas adicionais, estrangeiras ou segundas (referidas doravante como “LA”)⁴, quando há outra língua previamente disponível à falante.⁵

Na busca por investigar a aquisição fonológica de um padrão variável por parte de aprendizes campinenses de inglês como L2, conduzimos pesquisas (cf. Reis, 2019; Reis; Lucena, 2019, 2020a, 2020b) seguindo os caminhos amplamente reconhecidos da sociolinguística variacionista (Labov, 1963, 1966, 1972/2008). De modo geral, buscamos identificar quais fatores exercem influência na aquisição de sequências com (t)/(d) flanqueados por consoantes heterossilábicas. Com isso, descobrimos que as sequências triconsonantais Ct/d]_C se manifestaram foneticamente na IL do grupo de aprendizes campinenses com três saídas distintas, quais sejam: (1) uma que viola a restrição de fidelidade DEP, i.e., C.ti/di.C, como na palavra POSTMAN, produzida por um informante de nível básico de proficiência (H1) em LA como ['powʃtɪmɛn]; (2) outra cujos membros da entrada se mantêm fiéis na saída, ou seja, Ct/d.C, a exemplo da pronúncia de SWIFTNESS como ['swɪftnes] por um informante de nível avançado (H12); e, por fim, (3) uma última que viola a restrição MAX, com o apagamento das oclusivas coronais, ou seja, CØ.C, como a palavra POSTPONE produzida pelo mesmo informante de nível avançado como [p^hows'p^hõwn].

Além disso, os resultados indicam também que, de um total de 1.071 ocorrências produzidas por 24 falantes campinenses de inglês como LA, 49% demonstram a manutenção de todos os membros das sequências triconsonantais. Em outras palavras, foram produzidos 529 dados sem a aplicação de nenhuma

⁴ Seguindo o posicionamento de Leffa e Irala (2014) acerca dos usos de determinadas nomenclaturas ao longo da história do ensino de línguas com referência à outra língua aprendida e/ou ensinada, adotarei o termo “Língua Adicional” (LA) com referência ao inglês utilizado pelo grupo de aprendizes campinenses investigado aqui, que já falam o Português Brasileiro (PB) como sua L1, termo este usado, por sua vez, para indicar “[...] que uma pessoa adquiriu a língua na infância ou nos primeiros anos de vida (por isso, ‘primeira’ ou ‘nativa’) e, de modo geral, dentro da família (por isso, ‘materna’)” (Stern, 1983, p. 10, tradução nossa).

⁵ Artigos, numerais, demonstrativos, adjetivos, participípios e pronomes são sempre usados aqui no feminino, seja no singular ou no plural, com referência à espécie humana, subentendendo-se a concordância com “pessoa(s)”, p. ex., “à [pessoa] falante”.

estratégia de reparo para quebrar essa estrutura silábica marcada do inglês, a qual não ocorre no português brasileiro (doravante PB).

Os fatores selecionados como significativos para a aplicação de estratégias de reparo (i.e., apagamento e epêntese vocálica) em 51% dos dados contendo codas complexas fechadas por uma obstruinte coronal são: padrão de sonoridade das consoantes seguintes; índice de sonoridade das consoantes precedentes; e nível de proficiência LA. Vejamos, na Tabela 1, como se comportaram os diferentes grupos de aprendizes campinenses conforme o nível de proficiência, determinado com base nas pontuações atingidas no teste de nivelamento *Oxford Placement Test*⁶ (Allan, 2004):

Tabela 2.1 – Produções de Ct/d]_σC por aprendizes campinenses dos níveis básico, intermediário e avançado

Produções de Ct/d] _σ C	Nível Básico	Nível intermediário	Nível avançado	Total
Epêntese (C.ti/di.C)	43% (153/356)	23,1% (83/359)	14,6% (52/356)	26,9% (288/1.071)
Manutenção da estrutura (Ct/d.C)	36,2% (129/356)	54% (194/359)	57,9% (206/356)	49,4% (529/1.071)
Apagamento (CØ.C)	20,8% (74/356)	22,8% (82/359)	27,5% (98/356)	23,7% (254/1.071)

Fonte: Elaborada pelo autor.

É possível perceber que, das 356 ocorrências de Ct/d]_σC produzidas por informantes do nível básico, houve o acrescentamento de substância fonética em 153 sequências, o que representa 43% desse total. Ao criar uma nova sílaba, a inserção vocálica promove uma mudança na estrutura silábica da forma subjacente. Assim, a vogal alta anterior /i/ (que pode se manifestar como [i] em sílabas pretônicas e tônicas ou como [ɪ] em sílabas postônicas mediais e finais), inserida após [t,d] em 288 das 1.071 ocorrências de Ct/d]_σC, coloca essas consoantes extraviadas no ataque da nova sílaba criada, simplificando, com isso, as codas complexas, travadas por duas obstruintes.

A Tabela 1 ainda mostra que o acrescentamento de segmento vocálico nas saídas diminui à medida que o nível de proficiência aumenta. O mesmo ocorre com o apagamento de [t,d], cujas taxas também crescem conforme aumenta o nível de proficiência. Semelhantemente à epêntese, o apagamento das oclusivas

⁶ O teste é validado em mais de 30 países e contém 200 questões de múltipla escolha. A classificação obedeceu a três faixas de pontuação (cf. Dabbagh; Noshadi, 2014): entre 0-119, temos o nível básico; entre 120-149, temos o nível intermediário; e, por fim, entre 150-200, temos o avançado.

coronais também promove uma alteração na estrutura silábica, uma vez que a coda complexa da entrada também se torna simples na superfície com a eliminação de seu segundo membro, como ocorreu em 254 (ou seja, 23,7%) de todas as ocorrências capturadas.

A investigação proposta aqui lançará um novo olhar sobre o processo de aquisição das sequências triconsonantais $Ct/d]_C$ por parte de aprendizes campinenses de inglês como LA, buscando propor a formalização e a organização hierárquica das restrições que compõem a gramática da interlíngua no estágio inicial de aquisição, partindo da observação de nossos dados. Para tanto, realizamos uma simulação computacional por meio do *Software Praat* (Boersma; Weenink, 2019), com o Algoritmo de Aprendizagem Gradual (AAG),⁷ inserido no modelo da Teoria da Otimidade Estocástica (TOEst; Boersma; Hayes, 2001).

Consideramos que a simulação realizada é capaz de demonstrar o estágio inicial da trajetória desenvolvimental de aprendizes campinenses na aquisição de formas-alvo das sequências triconsonantais. Portanto, o processo de aquisição, à luz do AAG, caracteriza-se pelas diferentes reorganizações hierárquicas das restrições que representam o fragmento da gramática responsável pelo fenômeno estudado, em direção a produções de estruturas silábicas semelhantes às das formas-alvo (Alves, 2009; Matzenauer; Azevedo, 2017).

1. WAIT A MINUTE, MISTER POSTMAN...

A maior parte das palavras que apresentam as sequências triconsonantais de interesse para nossa investigação é caracterizada por ser bimorfêmica, de modo que os vocábulos contendo as oclusivas coronais entre duas consoantes podem ser formados a partir de sufixos (a exemplo de *-ness*, *-ly*, *-ment*, *-ful* etc.) ou por meio da composição (“*text+book*”, “*soft+cover*”, “*hand+ball*” etc.).

Assim, temos a ocorrência de $/t,d/$ na última posição das codas mediais complexas que compõem a estrutura silábica dos radicais (no caso de palavras formadas por sufixos) ou dos modificadores (no caso de substantivos compostos por justaposição). Os sufixos e as cabeças, por sua vez, apresentam o ataque de sua estrutura silábica preenchido, resultando, portanto, nas sequências triconsonantais $Ct]_C$ ou $Cd]_C$, como mostra a representação detalhada em (1):

⁷ Embora a literatura já tenha consagrado o uso das siglas do inglês GLA (de *Gradual Learning Algorithm*), SOT (de *Stochastic Optimality Theory*) e OT (de *Optimality Theory*), as siglas utilizadas neste capítulo seguem as traduções dessas expressões, i.e., AAG (de Algoritmo de Aprendizagem Gradual), TOEst (de Teoria da Otimidade Estocástica) e TO (de Teoria da Otimidade).

(1) Sequência consonantal em foco

–	C	C] _σ	C
		$\left[\begin{array}{l} - \text{soan} \\ - \text{cont} \\ + \text{cor} \\ + \text{ant} \end{array} \right]$	

Fonte: Elaborada pelo autor.

Diante do exposto, identificamos que as saídas contendo essas sequências triconsonantais, como as produzidas por 24 campinenses – sendo metade do gênero feminino e a outra metade do gênero masculino –, apresentaram três variantes nos 1.071 dados coletados. Mais especificamente, consideramos que as três variantes caracterizam diferentes etapas do processo de aquisição do fenômeno em questão, partindo da inserção de um segmento sem correspondente na entrada e passando pela produção de todos os segmentos presentes na sequência triconsonantal, até o apagamento de uma consoante coronal na forma superficial. Consequentemente, as formas que emergem com epêntese divergem daquelas encontradas no sistema-alvo, e, de fato, nossos dados apontam que foram mais favorecidas pelas falantes do nível básico de proficiência em inglês como LA. O sistema intermediário, por sua vez, seria caracterizado pela variação entre as sequências que são superficializadas com todos os seus três membros e as que são simplificadas pelo apagamento das coronais. Por fim, a aquisição plena das sequências Ct/d]_σC implicaria um estágio hierárquico que resulte em saídas categóricas com apagamento, tal como ocorre no inglês.

Temple (2014) analisa questões fonéticas relativas ao apagamento variável de (t,d) em encontros consonantais em posição final de palavras, fenômeno amplamente explicado por meio do modelo baseado em produção da fonologia lexical, que o entende “[...] como uma regra derivacional iterativa que se aplica variavelmente na fonologia lexical e pós-lexical” (Temple, 2014, p. 2). Ademais, partindo também de problemas teóricos e metodológicos apontados e de resultados divulgados pouco tempo antes, a autora levanta dúvidas quanto ao papel da restrição morfológica que serve de apoio à análise da fonologia lexical (a de que a elisão tende a ser mais fortemente aplicada nas formas monomorfêmicas do que nas bimorfêmicas, de tal modo que a oclusiva coronal do vocábulo “*mist*” é apagada com mais frequência do que a da palavra “*missed*”, por exemplo). A autora ainda sugere que:

Internamente à palavra, o apagamento é provavelmente lexicalizado na maioria dos casos, ocorrendo quase categoricamente em palavras como *grandmother*, *grandfather* e *Christmas*, mas também ocorre em substantivos compostos menos frequentes, como *landmarks* [...] e *second-hand* [...] (Temple, 2014, p. 12).

Portanto, segundo Temple (2014), a elisão das oclusivas coronais é quase categórica em palavras mais comuns, a exemplo de “*grandmother*” e “*Christmas*” – ambas presentes nos instrumentos de coleta utilizados por Reis (2019) –, sendo também aplicada em formas bimorfêmicas menos usuais. Assim, o sistema-alvo deverá resultar em formas de saída com apagamento das oclusivas coronais, como ocorre no inglês como L1. As restrições escolhidas serão apresentadas e explicadas.

2. RESOLVENDO O CONFLITO!

Levando em conta a observação de Boersma e Levelt (2003) de que, na Teoria da Otimidade (TO), a aquisição é concebida como um rearranqueamento de restrições, propomos uma formalização para o ordenamento inicial do processo de aquisição. De modo geral, a TO consiste em um modelo de análise linguística que parte das formas de superfície para descrever o funcionamento das gramáticas em termos de como interagem as restrições, entendidas como forças em conflito dentro desses sistemas, para a escolha de uma representação superficial ótima (Matzenauer; Azevedo, 2017). As restrições, de natureza universal e violável, podem ser divididas em, pelo menos, dois tipos básicos:⁸ *restrições de fidelidade*, que tomam a entrada como referência e militam contra disparidades entre as representações subjacente e superficial; e *restrições de marcação*, que impõem determinados critérios de boa formação à representação superficial, sem qualquer referência à forma subjacente (McCarthy, 2002).

No que se refere ao contato entre segmentos consonantais às margens silábicas, Murray e Vennemann (1983) propuseram a Lei do Contato Silábico (LCS) para explicar uma tendência que há nas línguas do mundo de contrastes de sonoridade maximizados entre os segmentos intersilábicos: quanto maior a sonoridade do segmento em coda e menor a sonoridade da consoante que segue no ataque, mais preferido é o contato silábico. Segundo os autores, pode ser observada uma gama de mudanças linguísticas induzidas como forma de evitar um crescimento de sonoridade nas margens silábicas, de modo que a relação entre a coda e o ataque seguinte é considerada mais harmônica quanto maior for a *queda* de sonoridade entre seus respectivos segmentos, como em (2), de acordo com Albert (2014, p. 36):

⁸ Há também as restrições de alinhamento generalizado, que não se inserem nos dois tipos básicos que compõem o binômio marcação/fidelidade (Bonilha, 2003; Schwindt, 2014).

(2) Contato silábico preferido segundo a LCS

$$-C1]_{\sigma} >]_{\sigma}C2$$

Fonte: Albert (2014, p. 36).

De (2) decorre que a sonoridade decrescente em /al.ta/ é mais preferível do que o contato em /at.la/, por exemplo (Seo, 2011), dado que a LCS, em sua versão baseada na noção de sonoridade, estabelece que: “um contato silábico A\$B é o mais preferido, quanto maior for a sonoridade do declive A e menor a sonoridade do aclave B” (Davis; Shin, 1999, p. 286). Como forma de discutir os contatos silábicos nas sequências Ct/d]σC, adotaremos a escala de sonoridade multivalorada proposta por Jespersen (1904 *apud* Clements, 1990, p. 285), esquematizada em (3):

(3) Escala de sonoridade

Glides	8
Róticos	7
Laterais	6
Nasais	5
Fricativas vozeadas	4
Oclusivas vozeadas	3
Fricativas desvozeadas	2
Oclusivas desvozeadas	1

Com base nos índices de sonoridade atribuídos às classes naturais de sons em (3), algumas distinções podem ser feitas no que concerne à distância de sonoridade dos membros que compõem as sequências consonantais com (t,d) flanqueados por consoantes heterossilábicas. Considerando os contatos compostos por C1 e C2, em que C1 pertence à coda e C2 pertence ao ataque, a Distância de Sonoridade (doravante DS) dessas consoantes é calculada pela diferença entre os índices de sonoridade de C1 e C2. Assim, essas sequências, que contêm (t,d) encerrando uma coda complexa, são consideradas menos marcadas quando houver uma sonoridade decrescente para o ataque da sílaba posterior, de acordo com a LCS.

A sequência triconsonantal estabelecida como nosso objeto de estudo é caracterizada pela presença de /t/ ou /d/ em posição final de sílaba no interior de palavras, como ilustram os vocábulos “*postcard*” e “*grandmother*”. Devido ao fato do índice de sonoridade das oclusivas desvozeadas se referir ao mais baixo na escala de sonoridade em (3), claramente não há nenhuma sequência em que a oclusiva coronal desvozeada tenha uma sonoridade mais baixa do que a da consoante heterossilábica posterior. Dessa forma, as sequências com /t/ ficam restritas a *plateaux* (em que esse segmento é seguido por outra oclusiva desvozeada) ou

reversões de sonoridade (quando há crescimento de sonoridade a partir de /t/ para a consoante da sílaba seguinte).

No que se refere à oclusiva coronal vozeada, por sua vez, há três movimentos possíveis de sonoridade. Quando /d/ vier seguido por oclusivas desvozeadas (como em “*grandkid*”, “*hardcover*”, “*handkerchief*”, “*handcuff*”) no ataque da sílaba subsequente, estaremos diante de sequências que obedecem à LCS – ainda que a queda de sonoridade não seja tão acentuada. Contudo, sílabas iniciadas com soantes e oclusivas vozeadas após codas travadas por /d/ apresentam reversões de sonoridade (a exemplo de “*blindness*” e “*grandmother*”) e *plateaux* (“*handbag*”) da coda para o ataque, respectivamente.

Passaremos à formalização e à organização hierárquica das restrições, constitutivas da análise do processo de aquisição de LA (Alves, 2008b), por meio da perspectiva da Teoria da Otimidade em sua versão estocástica (TOEst; Boersma; Hayes, 2001), que se distingue da versão clássica no que se refere à atribuição de valores numéricos às restrições e à sua vinculação a um algoritmo de aprendizagem (cf. Alves, 2017; Matzenauer; Azevedo, 2017), responsável por simular a aquisição da língua.

Na Simulação 1, partimos do pressuposto básico de que a aquisição de um padrão fonológico presente apenas na LA será caracterizada pela presença de restrições que já interagem na organização dos padrões da L1. Dessa forma, o estágio inicial de aquisição na interlíngua tenderá a obedecer ao ranqueamento da gramática de sua L1, adquirida a partir de um estágio em que as restrições de marcação dominam as de fidelidade, i.e., $M \gg F$. Isso significa que a gramática da criança a leva à produção de saídas menos marcadas no estágio inicial de aquisição de sua L1 e, ao longo do processo, vai sendo modificada a fim de permitir a emergência de estruturas mais marcadas (Azevedo, 2011). Vejamos a formalização das restrições que respondem pelo fenômeno em análise:

(4) Restrições de fidelidade (McCarthy; Prince, 1995)

- a. DEP: oposição à inserção de segmentos – os elementos da saída têm correspondentes idênticos na entrada (“DEP” corresponde a “DEPENDENCY”);
- b. MAX: oposição ao apagamento de segmentos – os elementos da entrada têm correspondentes idênticos na saída (“MAX” se refere a “MAXIMALITY”).

(5) Restrições de marcação

- a. *COMP: oposição a estruturas ramificadas (“*COMP” significa “*COMPLEX”).
- b. *PLOS_{CODA}: oposição a consoantes oclusivas em coda silábica (“*PLOS_{CODA}” é o mesmo que “PLOSIVE_{CODA}”).

Restrições de contato silábico (Gouskova, 2004):

- c. *DIST_{+4}: oposição à distância de sonoridade com crescimento de 4 pontos entre a coda e o ataque seguinte (“DIST” corresponde a “DISTANCE”).
- d. *DIST_{+3}: oposição à distância de sonoridade com crescimento de 3 pontos entre a coda e o ataque seguinte.
- e. *DIST_{+1}: oposição à distância de sonoridade com crescimento de 1 ponto entre a coda e o ataque seguinte.
- f. *DIST_{0}: oposição à distância de sonoridade com *plateaux* entre a coda e o ataque seguinte.
- g. *DIST_{-1}: oposição à distância de sonoridade de -1 entre a coda e o ataque seguinte.
- h. *DIST_{-3}: oposição à distância de sonoridade de -3 entre a coda e o ataque seguinte.
- i. *DIST_{-4}: oposição à distância de sonoridade de -4 entre a coda e o ataque seguinte.

Restrições conjuntas (Alves, 2008a, 2008b):

- j. [*{PLOS, FRIC}_{CODA} & *{DORS, LAB}/FRIC]_(CODA): oposição a oclusivas e a fricativas dorsais e labiais em coda silábica.

As restrições da família *DIST buscam distinguir as diferentes possibilidades de sequências consonantais da LA por meio da oposição a determinadas distâncias de sonoridade entre as consoantes heterossilábicas das sequências triconsonantais em análise. Para tanto, adotamos o mecanismo de Alinhamento Relacional, proposto por Gouskova (2004), que estabelece uma relação entre as restrições e a escala de sonoridade capaz de avaliar a harmonia entre codas e ataques das sílabas subseqüentes, bem como entre consoantes em margens silábicas complexas.

Dessa forma, a sequência consonantal em “*postman*”, por exemplo, viola a restrição *DIST_{+4}, na medida em que o crescimento de sonoridade de uma oclusiva desvozeada até uma nasal equivale a quatro pontos. Essa relação está de acordo com a hierarquia relacional do contato silábico, que se baseia na escala de sonoridade

de Jespersen (1904) em (3), em que glides (w) > róticos (r) > laterais (l) > nasais (n) > fricativas vozeadas (z) > oclusivas vozeadas (d) > fricativas desvozeadas (s) > oclusivas desvozeadas (t), como pode ser observado mais detalhadamente na Figura 2.1:

Figura 2.1 – Escala relacional do contato silábico.

mais harmônicos ← → menos harmônicos														
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
w.t	w.s	w.d	w.z	w.n	w.l	w.r	w.w	r.w	l.w	n.w	z.w	d.w	s.w	t.w
	r.t	r.s	r.d	r.z	r.n	r.l	r.r	l.r	n.r	z.r	d.r	s.r	t.r	
		l.t	l.s	l.d	l.z	l.n	l.l	n.l	z.l	d.l	s.l	t.l		
			n.t	n.s	n.d	n.z	n.n	z.n	d.n	s.n	t.n			
				z.t	z.s	z.d	z.z	d.z	s.z	t.z				
					d.t	d.s	d.d	s.d	t.d					
						s.t	s.s	t.s						
							t.t							
-7	-6	-5	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4	+5	+6	+7

Fonte: Gouskova (2004, p. 211).

Na primeira linha da escala, encontram-se enumeradas 15 colunas com os diferentes estratos que contêm os possíveis contatos com as mesmas distâncias de sonoridade às margens silábicas, que são especificadas na última linha, em que os sinais “-” e “+” representam queda e aumento de sonoridade, respectivamente. Haja vista a LCS em (1), o primeiro estrato, caracterizado pela queda mais acentuada de sonoridade entre as consoantes da coda e do ataque seguinte, contém a combinação da coda mais harmônica com o ataque mais harmônico. Com isso, gera as sequências menos marcadas, ao contrário daquelas no 15º estrato, que traz a combinação da coda menos harmônica com o ataque menos harmônico, representada por sequências de oclusivas desvozeadas seguidas de glides, com aumento de sonoridade equivalente a 7 pontos.

Partindo do pressuposto de que a distância de sonoridade entre segmentos em contato silábico pode ser controlada por restrições resultantes da combinação de posições silábicas e sonoridade relativa dos segmentos que as preenchem, o mecanismo do Alinhamento Relacional, como proposto por Gouskova (2004), possibilita a obtenção de restrições da família *DIST que apresentam um *ranking* fixo entre si, como se observa em (6):

(6) Hierarquia do contato silábico (Gouskova, 2004, p. 211):

*DIST_{+7} >> *DIST_{+6} >> *DIST_{+5} >> *DIST_{+4} >> *DIST_{+3} >> *DIST_{+2}
 >> *DIST_{+1} >> *DIST_{0} >> *DIST_{-1} >> *DIST_{-2} >> *DIST_{-3} >> *DIST_{-4}
 >> *DIST_{-5} >> *DIST_{-6} >> *DIST_{-7}

As sequências consonantais analisadas aqui encontram-se destacadas em cinza na Figura 2.1. Pesquisadoras como Azevedo (2011) e Keller (2010) realizaram análises de sequências consonantais do PB via TO e reforçam que, nessa língua, os contatos que se mantêm fiéis nas saídas, i.e., que seguem a ordem linear dos elementos da entrada, são aqueles que apresentam queda de sonoridade entre a coda e o ataque da sílaba seguinte. Keller (2010) propõe que as sequências com *plateaux* ou com aumento de sonoridade entre as consoantes heterossilábicas são superficializadas no PB com epêntese. Tal comportamento pode se refletir no estágio inicial de aquisição da LA, considerando que a organização hierárquica da interlíngua parte daquela encontrada na própria L1 das falantes.

Vejamos exemplos de palavras com as sequências capturadas em nossos dados que foram produzidas pelas participantes de modo semelhante às formas-alvo:

Figura 2.2 – Contatos silábicos analisados.

<i>handcuff</i>	<i>Grandkid</i>	<i>postcard</i>	<i>softcover</i>	<i>respectful</i>	<i>saintdom</i>	<i>postman</i>
[ŋØ.k]	[nd.k]	[sØ.k]	[ft.k]	[kt.f]	[nt.d]	[st.m]

Fonte: Elaborada pelo autor.

É importante perceber que os pares *handcuff/grandkid* e *postcard/softcover* possuem as mesmas DS na entrada, ou seja, oclusiva vozeada + oclusiva desvozeada (DS = -2) e oclusiva desvozeada + oclusiva desvozeada (DS = 0). Contudo, as formas de saída reparadas pelo apagamento da oclusiva coronal desvozeada tornam-se mais harmônicas do que aquelas que a mantêm, na medida em que a sonoridade passa de um *plateaux* a uma diminuição de -1.

O Conjunto de *Tableaux* 1 traz a simulação computacional, realizada por meio do *software Praat* (Boersma; Weenink, 2019), que representa o ranqueamento das restrições que responde pela emergência de epêntese para quebrar contatos silábicos com *plateaux* ou reversões de sonoridade, conforme a gramática do PB:

Figura 2.3 – Conjunto de Tableaux 1 – Estágio inicial de aquisição de Ct/d]_oC por aprendizes campinenses de LA.

		ranking value	disharmony	plasticity
	*DIST _{+4}	100.000	102.464	1.000000
[*{PLOS, FRIC} _{CODA} & *{DORS, LAB}/FRIC] _(CODA)		100.000	101.244	1.000000
*PLOS _{CODA}		100.000	101.147	1.000000
*DIST _{+3}		98.874	100.912	1.000000
*COMP		100.000	100.491	1.000000
*DIST _{+1}		98.121	97.746	1.000000
*DIST _{0}		98.013	96.623	1.000000
MAX		56.176	55.340	1.000000
DEP		43.380	40.910	1.000000
*DIST _{-1}		31.768	32.997	1.000000
*DIST _{-2}		2.326	3.290	1.000000
*DIST _{-4}		1.696	1.641	1.000000

/ndk/	*DIST _{+4}	*{PLOS, FRIC} _{CODA} & *{DORS, LAB}/FRIC] _(CODA)	*PLOS _{CODA}	*DIST _{+3}	*COMP	*DIST _{+1}	*DIST _{0}	MAX	DEP	*DIST _{-1}	*DIST _{-2}	*DIST _{-4}
[ni.di.k]									***			
☞ [n.di.k]									*		*	
[nd.k]			*!		*						*	
[ŋ.k]									*!			*

/fk/	*DIST _{+4}	*{PLOS, FRIC} _{CODA} & *{DORS, LAB}/FRIC] _(CODA)	*PLOS _{CODA}	*DIST _{+3}	*COMP	*DIST _{+1}	*DIST _{0}	MAX	DEP	*DIST _{-1}	*DIST _{-2}	*DIST _{-4}
☞ [fi.ti.k]									**			
[f.ti.k]		*!							*	*		
[fi.k]		*!	*		*		*					
[f.k]		*!						*		*		

/ktf/	*DIST _{+4}	*{PLOS, FRIC} _{CODA} & *{DORS, LAB}/FRIC] _(CODA)	*PLOS _{CODA}	*DIST _{+3}	*COMP	*DIST _{+1}	*DIST _{0}	MAX	DEP	*DIST _{-1}	*DIST _{-2}	*DIST _{-4}
☞ [ki.ti.f]									**			
[k.ti.f]			*!				*		*			
[kt.f]			*!*		*	*						
[k.f]			*!			*		*				

/stf/	*DIST _{+4}	*{PLOS, FRIC} _{CODA} & *{DORS, LAB}/FRIC] _(CODA)	*PLOS _{CODA}	*DIST _{+3}	*COMP	*DIST _{+1}	*DIST _{0}	MAX	DEP	*DIST _{-1}	*DIST _{-2}	*DIST _{-4}
[si.ti.f]									***			
☞ [s.ti.f]									*	*		
[st.f]			*!		*	*						
[s.f]							*!	*				

/ftm/	*DIST _{+4}	*{PLOS, FRIC} _{CODA} & *{DORS, LAB}/FRIC] _(CODA)	*PLOS _{CODA}	*DIST _{+3}	*COMP	*DIST _{+1}	*DIST _{0}	MAX	DEP	*DIST _{-1}	*DIST _{-2}	*DIST _{-4}
☞ [fi.ti.m]									**			
[f.ti.m]		*!							*	*		
[ft.m]	*!	*	*		*							
[f.m]		*!		*				*				

/stm/	*DIST _{+4}	*{PLOS, FRIC} _{CODA} & *{DORS, LAB}/FRIC] _(CODA)	*PLOS _{CODA}	*DIST _{+3}	*COMP	*DIST _{+1}	*DIST _{0}	MAX	DEP	*DIST _{-1}	*DIST _{-2}	*DIST _{-4}
[si.ti.m]									***			
☞ [s.ti.m]									*	*		
[st.m]	*!		*		*							
[s.m]				*!				*				

Fonte: Elaborado pelo autor.

Levando em consideração o fato de a simulação no Conjunto de *Tableaux* 1 representar o estágio inicial de aquisição das sequências triconsonantais Ct/d]_oC,

partimos de uma hierarquia inicial correspondente ao ordenamento da própria L1 das aprendizes de inglês como LA. Segundo Alves (2008a, p. 69), diversos trabalhos em aquisição de LA partem da premissa básica “[...] de que a hierarquia inicial em direção à segunda língua corresponde ao *ranking* da L1.” Com isso, vemos nos *tableaux* que as restrições de fidelidade (DEP e MAX) e as restrições que se opõem a contatos com queda de sonoridade ($\text{DIST}_{\{-1\}}$, $\text{DIST}_{\{-2\}}$ e $\text{DIST}_{\{-4\}}$) encontram-se demovidas e com valores centrais suficientemente inferiores aos das restrições de marcação em oposição às estruturas mais marcadas.

Diante de tais números, podemos observar que o algoritmo converge em direção à gramática do PB, o que é corroborado pelas porcentagens de emergência de cada forma candidata por meio do comando designado *output distributions*, conforme explica Alves (2017). Assim, embora os pesos centrais (referidos no Conjunto de *Tableaux* 1 como *ranking values*) de sete restrições de marcação sejam iguais ou próximos a 100 mil, as formas com epêntese após segmentos proibidos em coda no PB sempre surgirão como candidatas ótimas nas produções linguísticas de aprendizes campinenses durante o estágio inicial, haja vista a restrição de fidelidade DEP, que proíbe a epêntese, ser dominada pelas restrições de marcação: $\ast\text{DIST}_{\{+4\}}, [\ast\{\text{PLOS, FRIC}\}_{\text{CODA}} \& \ast\{\text{DORS, LAB}\} / \text{FRIC}]_{(\text{CODA})}, \ast\text{PLOS}_{\text{CODA}}, \ast\text{DIST}_{\{+3\}}, \ast\text{COMP}, \ast\text{DIST}_{\{+1\}}, \ast\text{DIST}_{\{0\}}, \gg \text{MAX} \gg \text{DEP} \gg \text{DIST}_{\{-1\}} \gg \text{DIST}_{\{-2\}}, \ast\text{DIST}_{\{-4\}}$.

Outro aspecto relevante para a compreensão do fenômeno envolve o uso da restrição conjunta $[\ast\{\text{PLOS, FRIC}\}_{\text{CODA}} \& \ast\{\text{DORS, LAB}\} / \text{FRIC}]_{(\text{CODA})}$, proposta por Alves (2008a, 2008b), que se torna necessária para distinguir o comportamento das aprendizes na produção das fricativas coronais e labiais em coda, uma vez que [s] ocorre pós-vocalicamente no falar das participantes, como em “mai[s]”, “ri[s]co” e “e[s]pelho”. O falar paraibano pode ser caracterizado, de modo geral, pela palatalização da fricativa /S/ em codas sucedidas por consoantes coronais, notadamente /t,d/, em palavras como fe[ʃ]ta”, “li[ʃ]ta”, “de[ʒ]de” e “de[ʒ]denhar”, em que o contexto fonológico seguinte atua como um condicionador decisivo para a ocorrência desse processo.

Assim, a fricativa coronal /S/ apresenta um comportamento variável em posição pós-vocálica no falar nativo das participantes, podendo se manifestar com variantes alveolares, palatais e aspiradas, ou ainda sofrer apagamento, em palavras como “di[s]co”, “ra[z]gar”, “pa[ʃ]ta”, “juri[ʒ]dição”, “de[h]ligar” e “poi[Ø]”, respectivamente. Dessa forma, falantes de Campina Grande, a segunda maior cidade do estado da Paraíba, palatalizam quase categoricamente /S/ em coda medial, mas *apenas* em contexto anterior às oclusivas dentais /t,d/ (Hora, 2003). Consequentemente, as fricativas desvozeadas coronal e labial requerem

uma análise formal que seja capaz de captar pertinentemente os comportamentos específicos dessas duas consoantes na aquisição das codas mediais complexas de que fazem parte.

Diante de tais observações, o ranqueamento das restrições apresentado no Conjunto de *Tableaux* 1 deve refletir a gramática inicial da interlíngua com o mesmo ordenamento da L1. Assim, as ocorrências de [f] em coda nas sequências triconsonantais são reparadas por epêntese nos candidatos escolhidos como ótimos, da mesma forma que acontece na própria L1 das aprendizes, como em “af[i]ta” (cf. Keller, 2011, p. 182). Isso se deve ao fato de que a manifestação de [f] em coda viola a restrição de marcação não dominada $[\ast\{PLOS, FRIC\}_{CODA} \& \ast\{DORS, LAB\}/FRIC]_{(CODA)}$. Assim, mesmo que, em outras avaliações, o ranqueamento sofra alteração com a adição de um ruído estatístico,⁹ o que corresponde a um novo momento de fala, $[\ast\{PLOS, FRIC\}_{CODA} \& \ast\{DORS, LAB\}/FRIC]_{(CODA)}$ continua sendo decisiva para a eliminação das formas [f.tl.m] e [f.m], enquanto as outras restrições de marcação não dominadas $\ast DIST_{\{+4\}}$, $\ast PLOS_{CODA}$ e $\ast COMP$ continuam garantindo a eliminação de [ft.m] e, com isso, a escolha da forma superficial com epêntese como candidata ótima.

Quando as restrições apresentam valores centrais com uma diferença menor que 10 entre si, pode haver variação na escolha das formas ótimas de saída: as restrições são rerranqueadas a partir de seus pontos de seleção (i.e., *disharmony*). Isso significa que as sete restrições de marcação mencionadas anteriormente dominam MAX, DEP, $DIST_{\{-1\}}$, $DIST_{\{-2\}}$ e $DIST_{\{-4\}}$, já que seus pontos de seleção são suficientemente superiores, de modo a impossibilitar uma sobreposição entre as faixas que compreendem os possíveis valores dos pontos de seleção dessas cinco restrições e os das sete restrições de marcação que as dominam.

A adoção de uma restrição conjunta com um efeito de oposição às fricativas labiais em coda (Alves, 2017) permite que haja acrescentamento de substância fonética apenas após a oclusiva coronal nas sequências /stf/ ou /stm/, encontradas em “*trustful*” ou “*postman*”, por exemplo, pois sua manifestação em tal posição não viola a mencionada restrição de marcação não dominada, que ocupa a segunda posição mais elevada no ranqueamento desse fragmento de gramática. O mesmo, aliás, pode ser observado em relação à nasal que precede as oclusivas coronais nas codas complexas das sequências em análise. A presença de [n] na coda garante uma queda de sonoridade de -2, que é permitida no PB, de tal modo que a forma [n.dl.k], que incorre em apenas uma violação à restrição de fidelidade

⁹ O valor do ruído estatístico (*noise*) definido como *default* no Praat (Boersma; Weenink, 2019) é 2.0, conforme Alves (2017).

DEP, é escolhida como ótima, enquanto a forma candidata [nɪ.dɪ.k], por exemplo, é eliminada, pois recebe duas marcas de violação.

3. REORDENANDO AS IDEIAS

A partir de dados de aquisição de sequências triconsonantais por aprendizes campinenses de inglês como LA, buscamos propor uma formalização para o estágio inicial do fragmento de gramática responsável pela produção dessas estruturas marcadas. Para tanto, partimos dos resultados de pesquisas sociolinguísticas que buscaram identificar os fatores que exercem influência nos fenômenos de epêntese vocálica e apagamento das coronais nos 1.071 dados analisados acusticamente e submetidos ao tratamento estatístico. Diante da importância da sonoridade das consoantes em contextos anterior e posterior a (t,d), adotamos o mecanismo de alinhamento relacional (Gouskova, 2004) para dar conta da ocorrência de epênteses no estágio inicial de aquisição, por meio de restrições de marcação que regulam a sonoridade dos contatos silábicos presentes nas sequências triconsonantais de interesse.

Os resultados da simulação computacional realizada por meio do software *Praat* mostram que o AAG foi capaz de convergir em direção à gramática correta, demonstrando que as restrições de fidelidade e de queda de sonoridade permitidas no PB encontram-se demovidas no estágio inicial de aquisição da LA. Em breve, serão divulgadas formalizações dos estágios intermediário e final.

4. REFERÊNCIAS

- ALBERT, A. *Phonotactic universals in Modern Hebrew*: Evidence for prosodic alignment of stops. M.A. Thesis, Tel-Aviv University, Tel Aviv, 2014.
- ALLAN, D. *Oxford Placement Test 1*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ALVES, U. K. A aquisição das sequências finais C fricativa C plosiva e C plosiva C plosiva do inglês por falantes do sul do Brasil: análise via Teoria da Otimidade. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 251-300, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2528>>. Acesso em: 03 nov. 2020.
- ALVES, U. K. *A Aquisição das Sequências Finais de Obstruintes do Inglês (L2) por Falantes do Sul do Brasil*: análise via Teoria da Otimidade. 2008. 337 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008a. Disponível

em: <<http://repositorio.pucrs.br:8080/dspace/bitstream/10923/4091/1/000399693-Texto%2BCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

ALVES, U. K. As sequências finais de [fricativa+plosiva] do inglês produzidas por falantes do Sul do Brasil: formalização e ranqueamento de restrições. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 8., 2008, Porto Alegre. *Anais* [...]. Pelotas: EDUCAT, 2008b.

ALVES, U. K. Teoria da Otimidade Estocástica e Algoritmo de Aprendizagem Gradual: princípios de funcionamento e tutorial para simulação computacional. *ReVEL*, v. 15, n. 28, 2017.

AZEVEDO, R. Q. *A epêntese no português brasileiro (L2), em segmentos plosivos em codas mediais, por falantes nativos do espanhol colombiano (L1): uma análise via Teoria da Otimidade Estocástica e Gramática Harmônica*. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2011.

BOERSMA, P.; HAYES, B. Empirical Tests of the Gradual Learning Algorithm. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 32, p. 45-86, 2001.

BOERSMA, P.; LEVELT, C. C. Optimality Theory and phonological acquisition. *Annual Review of Language Acquisition*, v. 3, p. 1-50, 2003.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat*: Doing phonetics by computer [Computer program]. Version 6.1.40. 2019. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em: 5 dez. 2021.

BONILHA, G. F. G. Teoria da Otimidade. In: MATZENAUER, C. L. B.; BONILHA, G. F. G. *Aquisição da fonologia e teoria da otimidade*. Pelotas: EDUCAT, 2003. p. 13-24.

BRAKEL, A. *Phonological markedness and distinctive features*. Bloomington: Indiana University Press, 1983.

CHOMSKY, N. Novos Horizontes no Estudo da Linguagem. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. esp., p. 51-74, 1997.

CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. E. (ed.). *Papers in Laboratory Phonology I: Between the grammar and physics of speech*. Cambridge: CUP, 1990. p. 283-333.

DABBAGH, A.; NOSHADI, M. Crossing Metacognitive Strategy Awareness in Listening Performance: An Emphasis on Language Proficiency. *International Journal of Applied Linguistics and English Literature*, New York, v. 3, n. 6, p. 234-242, 2014.

DAVIS, S.; SHIN, S.-H. The Syllable Contact Constraint in Korean: An Optimality-Theoretic Analysis. *Journal of East Asian Linguistics*, Boston, v. 8, n. 4, p. 285-312, 1999.

GIERUT, J.; CHAMPION, A. H. Syllable onsets II: Three-element clusters in phonological treatment. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, New York, v. 44, p. 886-904, 2001.

GOUSKOVA, M. Relational Hierarchies in Optimality Theory: The case of Syllable Contact. *Phonology*, v. 21, n. 2, p. 201-250, 2004.

GRIMSON, A. Culture and Identity: two different notions. *Social Identities*, v. 16, n. 1, p. 61-77, 2010.

HORA, D. da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2003.

JESPERSEN, O. *Phonetische Grundfragen*. Leipzig and Berlin: Teubner, 1904.

JOHNSON, D. E. *Rbrul version 2.29: A variable rule application in R*. 2015.

KAGER, R. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KELLER, T. *O papel da sonoridade no mapeamento de sequências consonantais*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

KELLER, T. O Alinhamento Relacional e o Mapeamento de Sequências Consonantais Heterossilábicas no Português Brasileiro. *Contexto* (UFES), v. 5, p. 174-193, 2011.

KRAUSS, R. M.; CHIU, C.-Y. Language and social behavior. In: GILBERT, D.; FISKE, S.; LINDSEY, G. (ed.). *Handbook of social psychology*. 4. ed. Boston: McGraw-Hill, 1997. v. 2. p. 41-88.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. *Word*, v. 19, p. 273-309, 1963. [Revised as Ch. 1 of LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press].

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics; Cambridge: Cambridge University Press, 1966.

LABOV, W. (1972). *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. *Uma*

espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014.

MATZENAUER, C. L. B.; AZEVEDO, R. Q. ReVEL na Escola: Fonologia em Teoria da Otimidade. *ReVEL*, v. 15, n. 28, 2017.

McCARTHY, J. Comparative markedness (long version). In: CARPENTER, A. C.; COETZEE, A. W.; DE LACY, P. (ed.). *Papers in Optimality Theory II*. Amherst: GLSA Publications, 2002. p. 171-246.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. S. Faithfulness and reduplicative identity. In: BECKMAN, J.; DICKEY, L. W.; URBANCZYK, S. (ed.). *UMOP 18: Papers in Optimality Theory*. University of Massachusetts, Amherst: GLSA, 1995. p. 249-384.

MURRAY, R. W.; VENNEMANN, T. Sound change and syllable structure in Germanic phonology. *Language*, v. 59, n. 3, p. 514-528, 1983.

PARKER, S. G. *Quantifying the Sonority Hierarchy*. Amherst: U Mass, 2002. [PhD dissertation].

REIS, F. S. dos. *Aquisição variável de sequências triconsonantais Ct/d]C por falantes campinenses de inglês como L2*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

REIS, F. S. dos; LUCENA, R. M. *Sonority effects in the production of the triconsonantal sequences Ct/d]σC by Brazilian learners of L2 English*. *Cadernos do Instituto de Letras (UFRGS)*, v. 61, n. 1, p. 260-297, 2020b.

REIS, F. S. dos; LUCENA, R. M. Variabilidade na produção das oclusivas coronais entre consoantes heterossilábicas por aprendizes campinenses de inglês como L2. *Domínios de Linguagem*, v. 13, n. 4, p. 1596-1635, 2019.

REIS, F. S. dos; LUCENA, R. M. Vowel insertion after coda plosives in the dialect of Paraíba (PB): reflections on the establishment of syllabic and social boundaries. *Investigações*, [on-line], v. 33, p. 1-33, 2020a.

ROBINS, R. H.; CRYSTAL, D. Language. *Encyclopedia Britannica Online*. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/language>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. v. 2. p. 203-230.

SCHWINDT, L. C. Teoria da Otimidade e Fonologia. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 236-257.

SEO, M. Syllable contact. In: VAN OOSTENDORP, M. et al. (ed.). *The Blackwell companion to phonology*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011. v. 2. p. 1245-1262.

SMIT, A. Phonological error distributions in the Iowa-Nebraska Articulation Norms Project: Word-initial consonant clusters. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 36, p. 931-947, 1993.

SPERBECK, M.; STRANGE, W. The perception of complex onsets in English: universal markedness? *Proceedings of the 33rd Annual Penn Linguistics Colloquium*, v. 16, n. 1, p. 194-204, 2010.

STERN, H. H. *Fundamental concepts of language teaching*. Oxford: OUP, 1983.

TEMPLE, R. A. M. Where and what is (t,d)? A case study in taking a step back in order to move sociophonetics forward. In: CELATA, C.; CALAMAI, S. (ed). *Advances in Sociophonetics* (Studies in Language Variation, 15). Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 97-136.

A APLICABILIDADE DE VOZES SINTÉTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA EM L2

Almir A. de A. Gomes

Ao falarmos em aprendizes de segunda língua (L2) em contexto exolingual, como aprendizes de inglês, espanhol, francês ou outra língua de não circulação cotidiana no país, observamos alguns obstáculos que lhes são comuns, como o acesso a uma pequena quantidade de *input* na L2 (Chapelle, 2003; Cardoso, Smith e Garcia Fuentes, 2015). Nesse sentido, Collins e Muñoz (2016) relatam que a aprendizagem de L2 nesses contextos exolingual, via de regra, apresenta *input* limitado, o que pode interferir na aprendizagem da língua.

Outro fator comum é o pouco domínio das habilidades orais de docentes de L2, como pode ser observado no Brasil (Brasil, 1998). Considerando que professores de escolas regulares, geralmente licenciados em Letras com habilitação em uma L2, frequentemente apresentam um baixo domínio oral da língua, a situação torna-se mais preocupante quando verificamos alguns dados (Brasil, 2014; British Council, 2015), os quais revelam que, muitas vezes, as aulas de L2 nas escolas regulares no Brasil sequer são ministradas por docentes com formação na área específica.

Entre os diversos fatores envolvidos no processo de aprendizagem de uma L2, a quantidade e a qualidade de *input* a que aprendizes estão expostos são fundamentais para que a aprendizagem ocorra. A essa realidade, na qual muitos discentes brasileiros já sofriam com *input* de L2 em pouca quantidade e nem sempre

de qualidade (Brasil, 1998; Brasil, 2017), soma-se a crise sanitária causada pela pandemia da Covid-19, que assolou o mundo a partir do início de 2020 e afetou diretamente estudantes de ensino básico, especialmente de escolas públicas, que tiveram as aulas suspensas. Como consequência, a retomada das aulas, de forma remota e de maneira precária, em muitos contextos, só ocorreu após um longo período, e, assim, muitos estudantes passaram a sequer ter *input* na L2.

Adotar o ensino remoto exigiu que docentes, que nunca antes haviam trabalhado dessa forma, desenvolvessem estratégias para continuar fornecendo ferramentas necessárias para que aprendizes pudessem ter um mínimo aceitável de aprendizagem da L2. Nesse sentido, é fundamental compreender o processo de aprendizagem de L2 para construir estratégias para o ensino, seja presencial ou remoto, assim como para utilizar ferramentas que auxiliem nesse processo de ensino e aprendizagem de uma segunda língua.

Diante desse cenário de desafios ao ensino e à aprendizagem de L2 em contexto exógeno, já havíamos investigado o papel da Consciência Fonológica, doravante CF, no uso da epêntese vocálica em posição inicial de vocábulos antes de *clusters* sC, como em [isneik] e [sneik] para *snake*, por aprendizes brasileiros de língua inglesa (Gomes, 2015), adotando como arcabouço metodológico a sociolinguística variacionista (Bayley, 2005; Tarone, 2007; Labov, [1972] 2008). Para tanto, os informantes da pesquisa foram estratificados em dois grupos: 1) discentes do curso de Letras com habilitação em língua inglesa que já haviam cursado a disciplina Fonética e Fonologia formaram o grupo experimental; e 2) aprendizes de língua inglesa que não haviam recebido instrução formal sobre a fonética e a fonologia da língua inglesa ou de qualquer outra língua formaram o grupo controle.

Do nosso ponto de vista, a condição do grupo experimental levava esses discentes a apresentarem um conhecimento formal sobre a fonética e a fonologia da língua inglesa. Sendo assim, esperávamos que tais informantes não produzissem a epêntese vocálica inicial antes de *clusters* sC em língua inglesa, ou que sua produção fosse proporcionalmente menor à produção do grupo controle.

Por outro lado, esperávamos que os informantes do grupo controle fossem mais propensos a se distanciarem da pronúncia padrão da língua inglesa, usando a epêntese vocálica inicial antes de *clusters* sC como uma estratégia de produção oral na língua-alvo por não haver a estrutura silábica de *clusters* sC em posição de início de sílabas em sua língua materna. Assim, sem um conhecimento explícito da estrutura silábica da L2, eles teriam mais dificuldades em perceber a forma

mais acurada da pronúncia do fenômeno investigado e utilizariam estratégias de reparo com base na sua L1 para a produção desses sons.

Ao mencionar o termo CF no estudo, consideramos que essa consciência é fruto de “um processo de reflexão do sistema sonoro da língua alvo” (Gomes, 2015, p. 72). Sendo assim, o falante com CF seria capaz de analisar e julgar de forma consciente os sons ouvidos de cuja língua ele tenha consciência. Portanto, consideramos que essa habilidade de refletir sobre a língua que se está adquirindo é desenvolvida a partir de um trabalho de instrução explícita a respeito dos fenômenos em questão.

No entanto, surpreendentemente, os resultados obtidos pela investigação a partir de uma análise de oitiva apontaram que os aprendizes de inglês como L2 que não haviam passado por instrução formal de fonética e fonologia produziram menos epêntese vocálica inicial antes de *clusters* sC, aproximando-se mais da língua-alvo, do que os informantes que tiveram instrução formal em algum momento de suas vidas, distanciando-se da forma-alvo (Gomes, 2015). Esse fato nos intrigou e nos instigou a aprofundarmos a discussão a respeito do papel da CF na aquisição fonológica de L2 (Gomes, 2019).

1. A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA EM L2

Os falantes de uma língua podem refletir e manipular o código linguístico em diversos níveis, como nas estruturas sintáticas, nos aspectos semânticos ou pragmáticos, bem como no nível sonoro da língua. Assim, a reflexão no nível fonológico da língua é possível em virtude do que denominamos de CF. Logo, compreendemos que a CF é parte da consciência metalinguística, sendo a habilidade de refletir sobre a estrutura fonológica da língua, independentemente de seu conteúdo semântico, e de identificar que as palavras são formadas por pequenas unidades sonoras que podem ser manipuladas para a formação de novas palavras (Silva, 2014).

Sendo a CF uma sensibilidade do indivíduo aos sons da língua, por conseguinte a reflexão e a manipulação são elementos-chave para a compreendermos. A manipulação do sistema sonoro da língua engloba a habilidade de fracionar a língua oral em componentes menores, de apagar, substituir ou acrescentar sons a uma palavra, assim como ser capaz de perceber se determinada palavra apresenta uma sequência sonora bem formada, segundo os padrões fonotáticos da língua à qual pertence.

Considerando o contexto de L1, a CF é desenvolvida principalmente durante a infância, bem como durante o processo de alfabetização. Por sua vez, a CF em L2 é desenvolvida a partir do momento em que o indivíduo passa a aprender a língua, em muitos casos em um contexto formal de aprendizagem. Embora Alves (2012a) compreenda que a CF da L1 e da L2 não são habilidades isoladas – visto que no processo de aquisição de L2 muitas vezes tais aprendizes utilizam a capacidade de reflexão e manipulação dos sons da L1 –, apresentar níveis profundos de CF da L1 não é sinônimo de mesmo nível de CF na L2.

Nesse sentido, compreendemos que a transferência de conhecimentos fonológicos da L1 realizada por tais aprendizes durante o processo de aquisição de L2 para conceberem o sistema fonológico da língua-alvo pode tanto ter efeitos positivos quanto negativos. Ela pode ser positiva quando se trata de aspectos contemplados pelas duas línguas; porém, pode ser negativa quando se trata de elementos que não são comuns às duas línguas (Silva, 2014).

Assim, por meio de uma seleção de trabalhos (Aquino, 2009; Macedo, 2011; Perozzo, 2013; Teixeira, 2013; Araújo, 2014; Gómez Lacabez; Gallardo Del Puerto, 2014; Silva 2014; Moraes; Lima, 2014; Gomes, 2015; Wong *et al.*, 2017) que vão ao encontro das características da CF previamente discutidas, verificamos que, embora diversos termos tenham sido utilizados (consciência fonológica, consciência fonológica explícita, consciência, instrução explícita, ensino explícito de pronúncia, instrução formal, instrução, tempo de estudo formal, treinamento consciente, atenção, nível de proficiência na L2), todos fazem referência ao mesmo processo, no qual aprendizes de L2 têm a habilidade de refletir e manipular os sons da língua, ou seja, a estrutura fonológica, independentemente do conteúdo da mensagem. Além disso, outra característica da CF, investigada em tais aprendizes, é a habilidade de reconhecer o sistema fonológico de sua L1 e o de sua L2, assim como as convergências e as diferenças entre esses dois sistemas.

Embora os trabalhos (Alves, 2004; Centeno-Pulido, 2004; Navarro, 2008; Counselman, 2010; Teixeira, 2013; Araújo, 2014; Moraes e Lima, 2014) utilizem uma nomenclatura variada, conforme observamos, ainda assim acreditamos que o termo mais adequado e que contempla as nuances desse processo cognitivo é “consciência fonológica”. Acreditamos, ainda, que é importante verificar indícios de CF em aprendizes durante as investigações, pois, conforme verificamos em alguns trabalhos (Centeno-Pulido, 2004; Martínez Asís, 2004; Lima, 2008; Lima Junior, 2008; Kuo, 2013) citados durante a análise, optou-se por assumir que os informantes da pesquisa tinham CF na L2, diante de determinadas circunstâncias, como o fato de haverem recebido instrução explícita a respeito de fenômenos

fonológicos na língua-alvo. Entretanto, conforme observamos, apenas admitir esse fator parece ser insuficiente para a confiabilidade dos resultados.

Em um segundo momento, analisamos os dados e os resultados das pesquisas sobre aquisição fonológica de L2 que, de alguma forma, tomaram a CF como um fator desse processo de aquisição. Nesse momento, podemos observar que, em 90% dos trabalhos analisados, essa variável teve uma influência na aquisição fonológica de L2. Ainda que, em uma parcela pequena desses trabalhos, os dados não tenham sido estatisticamente significativos para apontar o papel positivo da CF na aquisição da L2, os resultados sugerem um direcionamento positivo para a variável em questão.

Conforme podemos observar na maioria dos trabalhos analisados, aprendizes de L2 que apresentam indícios de CF tendem a ter um melhor desempenho nas habilidades tanto de percepção quanto de produção dos sons da língua-alvo. Nesse sentido, observamos que a CF habilita os indivíduos a ter uma visão mais ampla do sistema fonológico de sua L1, do sistema fonológico da L2, assim como das semelhanças e das diferenças entre esses sistemas fonológicos. Dotados dessa habilidade, aprendizes têm um desempenho mais eficiente na L2.

Diante disso, parece-nos que fomentar o desenvolvimento da CF em aprendizes de L2 seja um caminho tão positivo quanto oferecer *input* em quantidade, qualidade e variabilidade. Como observamos em alguns trabalhos, em determinados momentos tais aprendizes têm acesso ao *input* de qualidade na L2, mas não conseguem fazer as distinções fonológicas necessárias, uma vez que o som é recebido por meio do crivo fonológico de sua L1. Assim, acreditamos que o acesso ao *input* amplo e variado e o desenvolvimento da CF na L2 sejam dois fatores complementares e importantes para a aquisição fonológica da língua, uma vez que permitem que essa aquisição seja retroalimentada mutuamente por esses dois processos.

Embora o papel da CF na aquisição fonológica de L2 seja discutível, uma vez que se argumenta sobre a aquisição de modo inconsciente (Krashen, 1981), com base em alguns trabalhos (Alves, 2012b; Wrembel, 2015; Chi, 2016; Gutierrez, 2016) verificamos que, para a aquisição ocorrer, é necessário algum nível de consciência por parte de tais aprendizes. Dessa forma, mesmo que muitos indivíduos não consigam verbalizar nenhum tipo de conhecimento explícito a respeito do sistema fonológico da L2, é possível que momentos de atenção consciente ocorram durante o processo de aquisição para que esta se dê.

Ainda como discutimos neste trabalho, identificar e impulsionar o desenvolvimento da CF em aprendizes de L2 é importante para compreendermos o processo de aquisição fonológica de L2, pois, por meio dos indícios de CF em

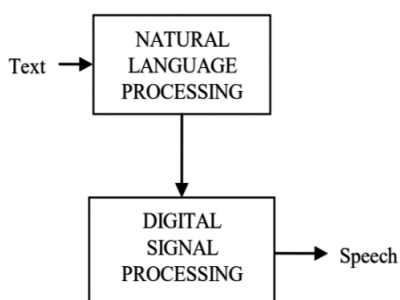
tais aprendizes, é possível termos vestígios desse processo de aquisição. Por outro lado, não encontramos nenhum registro no qual a CF tenha atuado como um inibidor da aquisição fonológica de L2, o que evidencia o seu papel positivo nesse processo. Diante disso, compreendemos que fomentar o desenvolvimento da consciência dos sons da língua-alvo é benéfico para o processo de aquisição fonológica da língua.

Como mencionado, diante das dificuldades da maior parte das escolas públicas brasileiras, faz-se necessário buscar alternativas que contribuam para o processo de aprendizagem de L2. Nesse sentido, buscamos compreender como sintetizadores de voz (SVs) podem desenvolver a CF em L2 por meio de *input* amplo e de qualidade.

2. O USO DE SVS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CF EM L2

Podemos compreender um SV como um programa computacional ou aplicativo desenvolvido por meio de módulos para gerar voz a partir de um texto escrito em computadores pessoais ou dispositivos móveis (Soler-Urzúa, 2011; Bione, 2017). Os SVs funcionam basicamente a partir de dois módulos: um que transforma o texto escrito em fonemas e outro que processa os fonemas e os transforma em voz (Soler-Urzúa, 2011), como podemos observar de maneira simplificada na Figura 3.1 a seguir:

Figura 3.1 – Diagrama simplificado do funcionamento de um SV.



Fonte: Onaolapo *et al.* (2014, p. 582).

Os SVs não reproduzem palavras gravadas em voz humana. Na verdade, eles geram frases usando textos escritos como *input*, visto que seria impraticável armazenar arquivos de áudio de todas as palavras de uma língua (Onaolapo *et al.*, 2014). Sendo assim, os SVs produzem uma voz sintética a partir de modelos do trato vocal humano.

Considerando a disponibilidade dos SVs e de seus recursos, bem como as dificuldades em um contexto estrangeiro de aprendizagem de línguas, como é o caso da aprendizagem de L2 no Brasil, entendemos que podemos nos beneficiar dessa ferramenta para o desenvolvimento da CF em L2. Sendo os SVs ferramentas que podem ser utilizadas além da sala de aula, observamo-los como uma possibilidade de oferecer *input* em quantidade ilimitada a aprendizes de L2, o que pode ser um diferencial para lidar com essa situação desafiadora de ensino-aprendizagem de L2 no Brasil, principalmente por suas funcionalidades e características, como a perspectiva da aprendizagem autorregulada e da aprendizagem ubíqua.

Investigações (Cardoso, Smith; Garcia Fuentes, 2015; Bione, 2017) demonstram que a voz sintética avaliada foi percebida como comparável à voz humana e vista de maneira positiva pelos informantes. Entretanto, os aprendizes de L2 em contexto endolingual (Cardoso, Smith e Garcia Fuentes, 2015) não avaliaram positivamente o uso de SVs como uma ferramenta pedagógica, ao passo que aprendizes de L2 em contexto exolingual (Bione, 2017) o avaliaram de maneira positiva. Diante disso, procuramos verificar também a avaliação da qualidade das vozes sintéticas do *NaturalReader10* (NR) por aprendizes do Brasil de inglês como L2, conforme discutiremos mais adiante.

Apesar de utilizar tecnologia na aprendizagem de L2 desde os anos 1950 e 1960 (Guclu; Yigit, 2015), o uso de SVs para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem de L2 é bem recente. Isso se dá especialmente por se tratar de uma ferramenta de recente desenvolvimento e que ainda está em processo de melhoramento, pois, até há bem pouco tempo, os SVs não apresentavam qualidade suficiente para equiparar-se à voz humana, e, por isso, bastantes aprendizes de L2 não utilizavam tal ferramenta na aprendizagem de uma língua.

Entretanto, com os avanços da tecnologia, a cada dia essas ferramentas têm aproximado cada vez mais a voz virtual da voz real. Esse fato de apenas há pouco tempo termos um aprimoramento dos SVs provavelmente colaborou também para que houvesse pouquíssimas pesquisas (Cardoso; Smith; Garcia Fuentes, 2015; Bione, 2017; Gomes; Cardoso; Lucena, 2018) sobre a possibilidade de uso de SVs na aprendizagem de L2 e, mais especificamente, o uso de SVs como um aliado para o desenvolvimento da CF e a aquisição fonológica de L2.

¹⁰ O NaturalReader é um programa de voz sintética. O programa dispunha, quando coletamos dados, de 57 vozes sintéticas, contemplando várias línguas e mesmo diversas variedades de uma língua. Além disso, o NR permitia controlar a taxa de elocução ou velocidade da voz dentro de um gradiente de treze velocidades diferentes.

Apesar de tais programas não conseguirem reproduzir a complexidade da voz humana, devemos ter em mente que eles têm utilidade na aprendizagem de L2 (Kilickaya, 2006). O autor ressalta também que se trata de uma tecnologia que se torna mais eficiente a cada dia, como já mencionamos anteriormente. Como afirma Bione (2017), a voz sintética já não é mais vista como uma voz robótica, sendo até equiparada à voz humana em termos de inteligibilidade e compreensibilidade.

Infelizmente observamos que no geral essa pouca quantidade de *input* à qual o aprendiz tem acesso é bastante limitada quanto à variedade, sendo o professor uma das únicas fontes de acesso ao *input* na L2.

3. A UTILIZAÇÃO DE VOZES SINTÉTICAS NO DESENVOLVIMENTO DA CF EM L2: UM ESTUDO EMPÍRICO

Com o objetivo de analisar como a utilização de uma ferramenta de voz sintética pode contribuir para o aprimoramento da CF em aprendizes de L2 e tomando como base Cardoso, Smith e Garcia Fuentes (2015), Bione (2017) e Gomes, Cardoso e Lucena (2018), que investigaram a qualidade de vozes sintéticas para a aquisição fonológica de aspectos específicos de uma L2, tivemos que fazer algumas escolhas. Dessa forma, optamos primeiro por utilizar vozes sintéticas do NR, por razões técnicas; optamos também por investigar o desenvolvimento da CF em aprendizes de inglês, falantes nativos de PB em contexto exolingual; por fim, elegemos um fenômeno da língua inglesa para observarmos a CF dos informantes a seu respeito, isto é, as formas alomórficas (/t/, /d/ ou /ɪd/) do passado dos verbos regulares (-ed) na língua inglesa (Rossini *et al.*, 2018).

Salientamos que, embora a nossa discussão abarque a aquisição de L2 no geral, optamos por restringir nosso estudo empírico à aprendizagem de língua inglesa em contexto brasileiro, ou seja, como L2, por questões de viabilidade financeira, técnica e operacional da pesquisa.

Para verificarmos a viabilidade de aprimorar a CF de aprendizes brasileiros de inglês como L2 por meio de uma ferramenta de voz sintética, foram selecionados 13 informantes, adultos falantes nativos de PB, residentes no interior do estado da Paraíba, aprendizes de inglês como L2 em contexto formal de ensino. Para a triagem inicial dos informantes, optamos por selecionar indivíduos que já houvessem concluído ou estivessem cursando o ensino médio como requisito mínimo para participar do estudo. Assim, a faixa etária predominante ficou entre 25 e 35 anos de idade.

Os informantes foram recrutados a partir de convites a pessoas que conhecíamos e indicações de outras pessoas com o possível perfil de que precisávamos. A coleta de dados deu-se de maneira individual em uma única sessão e durou em torno de uma hora e meia a duas horas. A parte da coleta mais demorada foi o uso do sintetizador de voz, pois precisávamos que os informantes tivessem contato com *input* de voz sintética por certo tempo para podermos avaliar os efeitos no desenvolvimento da CF destes.

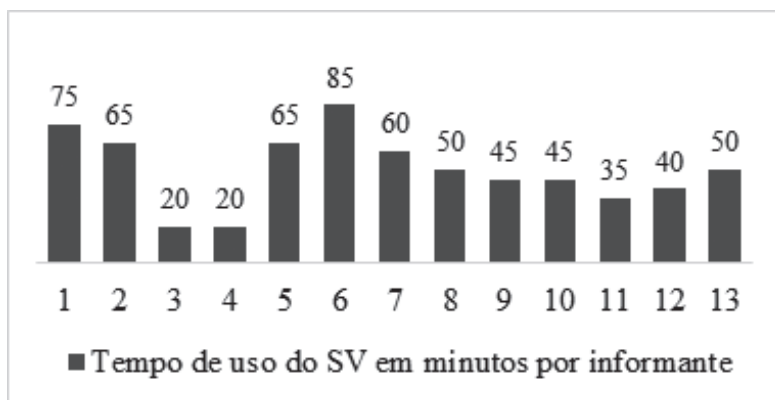
Após explicarmos brevemente que eles iriam realizar algumas tarefas de produção e de escuta da língua inglesa, além de utilizar um programa no computador, solicitamos que lessem e completassem o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido e o questionário sociocultural. Em seguida, passamos para as tarefas, explicando uma de cada vez.

Com o objetivo de analisarmos a eficácia da utilização de uma ferramenta de voz sintética no aprimoramento da CF em aprendizes de L2, optamos pelo seguinte delineamento para este estudo: coletamos os dados em sessões únicas individuais, nas quais cada participante realizou uma série de tarefas desenvolvidas para avaliarmos indícios de CF desses informantes no início (pré-teste) e no final da sessão (pós-teste) após a utilização do SV para a execução de algumas tarefas.

Antes da realização das tarefas com o SV, apresentamos brevemente o website do NR, como acessá-lo, suas principais funções, como eles poderiam inserir as palavras ou os textos, entre outras características. Deixamos os informantes à vontade para escolher entre ouvir os áudios utilizando um fone de ouvido ou utilizando o próprio sistema de som do *notebook* no qual as atividades foram realizadas. Para tanto, utilizamos um *notebook Acer Swift 3 SF314-51 Windows 10 Home Intel® Core™ i5-6200U 2.3 GHz; Dual-core*. Para as gravações da produção dos informantes, utilizamos um gravador de voz digital zoom H1.

Os informantes seguiram seu próprio ritmo para realizar as atividades utilizando o SV. Sendo assim, alguns utilizaram a ferramenta por mais tempo, enquanto outros a utilizaram por menos tempo. Na Figura 3.2, a seguir, podemos observar o tempo de utilização de cada informante da pesquisa para a realização das tarefas.

Figura 3.2 – Tempo de uso do SV. Eixo vertical – tempo em minutos de uso do SV; eixo horizontal – informantes.



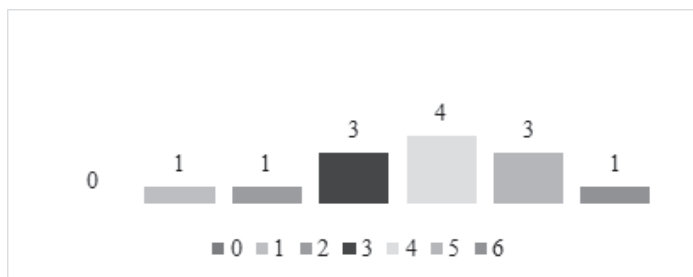
Fonte: Gomes (2019, p. 129).

Como podemos observar, no geral os informantes utilizaram o SV por um tempo médio de 50 minutos. Dois informantes (3 e 4) utilizaram o SV por um tempo muito curto, o que pode ter influenciado nos resultados de seus pós-testes. Entretanto, se desconsiderarmos o tempo desses dois informantes, teremos um tempo médio de 56 minutos.

Após a realização das tarefas com o uso do SV e antes da aplicação dos pós-testes, solicitamos que os informantes da pesquisa avaliassem¹¹ as vozes sintéticas, como um todo, quanto a três atributos: a compreensibilidade, a naturalidade e a precisão ou acurácia. Esses atributos dizem respeito a quanto os informantes percebem tais falas de forma compreensível, semelhantes à fala humana e corretas, respectivamente. Para tanto, eles utilizaram uma escala de Likert de 7 níveis para avaliar as vozes. Na Figura 3.3, podemos observar os dados dessa avaliação para a compreensibilidade:

¹¹ Embora a avaliação das vozes sintéticas tenha acontecido em uma das últimas etapas da coleta de dados, optamos por apresentar primeiramente esses resultados por acreditarmos que são importantes para o prosseguimento ou não das análises a serem realizadas.

Figura 3.3 – Avaliação das vozes sintéticas quanto à compreensibilidade. Eixo vertical – quantidade de informantes que escolheu a referida pontuação na escala de avaliação; eixo horizontal – escala de avaliação das vozes sintéticas.



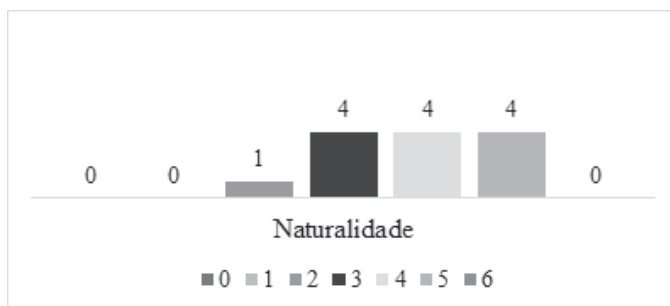
Média: 4.76.

Fonte: Gomes (2019, p. 133).

Os dados mostram que a avaliação dos informantes no que tange ao atributo compreensibilidade das vozes sintéticas do NR foi 4.76 em média, em uma escala de 0 a 6 (Figura 3.3). Esses dados demonstram que as vozes sintéticas do NR são compreensíveis para aprendizes de inglês como L2 desde níveis básicos a intermediários.

Os informantes da pesquisa avaliaram também a naturalidade das vozes sintéticas, ou seja, o quão próximas das vozes humanas estão as vozes sintéticas do programa NR utilizadas para a realização das tarefas. Podemos observar a avaliação desse segundo critério na Figura 3.4.

Figura 3.4 – Avaliação das vozes sintéticas quanto à naturalidade. Eixo vertical – quantidade de informantes que escolheu a referida pontuação na escala de avaliação; eixo horizontal – escala de avaliação das vozes sintéticas.



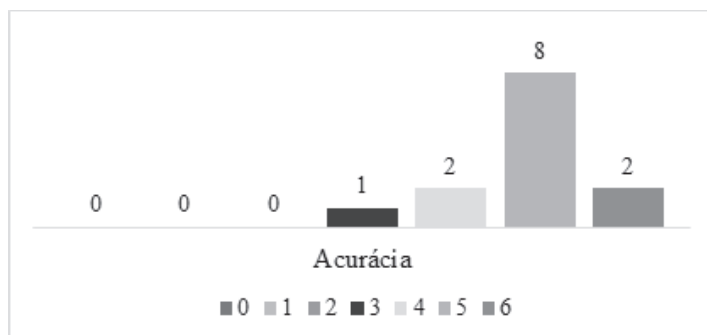
Média: 4.84.

Fonte: Gomes (2019, p. 133).

Os dados demonstram que, em uma escala de 0 a 6, os informantes consideram as vozes sintéticas utilizadas como semelhantes à naturalidade da voz humana em 4.84 de média (Figura 3.4). Os dados confirmam a qualidade das vozes disponíveis nos SVs e o potencial para serem utilizados na aprendizagem de L2.

Por fim, solicitamos que os informantes avaliassem a precisão das vozes sintéticas, ou seja, o quão correta eram (Figura 3.5).

Figura 3.5 – Avaliação das vozes sintéticas quanto à acurácia. Eixo vertical – quantidade de informantes que escolheu a referida pontuação na escala de avaliação; eixo horizontal – escala de avaliação das vozes sintéticas.



Média: 5.84.

Fonte: Gomes (2019, p. 134).

A avaliação da precisão das vozes sintéticas pelos informantes apresenta uma média de 5.84, demonstrando que os aprendizes brasileiros de inglês como L2, informantes desta pesquisa, perceberam as vozes sintéticas como corretas. Esses dados vêm ao encontro de nossa discussão a respeito de utilizar os SVs como ferramenta complementar à sala de aula para fornecer *input* de qualidade e em quantidade, principalmente em contexto de aprendizagem de L2, em que a interação com outros falantes da língua é escassa.

Dos três itens analisados, a melhor avaliação foi da acurácia da pronúncia dos SVs (média: 5.84). Por outro lado, os itens com a avaliação mais baixa foram a naturalidade (média: 4.84) e a compreensibilidade (média: 4.76) das vozes, embora também tenham obtido uma nota alta na avaliação.

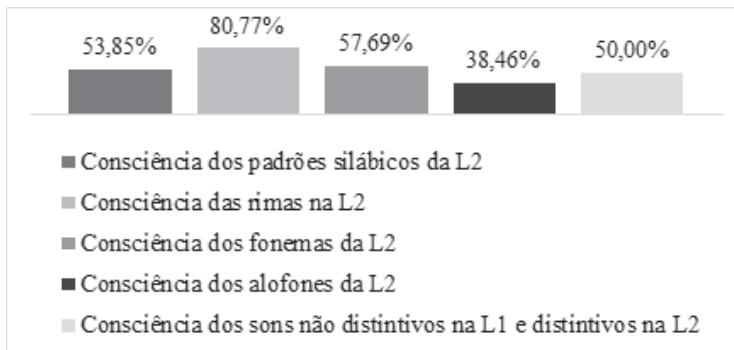
Quanto aos testes de percepção e de produção, tanto os dados de percepção quanto os de produção apresentados nos revelam a importância da aquisição fonológica de L2, o que reforça nosso posicionamento a respeito da pronúncia nativa da L2. Acreditamos que a aquisição fonológica, bem como estar ciente dos fenômenos fonológicos da língua-alvo, ou seja, apresentar certos níveis de CF, é

importante também para a compreensibilidade entre falantes. Em outras palavras, ter capacidade de perceber o tempo verbal das frases, sem precisar se deter a informações periféricas, como os referenciais de tempo, por exemplo, parece-nos importante para uma interação efetiva na L2. Semelhantemente, consideramos importante ter habilidade para realizar esses fenômenos na L2.

Além da percepção auditiva e da produção do fenômeno investigado pelos informantes, procuramos verificar também índices de CF em cada um dos 5 níveis mencionados por Alves (2012b): consciência dos padrões silábicos da L2; consciência das rimas na L2; consciência dos fonemas da L2; consciência dos alofones da L2; e consciência dos sons não distintivos na L1 e distintivos na L2. Apresentaremos os dados relativos a cada um desses níveis e, no final, os dados gerais para CF na L2.

Assim como na verificação da percepção e da produção, aplicamos um pré-teste de CF antes das atividades realizadas com o SV e um pós-teste após a utilização do NR. A Figura 3.6 traz os dados relativos aos cinco níveis de CF na L2, referentes ao pré-teste.

Figura 3.6 – Dados do pré-teste de CF.



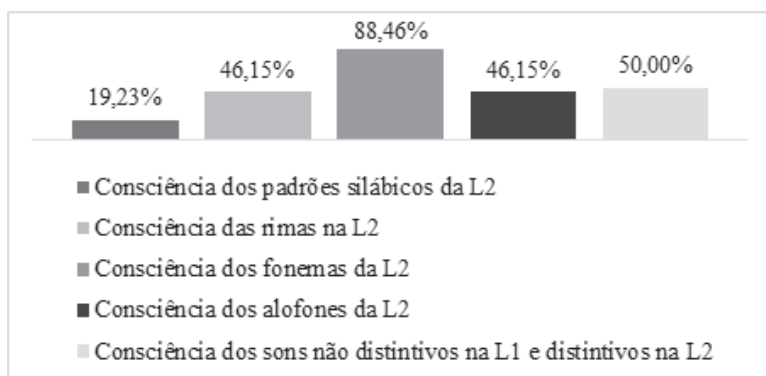
Fonte: Gomes (2019, p. 155).

Em uma escala de 0 a 26 pontos, podemos observar nos dados da Figura 3.6 que os informantes apresentaram níveis de CF na L2 razoáveis (consciência dos padrões silábicos da L2 – 53,85%; consciência das rimas na L2 – 80,77%; consciência dos fonemas da L2 – 57,69%; consciência dos alofones da L2 – 38,46%; e consciência dos sons não distintivos na L1 e distintivos na L2 – 50%), principalmente se considerarmos que eles apresentam, em sua maioria, nível básico ou intermediário de proficiência na língua-alvo. O curioso é que o nível de CF na L2 no qual os informantes apresentaram o menor índice foi o nível de consciência dos

sons não distintivos na L1 e distintivos na L2. Esse dado nos ajuda a compreender a produção e a percepção dos informantes apresentados anteriormente, pois as formas alomórficas /t/, /d/ e /ɪd/ estão relacionadas ao fenômeno de alofonia na L2.

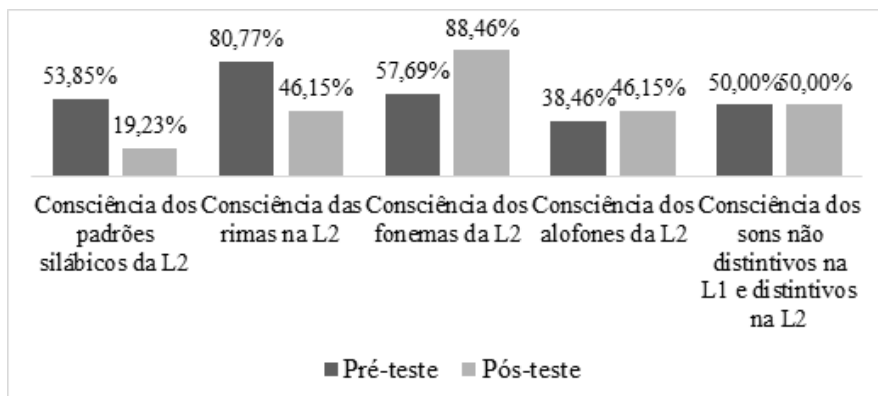
Após a utilização dos SVs, repetimos a aplicação do teste de CF na L2 para verificarmos se houve alguma atuação do *input* de voz sintética na consciência do fenômeno de alofonia que investigamos. Na Figura 3.7, podemos observar os dados do pós-teste de CF:

Figura 3.7 – Dados do pós-teste de CF.



Fonte: Gomes (2019, p. 156).

Os dados da Figura 3.7 nos mostram que houve um aumento na identificação esperada no pós-teste de CF em relação ao pré-teste em dois níveis – consciência dos fonemas (de 57,69% para 88,46%) e dos alofones da L2 (de 38,46% para 46,15%). Em relação ao nível de consciência dos sons não distintivos na L1 e distintivos na L2, o índice de 50% permanece inalterado, enquanto para os outros dois níveis – consciência dos padrões silábicos e das rimas na L2 – os números não foram favoráveis, havendo uma redução de 53,85% para 19,23% e de 80,77% para 46,15%, respectivamente.

Figura 3.8 – Comparação entre o pré-teste e o pós-teste de CF por níveis.

Fonte: Gomes (2019, p. 157).

Com relação à variação entre os dados do pré-teste e do pós-teste de consciência dos padrões silábicos da L2, o teste de Wilcoxon¹² demonstra que as medianas não se comportam igualmente ao nível de 5% de significância, rejeitando a hipótese nula, o que indica, por conseguinte, que as amostras (pré-teste e pós-teste) apresentam diferença estatisticamente significativa, como podemos observar na Tabela 3.1.

Tabela 3.1 – Dados comparativos entre o pré-teste e o pós-teste de consciência fonológica dos padrões silábicos da L2

Sinal	Obs.	Soma dos ranks	Soma esperada dos ranks	Significância	
				z ^d	p-valor ^e
Postos positivos ^a	8	76	38	2.801	0.0051
Postos negativos ^b	0	0	38		
Empate ^c	5	15	15		
Total	13	91	91		

Notas: ^a Pré-teste > Pós-teste; ^b Pré-teste < Pós-teste; ^c Pré-teste = Pós-teste; ^d Normal padrão; ^e Significância estatística.

Fonte: Gomes (2019, p. 157).

Para a variação dos dados comparativos entre o pré-teste e o pós-teste de consciência das rimas da L2, o teste *t-student* também rejeita a hipótese nula, e, portanto, as medianas não se comportam igualmente ao nível de 5% de significância.

¹² Teste não paramétrico equivalente ao teste *t-student* (Wilcoxon, 1945).

Assim, as amostras (pré-teste e pós-teste) apresentam diferença estatisticamente relevante, como podemos observar na Tabela 3.2.

Tabela 3.2 – Dados comparativos entre o pré-teste e o pós-teste de consciência fonológica das rimas da L2

Variável	Obs.	Média	Erro-padrão	t^a	p-valor ^b	Normalidade ^c	
						z^d	p-valor ^b
Pré-teste	13	0.8077	0.0702	2.6349	0.0218	-1.0210	0.8462
Pós-teste	13	0.4615	0.1053			-3.9170	0.9999

Notas: ^a Normal padrão do teste t de Student; ^b Significância estatística; ^c Teste Shapiro-Wilk para normalidade; ^d Normal padrão para o teste de normalidade.

Fonte: Gomes (2019, p. 158).

Considerando a variação entre os dados do pré-teste e do pós-teste de consciência dos fonemas da L2, a hipótese nula é rejeitada pelo teste de Wilcoxon, indicando que as medianas não se comportam igualmente ao nível de 5% de significância. Portanto, as amostras (pré-teste e pós-teste) apresentam diferença estatisticamente relevante, como podemos observar na Tabela 3.3.

Tabela 3.3 – Dados comparativos entre o pré-teste e o pós-teste de consciência fonológica dos fonemas da L2

Sinal	Obs.	Soma dos <i>ranks</i>	Soma esperada dos <i>ranks</i>	Significância	
				z^d	p-valor ^c
Postos positivos^a	1	8.5	35	-1.974	0.0484
Postos negativos^b	6	61.5	35		
Empate^c	6	21	21		
Total	13	91	91		

Notas: ^a Pré-teste > Pós-teste; ^b Pré-teste < Pós-teste; ^c Pré-teste = Pós-teste; ^d Normal padrão; ^e Significância estatística.

Fonte: Gomes (2019, p. 158).

Com relação à diferença dos dados comparativos entre o pré-teste e o pós-teste de consciência dos alofones da L2, o teste de Wilcoxon não rejeita a hipótese nula, e, com isso, as medianas se comportam igualmente ao nível de 5% de significância. Embora a Figura 3.6 tenha mostrado um acréscimo de 7.69% na diferença entre os acertos do pós-teste em relação ao pré-teste para a consciência dos alofones da L2, estatisticamente as medianas de acertos dos informantes não

apresentaram diferença significativa. Portanto, o uso dos SVs não incorreu no desenvolvimento da CF dos informantes com relação à consciência dos alofones da L2, como podemos observar na Tabela 3.4.

Tabela 3.4 – Dados comparativos entre o pré-teste e o pós-teste de consciência fonológica dos alofones da L2

Sinal	Obs.	Soma dos <i>ranks</i>	Soma esperada dos <i>ranks</i>	Significância	
				<i>z</i> ^d	<i>p</i> -valor ^e
Postos positivos^a	3	30	40.5	-0.768	0.4423
Postos negativos^b	6	51	40.5		
Empate^c	4	10	10		
Total	13	91	91		

Notas: ^a Pré-teste > Pós-teste; ^b Pré-teste < Pós-teste; ^c Pré-teste = Pós-teste; ^d Normal padrão; ^e Significância estatística.

Fonte: Gomes (2019, p. 158).

Para a variação entre os dados do pré-teste e do pós-teste de consciência dos sons não distintivos na L1 e distintivos na L2, o teste *t-student* também rejeita a hipótese nula, demonstrando que as medianas não se comportam igualmente ao nível de 5% de significância. Isso indica, portanto, que as amostras (pré-teste e pós-teste) apresentam diferença estatisticamente significativa, como podemos observar na Tabela 3.5, a seguir:.

Tabela 3.5 – Dados comparativos entre o pré-teste e o pós-teste de consciência fonológica dos sons não distintivos na L1 e distintivos na L2

Variável	Obs.	Média	Erro-padrão	<i>t</i> ^a	<i>p</i> -valor ^b	Normalidade ^c	
						<i>z</i> ^d	<i>p</i> -valor ^b
Pré-teste	13	0.3846	0.1005	-0.5620	0.5845	-6.3200	1.0000
Pós-teste	13	0.4615	0.0684			-6.1190	1.0000

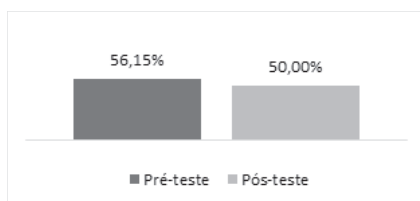
Notas: ^a Normal padrão do teste *t* de Student; ^b Significância estatística; ^c Teste Shapiro-Wilk para normalidade; ^d Normal padrão para o teste de normalidade.

Fonte: Gomes (2019, p. 159).

Esses números podem ser justificados pelas tarefas com o uso do SV pelos informantes que abrangiam principalmente esses dois níveis de CF que sofreram um impacto positivo do pré-teste para o pós-teste. Na Figura 3.9, a seguir, podemos

observar os resultados da CF dos informantes, no geral, e comparar o movimento do pré-teste para o pós-teste.

Figura 3.9 – Comparação entre o pré-teste e o pós-teste de CF no geral.

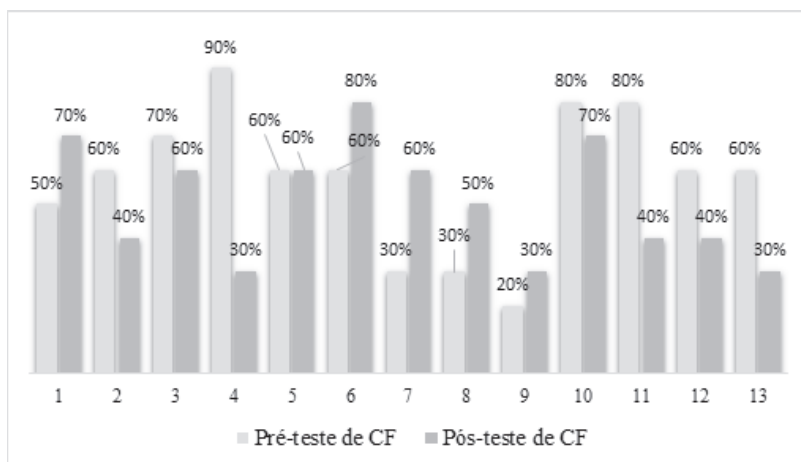


Fonte: Gomes (2019, p. 159).

Observamos, na Figura 3.9, que o índice geral de CF na L2 sofreu uma pequena alteração negativa do pré-teste para o pós-teste, indicando uma queda de 6,15%. Além disso, na Figura 3.10, a seguir, podemos observar que o Informante 04 apresentou uma distorção nos resultados em relação aos outros informantes, o que pode ter contribuído para esse resultado encontrado.

Podemos identificar também como se deu o desempenho individual dos informantes no pré-teste e no pós-teste, para efeitos de comparação de tais resultados. Na Figura 3.10, observamos que cinco informantes conseguiram apresentar um melhor resultado no pós-teste em comparação aos resultados do pré-teste, enquanto um informante manteve a pontuação e outros sete informantes obtiveram uma pontuação menor no pós-teste.

Figura 3.10 – Comparação entre os dados individuais do pré-teste e o pós-teste de CF.



Fonte: Gomes (2019, p. 160).

Os dados mais intrigantes são aqueles do informante 04, que conseguiu 90% de aproveitamento no pré-teste de CF e apenas 30% no pós-teste, enquanto os outros informantes obtiveram resultados mais equilibrados. Se compararmos esses dados com os dados da Figura 3.2, observaremos que os Informantes 03 e 04, que obtiveram uma redução do índice de CF na L2 do pré-teste para o pós-teste (10% e 60% respectivamente), foram os que utilizaram o SV pelo período mais curto – 20 minutos cada.

Portanto, diante dos dados discutidos, percebemos que a utilização dos SVs no desenvolvimento da CF em aprendizes de L2 parece ter um papel positivo, principalmente se sua utilização no processo ensino-aprendizagem de uma L2 for realizada de forma complementar ao trabalho de instrução explícita do professor de L2. Ou seja, acreditamos que a aquisição fonológica de L2 pode acontecer de maneira mais eficaz quando há um processo conjunto, no qual há o desenvolvimento da CF dos aprendizes da L2 de maneira explícita e sistemática e, complementarmente a esse processo, o acesso desses aprendizes a *input* em quantidade, qualidade e variabilidade ampla.

Os resultados de percepção evidenciaram que a utilização do SV contribuiu positivamente para a percepção auditiva do fenômeno investigado, havendo um aumento em termos percentuais entre o pré-teste e o pós-teste de identificação das frases no tempo passado. Nesse sentido, constatamos que o contato com *input* amplo e de forma manipulável por meio do uso da ferramenta de voz sintética contribuiu para aprimorar a percepção dos informantes da pesquisa.

Para verificarmos a produção de aprendizes após a utilização do SV, aplicamos um pré-teste e um pós-teste mais controlado, nos quais os informantes realizaram a leitura de uma lista de palavras contendo o fenômeno investigado. Ao mesmo tempo, aplicamos um pré-teste e um pós-teste em um contexto menos controlado, nos quais eles responderam a uma entrevista sobre personagens fictícios convertendo verbos do infinitivo para o tempo passado.

Os resultados da produção mais controlada demonstram que houve um aprimoramento da produção dos alomorfes da marca de passado dos verbos regulares, em termos percentuais, entre o pré-teste e o pós-teste. O alomorfe /ɪd/ apresentou o melhor resultado, seguido do alomorfe /d/, enquanto para o alomorfe /t/ não houve melhora percentual. Em relação à produção espontânea, os dados revelam que, em termos gerais, houve uma redução da produção esperada. Entretanto, os testes de média realizados não conferem significância estatística para esses dados.

Avaliamos, ainda, a eficácia do SV no desenvolvimento da CF explícita de aprendizes de inglês como L2, com base no fenômeno específico investigado.

Para tanto, realizamos a coleta de dados também por meio de um pré-teste e um pós-teste e levamos em consideração cinco níveis de CF na L2. Os resultados demonstram uma pequena redução nos índices gerais de CF entre o pré-teste e o pós-teste de CF, a qual não consideramos significativa. Em relação aos níveis de CF na L2, os resultados apontam que o aumento percentual mais expressivo foi no nível de consciência dos fonemas da L2, no nível da consciência dos alofones e da consciência dos sons não distintivos na L1 e distintivos na L2. Por outro lado, a consciência dos padrões silábicos e a consciência das rimas sofreram redução percentual entre o pré-teste e o pós-teste.

Além disso, os últimos estudos na área (Kilickaya, 2006; Soler-Urzúa, 2011; Cardoso; Smith; Garcia Fuentes, 2015; Liakin; Cardoso; Liakina, 2017) demonstram que as vozes sintéticas desses programas têm sido bem avaliadas quanto a critérios como: compreensibilidade, naturalidade, acurácia e inteligibilidade. Esses dados foram corroborados por nossos informantes, os quais avaliaram, em uma escala de 0 a 6, o SV NR quanto à compreensibilidade (4.75), à naturalidade (4.75) e à acurácia (5.91) das vozes. Observamos que esses índices são muito próximos daqueles de Bione (2017), confirmando, assim, a potencialidade das vozes sintéticas para serem utilizadas, de forma complementar à sala de aula, para o fornecimento de *input* personalizado aos aprendizes de L2.

Dessa forma, reiteramos que identificar e impulsionar o desenvolvimento da CF nos aprendizes de L2 é importante para compreendermos o processo de aquisição fonológica de L2, pois, por meio dos indícios de CF nos aprendizes, é possível termos vestígios desse processo de aquisição. Por outro lado, não encontramos nenhum registro no qual a CF atuou como um inibidor da aquisição fonológica de L2, o que comprova seu papel positivo nesse processo. Diante disso, fica evidente que fomentar o desenvolvimento da consciência dos sons da língua-alvo é benéfico para o processo de aquisição fonológica da língua.

Isto posto, acreditamos que cumprimos os objetivos propostos para este trabalho em relação à discussão do papel da CF na aquisição fonológica de L2. Além disso, ressaltamos que, embora o foco de nosso estudo seja a aprendizagem de L2, as contribuições das vozes sintéticas podem ir muito além do desenvolvimento da CF e mesmo da aquisição fonológica de L2, podendo ser utilizadas de maneira fértil em outras áreas relacionadas à voz e à aprendizagem.

Entretanto, como o conhecimento científico nunca está acabado, ao concluirmos este trabalho, verificamos algumas lacunas que podem ser contempladas em outras investigações a respeito das discussões aqui realizadas. Entre as limitações desta pesquisa, citamos a quantidade pequena de informantes (13 indivíduos), dada a

dificuldade que tivemos em conseguir aprendizes de L2 que se disponibilizassem a participar da pesquisa, principalmente ao informarmos que algumas de suas etapas seriam gravadas. Uma segunda limitação diz respeito à quantidade de tempo de uso dos SVs pelos aprendizes (tempo médio de 50 minutos por informante), pois, levando em conta o *input* recebido, quanto maior o tempo de *input* de voz sintética, provavelmente melhores seriam os resultados alcançados. Nesse sentido, acreditamos que pesquisas com um número maior de informantes, assim como com experimentos que possam levar os aprendizes a um maior tempo de contato com o *input* dos SVs, possam trazer conclusões mais contundentes para a questão aqui analisada.

Por fim, uma questão que percebemos foi a disparidade entre as L2 investigadas dos trabalhos selecionados para a discussão, sendo a maior parte dos trabalhos a respeito de aquisição de inglês como L2. Assim, investigar o papel da CF na aquisição de outras línguas em contextos diversos de aprendizagem parece-nos interessante para confirmar as discussões presentes neste trabalho. Ainda em relação à desproporção entre os trabalhos analisados, observamos também que a maior parte desses investiga indivíduos falantes nativos de PB, aprendizes de L2. Assim, mais uma vez, fica evidente a necessidade de mais pesquisas que examinem a aquisição de L2 por falantes nativos de outras línguas.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, U. K. Consciência dos aspectos fonéticos/fonológicos da L2. In: LAMPRECHT, R. R. *et al. Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012b. p. 169-191.

ALVES, U. K. *O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela Teoria da Otimidade*. 2004. 335 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2004.

ALVES, U. K. O que é consciência fonológica. In: LAMPRECHT, R. R. *et al. Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012a. p. 29-41.

AQUINO, C. D. *Uma discussão acerca da consciência fonológica em LE: o caminho percorrido por aprendizes brasileiros de inglês na aquisição da estrutura silábica*. Rio Grande do Sul: PUC, 2009.

ARAÚJO, E. M. G. D. *A variação da lateral na interlíngua de estudantes brasileiros de espanhol*. Tese (Doutorado em Linguística e ensino) – Programa de Pós-Graduação em Linguísticas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

BAYLEY, R. Second language acquisition and sociolinguistic variation. *Intercultural Communication Studies*, v. 14, n.2, 2005, p. 1-15.

BIONE, T. *Synthetic voices in the foreign language context*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Educação, Concordia University, Montreal, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo Escolar da Educação Básica 2013*: resumo técnico. Brasília: O Instituto, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo Escolar da Educação Básica 2016*: notas estatísticas. Brasília: O Instituto, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: A Secretaria, MEC/SEF, 1998.

BRITISH COUNCIL. *O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira*. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf>. Acesso em: 03 out. 2017.

CARDOSO, W.; SMITH, G.; GARCIA FUENTES, C. Evaluating text-to-speech synthesizers. In: HELM, F. et al. (ed.). *Critical CALL – Proceedings of the 2015 EUROCALL Conference*, Padova, Italy. Dublin: Research-publishing.net., 2015. p. 108-113.

CENTENO-PULIDO, A. *Efectos de la enseñanza explicita de pronunciación en estudiantes de español de nivel intermedio*. Dissertação Mestrado em Linguística) – Universitat de València, Espanha, 2004.

CHAPELLE, C. *English Language Learning and Technology: Lectures on applied linguistics in the age of information and communication technology*. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 2003. v. 7.

CHI, D. N. Intake in second language acquisition. *Hawaii Pacific University TESOL Working Paper Series*, v. 14, p. 76-89, 2016.

COLLINS, L.; MUÑOZ, C. The foreign language classroom: Current perspectives and future considerations. *The Modern Language Journal*, v. 100(S1), p. 133-147, 2016.

COUNSELMAN, D. *Improving pronunciation instruction in the second language classroom*. Tese (Doutorado em Linguística) – The Graduate School Department of Spanish, The Pennsylvania State University, 2010.

GOMES, A. A. de A. *A epêntese vocálica inicial em clusters [sC] por aprendentes brasileiros de inglês como LDE*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

GOMES, A. A. de A. *A Epêntese Vocálica Inicial por Aprendentes Brasileiros de Inglês: Uma Análise Variacionista*. Campina Grande, EDUEFG, 2015.

GOMES, A. A. de A. *Contribuições das vozes sintéticas para o desenvolvimento da consciência fonológica em L2*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

GOMES, A. A.; CARDOSO, W.; LUCENA, R. M. Can TTS help L2 learners develop their phonological awareness? In: TAALAS, P. et al. (ed.). *Future-proof CALL: language learning as exploration and encounters – short papers from EUROCALL 2018*, p. 29-34, 2018.

GÓMEZ LACABEZ, E.; GALLARDO DEL PUERTO, F. Raising perceptual phonemic awareness in the EFL classroom. *Proceedings of the International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech Concordia Working Papers in Applied Linguistics*, v. 5, 2014.

GUCLU, B.; YGIT, M. S. Using text to speech software in teaching Turkish for foreigners: The effects of text to speech software on reading and comprehension abilities of African students. *Journal in Humanities*, v. 4, n. 2, p. 31-33, 2015.

GUTIERRES, A. *Variação na aquisição fonológica: análise da produção da nasal velar em inglês (L2)*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

KILICKAYA, F. Text-To-Speech Technology: What Does It Offer To Foreign Language Learners? *CALL-EJ Online*, v. 7, n. 2, p. 7-2, 2006.

KRASHEN, S. *Second language acquisition and second language learning*. Oxford: Pergamon, 1981.

KUO, L.-H. *Improving Implicit Learning and Explicit Instruction of Adult and Child Learners of Chinese*. Utah: Brigham Young University, 2013.

LABOV, W. [1972]. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LIAKIN, D.; CARDOSO, W.; LIAKINA, N. The pedagogical use of mobile speech synthesis (TTS): focus on French liaison. *Computer Assisted Language Learning*, v. 30, n. 3-4, p. 348-365, 2017.

LIMA JÚNIOR, R. *Pronunciar para comunicar: uma investigação sobre o efeito do ensino explícito da pronúncia na aula de LE*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

LIMA, J. C. Ensino de Pronúncia: Uma Experiência de Prática Distintiva de Vogais do Inglês. In: RAUBER, A. S.; WATKINS, M. A.; BAPTISTA, B. O. (ed.). *New Sounds 2007: Proceedings of the Fifth International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. p. 300 -312.

MACEDO, M. H. *O Papel da Instrução Explícita na Aquisição dos Padrões de Vozeamento Final do Inglês por Aprendizes Brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2011.

MARTÍNEZ ASÍS, F. *Estudio de una intervención pedagógica para la enseñanza de la pronunciación inglesa en 4º curso de la E.S.O.* Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Departamento de Filologia Inglesa. Universidad de Murcia, Murcia – Espanha. 2004.

MORAIS E LIMA, P. E. *A Palatalização do /S/ Pós-Vocálico: Uma Análise Variacionista da Transferência Fonológica do Falar Paraibano (L1) na Aquisição de Inglês (L2)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

NAVARRO, F. R. *Factores que influyen en el acento extranjero: estudio aplicado a aprendices estadounidenses de español*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidad de Salamanca, Salamanca, 2008.

ONALAPO, *et al.* A simplified overview of text-to-speech synthesis. *Proceedings of the World Congress on Engineering*, Vol I, Londres, 2014, p. 582-584.

PEROZZO, R. V. *Percepção de oclusivas não vozeadas sem soltura audível em codas finais do inglês (L2) por brasileiros: o papel do contexto fonético-fonológico, da instrução explícita e do nível de proficiência*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ROSSINI, C. L.; FRACARO, B. N.; GOMES, M. L de C.; BRAVERMAN-ALBINI, A. *et al.* /t/ /d/ ou /ɪd/? Um estudo sobre a percepção do morfema -ed

dos verbos regulares no passado em inglês por falantes brasileiros. *Travessias interativas*, v. 14, n. 2, 2018.

SILVA, F. S. D. *Consciência fonológica em língua estrangeira: um estudo acerca do processo de aquisição de espanhol por falantes brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2014.

SOLER-URZÚA, F. *The acquisition of English /ɪ/ by Spanish speakers via text-to-speech synthesizers: a quasi-experimental study*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Concordia University, Montreal, 2011.

TARONE, E. Sociolinguistic approaches to second language acquisition research – 1997–2007. *The modern language journal*, v. 91, n. s1, p. 837-848, 2007.

TEIXEIRA, M. G. *A realização oral das vogais nasais/nasalizadas do português brasileiro por estrangeiros falantes do inglês*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

WILCOXON, F. Individual comparisons by ranking methods. *Biometrics bulletin*, Washington, v. 1, n. 6, p. 80-83, 1945.

WONG, S. W. L. *et al.* Perception of native English reduced forms in Chinese learners: Its role in listening comprehension and its phonological correlates. *TESOL Quarterly*, Washington, v. 51, n. 1, p. 7-31, 2017.

WREMBEL, M. Metaphonological awareness in multilinguals: a case of L3 Polish. *Language Awareness*, v. 24, n. 1, p. 60-83, 2015.

A FRICATIVA INTERDENTAL NÃO VOZEADA DO INGLÊS /θ/ POR APRENDIZES BRASILEIROS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA

Anilda Costa Alves

A presente pesquisa tem como intuito verificar a aquisição de um aspecto fonético-fonológico do inglês, a partir da concepção variacionista da linguagem.

A fricativa interdental não vozeada do inglês /θ/, segmento presente no início da palavra *think* [θɪŋk], constitui nosso objeto de investigação. Por não figurar no sistema linguístico do português brasileiro (doravante PB), tal segmento mostra-se de difícil acesso para os aprendizes, tanto no que diz respeito à produção quanto à percepção. Dessa forma, é comum que, sobretudo durante o processo inicial de aprendizagem, seja confundido por um segmento semelhante da língua materna (doravante LM) do aprendiz, como o som inicial da palavra fala /f/.

A partir dos dados aqui observados, o estudo busca verificar os efeitos de fatores linguísticos e extralinguísticos no processo de produção da fricativa interdental não vozeada do inglês, de modo a refletir acerca da importância de buscar diferentes estratégias pedagógicas no ensino de uma segunda língua¹³ (doravante L2). Ao estar ancorado na concepção variacionista, o estudo amplia o

¹³ Embora haja a problemática em relação ao uso dos termos segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE), neste trabalho não há interesse em abordar tal distinção. Faremos uso do termo L2 ao fazermos referência à língua em desenvolvimento de um aprendiz, diferente de sua língua materna.

campo de visão quanto à interpretação dos resultados obtidos, contrapondo-se a análises com foco em fatores isolados e apoiando-se na busca por condicionantes múltiplos para explicar as variações encontradas na fala dos aprendizes brasileiros de inglês (L2).

1. A AQUISIÇÃO DA L2 SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

As correntes formalistas, predominantes nos séculos XIX e XX, por meio do estruturalismo e do gerativismo, apesar de reconhecerem o aspecto social da linguagem (fala e desempenho, respectivamente), concebiam suas análises com base no entendimento de língua como um sistema homogêneo, acabado. Opondo-se a esse pensamento, a Sociolinguística trouxe contribuições importantes ainda nessa época, visto que rompeu com a ideia de que a língua é uma entidade pronta, o que permitiu observar a riqueza do seu uso e como este pode ser condicionado por fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos).

Dessa forma, um dos objetivos da Sociolinguística é averiguar os processos que regem a variação presente na fala de qualquer indivíduo pertencente a uma comunidade linguística, levando em consideração não apenas os aspectos inerentes ao sistema, mas também como tais aspectos se relacionam com a matriz social. E, ainda, objetiva observar como tal variação pode acarretar uma mudança.

Quando se trata da relação entre o desenvolvimento de L2 e a concepção variacionista, é importante destacar que até o final da década de 1980 tais estudos eram relativamente escassos. Young e Bayley (1996) apontam como um problema de pesquisa o estabelecimento de fatores isolados para a tentativa de explicação das variações encontradas nas produções dos aprendizes de L2. Como exemplo, destacam alguns trabalhos, como Beebe (1977), que atribuía a variação à etnia do interlocutor; Ellis (1987), que estabelecia que a variação decorre da quantidade de tempo que o indivíduo dispõe para esquematizar seu discurso; Selinker e Douglas (1985), que afirmavam que a variação poderia estar relacionada ao tópico do discurso (quanto maior o domínio do assunto, menor a variação); e Tarone (1985), que trouxe a atenção como fator de variação, ou seja, quanto menos atento a sua própria fala, maior a probabilidade de obter variação.

É interessante destacar que todos esses fatores juntos poderiam compor um único trabalho na tentativa de buscar explicações para as variações encontradas nas produções dos aprendizes de L2. Diante dessa problemática, Young e Bayley (1996) trazem o conceito de princípio de múltiplas causas, o qual estabelece que

o processo de variação na L2, assim como na LM, deve ser mapeado não com base em fatores isolados, mas mediante a busca de diferentes condicionantes (linguísticos e extralinguísticos).

Outro aspecto importante relacionado aos estudos em L2 e à corrente variacionista é o papel da identidade linguística, conforme discorre Bayley (2007). Tal mecanismo trata da forma como os indivíduos podem usar os processos variacionistas de maneira consciente, no intuito de indexar determinadas posturas, tratando-se assim de uma questão de puro desempenho. Assim, além de trazer respostas acerca da competência do aprendiz, a concepção variacionista é capaz de fornecer insumos no que tange ao comportamento do indivíduo diante de uma determinada comunidade de fala, deixando pistas acerca das marcas que deseja aproximar/fixar ou rejeitar, as quais não poderiam ser restringidas a fatores isolados.

2. O ENSINO DE INGLÊS COMO L2

O ensino de inglês para falantes não nativos teve início no século XV. Entre suas finalidades, destacam-se as comerciais e os processos de imigração. Até então o ensino destinava-se aos nativos, com objetivos semelhantes ao que acontece com o ensino do PB nas escolas, ou seja, busca pelo domínio dos aspectos formais da linguagem (regras gramaticais normativas).

Jenkins (2000) aponta a emergência das novas variedades do inglês decorrentes da desordem do império britânico, o que trouxe consigo os seguintes conflitos: legitimar as novas variedades e ao mesmo tempo manter a inteligibilidade linguística. Acerca da inteligibilidade, mostra-se importante salientar que os aprendizes não necessitam alcançar toda a bagagem linguística da L2, uma tarefa difícil para falantes adultos com a LM plenamente estabilizada; antes é preciso desenvolver, conforme afirma Kramsch (1993), uma competência intercultural.

Ao ser exposto às mais diversas variedades da L2, o aprendiz é estimulado a compreender as distinções existentes entre os sistemas e como estas podem comprometer ou não o processo comunicativo, para assim selecionar, entre as possibilidades de variação, aquelas que não desfavoreçam o entendimento entre os sujeitos. Dessa forma, além de ampliar o leque de possibilidades na produção e na percepção, o indivíduo pode, mediante o conhecimento dessas variedades, tornar-se mais receptivo à cultura do outro.

A respeito dos aspectos culturais envolvidos no processo de desenvolvimento linguístico, destaca-se a Teoria da Acomodação (Giles; Coupland, 1991) como elemento importante na pronúncia de uma língua como o inglês, amplamente

utilizada no mundo. Nessa teoria, a respeito da aquisição de L2, os aprendizes devem ser estimulados a ajustar sua fala a algum aspecto quando este for realmente necessário para a comunicação, desenvolvendo assim a convergência linguística. Quando aspectos específicos não forem capazes de prejudicar a comunicação, o indivíduo deve sentir-se confortável para, caso deseje, não acomodar a sua fala à L2, favorecendo o processo de divergência ou manutenção, que pode ocorrer também de forma inconsciente.

É o que acontece, por exemplo, com o nosso objeto de estudo em questão. A convergência à produção da fricativa interdental não vozeada do inglês não pode ser considerada um fator imprescindível para a comunicação, visto ser um fonema que, conforme veremos no tópico seguinte, sofre variação dentro da própria L2. Tal conhecimento, no entanto, mostra-se relevante para o aprendiz, visto que será possível para este se atentar às distinções existentes nos sistemas.

Ainda a respeito da convergência, sobretudo na LM, o que motiva sua ativação é o desejo de sentir-se aceito por um determinado grupo ou por uma questão de prestígio linguístico. Já na L2, podemos fazer uma relação com a compreensibilidade dentro de uma situação comunicativa. Assim, potencializar a capacidade do aprendiz de L2 de acomodar sua fala, quando necessário, é uma tarefa importante para o profissional de ensino. Na pior das hipóteses, tal potencialidade será capaz de maximizar o conhecimento do aprendiz quanto à não universalidade dos padrões existentes no sistema linguístico da LM, conforme os resultados trazidos por Alves (2016).

Em relação às distinções existentes entre os sistemas linguísticos, destacamos aquelas presentes na fonologia, as quais Jenkins (2000) divide em três categorias:

- i. Substituição e confusão.
- ii. Eliminação de consoantes (ou elisão).
- iii. Adição de som (prótese, epêntese e paragoge).

Em nosso estudo, os desvios fonológicos estão elencados na primeira categoria, substituição e confusão de som. Por não compor o sistema fonológico do aprendiz, é comum a não percepção e não produção desse som. Passemos ao tópico seguinte para conhecermos melhor tal segmento.

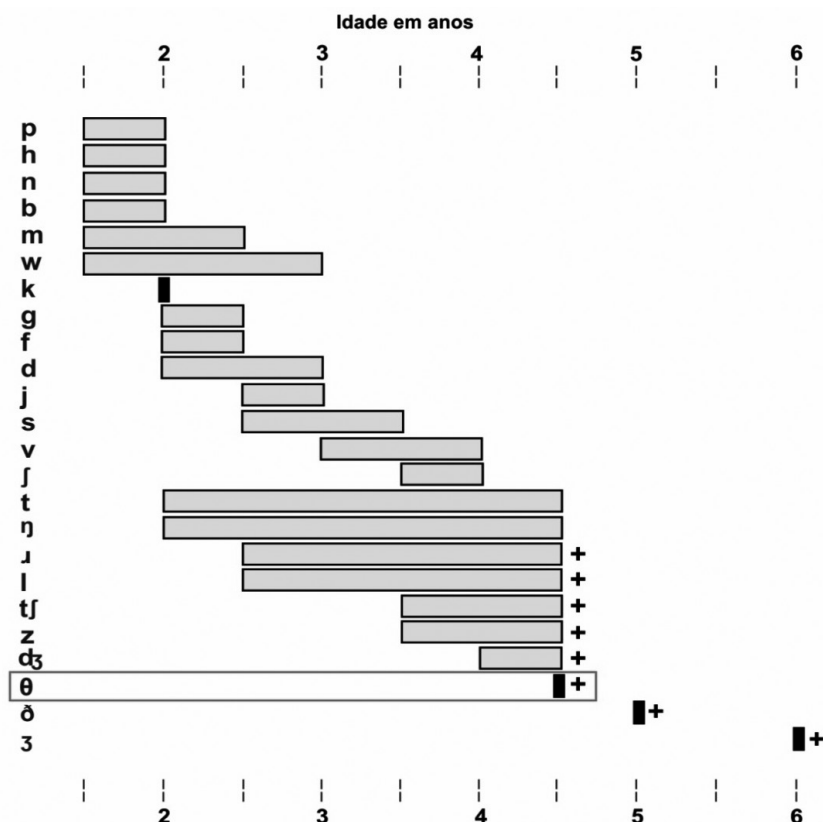
3. A FRICATIVA INTERDENTAL NÃO VOZEADA DO INGLÊS /θ/

A fricativa interdental não vozeada /θ/, fonema inicial da palavra *think* do inglês, não está presente no inventário fonológico do PB. Devido a essa ausência, é

comum que os aprendizes brasileiros, sobretudo em fase inicial de desenvolvimento da L2, substituam por outros fonemas semelhantes na LM, como a fricativa labiodental não vozeada /f/, fonema inicial da palavra **faca**, ou até a oclusiva alveolar não vozeada /t/, fonema inicial da palavra **terra**. A depender do estímulo ao qual o aprendiz é exposto, a seleção de um ou de outro pode ser mais suscetível. Diante de um estímulo auditivo, é comum a substituição pela fricativa labiodental não vozeada /f/; já diante de um estímulo escrito, é mais provável a troca pela oclusiva alveolar não vozeada /t/.

Ao fazer um mapeamento do segmento em estudo nas línguas naturais, nota-se que este é um fonema pouco recorrente. Além disso, sua aquisição se dá de forma tardia pelos falantes nativos, estando categorizado entre um dos últimos na fase de maturação linguística, ocorrendo por volta dos 4 ou 5 anos, conforme podemos ver na Figura 4.1.

Figura 4.1 – Aquisição dos segmentos consonantais pelos falantes nativos de inglês (medida em anos).



Fonte: adaptada de Owens (2012, p. 305).

Ainda, vale destacar que, além de ser um segmento de aquisição tardia pelos próprios falantes nativos, apresenta variação nas variedades de inglês, como o inglês indiano, em que é produzido como oclusiva alveolar não vozeada /t/. Dessa forma, chamamos a atenção para o fato de sua produção não ser de fundamental importância para a inteligibilidade, visto que sofre variação dentro da própria língua nativa. No entanto, seu reconhecimento pode favorecer uma maior sensibilidade aos aspectos fonético-fonológicos da língua, visto que tal conhecimento possibilita maior sensibilidade auditiva do aprendiz, o qual é capaz de prestar atenção também a outros aspectos da L2.

Para obter êxito nos aspectos fonético-fonológicos da L2, é importante, conforme veremos na seção a seguir, que o aprendiz desenvolva a consciência fonológica, a fim de compreender as distinções presentes entre os sistemas.

4. A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E A L2

A consciência fonológica (doravante CFo) é compreendida, conforme Chard e Dickson (1999), como um entendimento deliberado acerca de como a língua oral pode ser dividida em componentes menores e manipulada, em que o indivíduo é capaz de desenvolver habilidades como apagamento, substituição e transposição sonora, entre outros.

Ao concluir as etapas de aquisição na LM, o indivíduo não vem vazio, mas antes traz consigo um sistema linguístico plenamente estabilizado, conforme destaca Alves (2012). É importante que o aprendiz consiga refletir acerca dos sons que compõem o sistema da L2 e como estes podem ser organizados na sílaba, bem como manipular os segmentos, desde unidades maiores (como sílabas) até unidades menores (como os fonemas), assim como é capaz de fazer na LM.

Desenvolver a CFo não é uma tarefa simples nem ocorre de forma instantânea, mas se dá em estágios que envolvem diferentes níveis de complexidade. Aqui, destacaremos o nível correspondente ao nosso objeto de estudo, a consciência dos fonemas, relacionada ao reconhecimento dos sons que compõem o sistema fonológico da L2, sobretudo aqueles que não fazem parte do sistema da LM do aprendiz, como a fricativa interdental não vozeada do inglês. Para obter sucesso nesse nível, é necessário que haja o estabelecimento de novas categorias sonoras para os sons da L2 que não existem na LM, pois, caso contrário, o aprendiz cometerá os desvios configurados na primeira categoria estabelecida por Jenkins (2000), substituição e confusão.

Após refletirmos acerca das contribuições da Sociolinguística para a análise dos processos variáveis na fala dos aprendizes de L2; discutirmos sobre o percurso do ensino do inglês para falantes nativos e não nativos; conhecermos melhor o objeto de estudo em questão; e compreendermos a importância da CFo como fator favorável ao desenvolvimento linguístico, passemos a apresentar a metodologia e discutir os resultados do estudo.

5. DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa elencou 40 informantes, divididos igualmente em dois grupos distintos:

- 20 alunos que receberam instrução explícita acerca do objeto de estudo – Grupo Experimental (GE).
- 20 alunos que não receberam instrução explícita acerca do objeto de estudo – Grupo Controle (GC).

Os participantes, alunos de duas turmas distintas do 9º ano do ensino fundamental (anos finais) de uma escola particular da cidade de Guarabira, na Paraíba, foram selecionados mediante sorteio para participar do estudo.

Apenas o GE recebeu instrução explícita¹⁴ acerca dos aspectos fonético-fonológicos do inglês por um período de seis meses. Em cada aula, que ocorria semanalmente, os aprendizes eram estimulados a notar as diferenças existentes entre os sistemas (LM / L2) e recebiam diversos tipos de *input* (oral/escrito). Além disso, eles deviam materializar, mediante exercícios orais repetitivos, os conhecimentos obtidos.

Após esse período, os aprendizes forneceram os dados orais, obtidos mediante três tarefas específicas: leitura de imagem, leitura de um pequeno texto e leitura de frase veículo. A coleta aconteceu em um ambiente acusticamente tratado e os dados foram analisados no programa computacional *Praat*, versão 5.3 (Boersma; Weenink, 2014), a fim de obter pistas acústicas quanto à produção da fricativa interdental não vozeada do inglês pelos aprendizes brasileiros.

¹⁴ Essas instruções foram realizadas por meio de atividades mecanizadas do tipo repetições (*drills*). Os alunos tiveram acesso à representação concreta do trato vocal, por meio de reprodução em material do tipo utilizado por dentistas, em que eles puderam visualizar e manusear os articuladores ativos e passivos no processo de produção dos sons. Houve muitas aulas utilizando trechos de séries em inglês, chamando sempre a atenção deles para os aspectos fonético-fonológicos da língua; aulas com músicas; pequenos seminários, em que os alunos deveriam apresentar todo o conteúdo em inglês etc.

Em seguida, fizemos a codificação das ocorrências do fenômeno em estudo. Códigos foram criados para o processo de transcrição das produções dos falantes, e os consequentes dados foram analisados estatisticamente (regressão logística) mediante a utilização do *software GoldVarb X* (Sankoff, Tagliamonte; Smith, 2005).

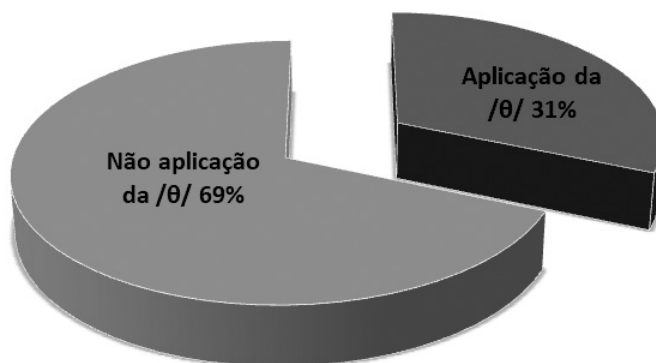
Em uma regressão logística, a medida do peso relativo (PR) é fornecida em uma escala que apresenta 0.50 como valor neutro (no caso de variáveis binárias). Dessa forma, as variáveis cujo PR se encontra abaixo do valor neutro se configuram como não relevantes para a aplicação do fenômeno em estudo. Já seu oposto, a saber, a presença de um PR superando a marca de 0.50, mostra-se favorável à aplicação do fenômeno.

A variável dependente é o próprio fenômeno em estudo, ou seja, a fricativa interdental não vozeada /θ/, analisada em dois ambientes fonológicos específicos: início e final de palavra. As variáveis independentes correspondem ao tipo de instrumento (leitura de imagem; leitura de pequeno texto; leitura de frase-veículo) e de contexto fonológico (início e final de palavra) como as variáveis linguísticas; e a consciência fonológica (alunos com e sem instrução – GE/GC) como variável extralinguística.

6. APRESENTANDO E DISCUTINDO OS RESULTADOS

De um total de 1.835 ocorrências, 68,6% (1259/1835) correspondem à não aplicação da fricativa interdental não vozeada do inglês por aprendizes brasileiros, enquanto 31,4% (576/1835) correspondem à aplicação do fenômeno, conforme podemos observar no Gráfico 1:

Gráfico 4.1 – Frequência global da aplicação da /θ/ (GC e GE)



Fonte: Alves (2018, p. 61).

Com base na análise do Gráfico 1, demonstra-se o uso da LM no tratamento da L2. Na não aplicação, os aprendizes selecionaram segmentos da LM para substituir a fricativa interdental não vozeada do inglês, entre os quais se destaca a oclusiva alveolar não vozeada /t/ com o maior número de ocorrências, o que pode ser explicado pela maior quantidade de *input* escrito nas tarefas – das três tarefas, duas correspondiam à leitura (texto e frase-veículo). A fricativa labiodental não vozeada /f/ foi o segmento de menor ocorrência, o que pode ser explicado porque, entre as tarefas, apenas uma não fornecia o *input* escrito (a leitura de imagem – o aprendiz devia visualizar uma imagem e falar a palavra correspondente em inglês).

Entre os dois segmentos supracitados, categorizados como de maior e menor ocorrência, destacamos o fato de que entre eles a fricativa labiodental não vozeada /f/ é o mais próximo do segmento-alvo /θ/, mudando apenas o articulador ativo no processo de produção. Na fricativa interdental não vozeada, o articulador ativo é a língua e na fricativa labiodental não vozeada o articulador ativo é o lábio inferior. Ambos os segmentos apresentam características acústicas muito semelhantes, e, conforme os dados obtidos na pesquisa, sua maior ocorrência deu-se na tarefa que não tinha a escrita como *input* para o aprendiz (leitura de imagem). Sugere-se para o aprendiz brasileiro que, durante o processo inicial de aprendizado de uma língua com ortografia opaca, como o inglês, em que a relação grafo-fônica não é tão regular como o PB, haja preferência para o *input* oral, visto que este proporciona uma maior proximidade ao aspecto-alvo a ser alcançado.

Entre as variáveis independentes selecionadas pelo programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), a variável extralinguística consciência fonológica foi a que apresentou resultados mais significativos, conforme vemos na Tabela 1:

Tabela 4.1 – Variável consciência fonológica (aplicação da /θ/)

Consciência Fonológica (CFo)	Ocorrências/Total	%	P.R.
Alunos sem CFo	28/897	3,1	0.12
Alunos com CFo	548/938	58,4	0.87

Input: 0.314

Significância: 0.000

Fonte: Alves (2018, p. 79).

Com base nos valores apresentados na Tabela 1, podemos concluir que a CFo foi um fator favorável para a aplicação do fenômeno. O PR de 0.87 (58,4% das produções) mostra-se significativo em relação a uma abordagem de ensino em

que os aspectos fonético-fonológicos da L2 não são marginais. Em contrapartida, o PR 0.12 (3,1% das produções), relacionado aos alunos sem intervenção via CFo, sugere que uma abordagem de ensino em que os aspectos fonético-fonológicos não ocupam espaço desfavorece a produção de fonema-alvo.

Nossos resultados demonstram que a instrução explícita dos aspectos fonético-fonológicos do inglês favorece os dois principais mecanismos presentes na CFo em L2, reflexão e manipulação no nível do fonema, considerado como de maior complexidade, visto que o aprendiz deve segmentar a fala em unidades menores que a sílaba, que seria a menor unidade de segmentação natural.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na concepção variacionista de linguagem, este estudo teve como objetivo principal descrever a aplicação da fricativa interdental não vozeada do inglês /θ/ por dois grupos distintos de aprendizes: indivíduos que não receberam instrução explícita via CFo acerca do inventário fonológico do inglês (L2) e indivíduos que receberam instrução explícita via CFo do inglês (L2).

Os dados revelaram que a maior recorrência de produção se deu por falantes que receberam instrução explícita acerca dos aspectos fonético-fonológicos do inglês, sugerindo que tal aspecto não pode ser negligenciado em sala de aula, visto que o conhecimento das distinções existentes entre os sistemas linguísticos favorece a comunicação, principal motivo de se aprender uma língua. Negligenciar o desenvolvimento da CFo ao ensino de L2 pode acarretar um permanente entendimento de que os padrões da LM são universais, proporcionando maiores dificuldades para o aprendiz.

Como reflexão para a área pedagógica, considera-se de extrema relevância para o profissional que trabalha com a linguagem, seja ela materna ou estrangeira, possuir o mínimo possível de conhecimento acerca da estrutura fonológica da língua e, dessa forma, compreender os principais condicionadores dos “erros” mais comuns produzidos por seus aprendizes, o que é capaz de proporcionar intervenções mais eficazes, visto que o profissional passa a entender o que motiva tais desvios.

8. REFERÊNCIAS

ALVES, A. C. *A importância da consciência fonológica na aquisição do inglês como segunda língua*. Guarabira: UEPB, 2016.

ALVES, A.C. *Análise variacionista da produção da fricativa interdental surda do inglês /θ/ por aprendizes brasileiros*. João Pessoa: UFPB, 2018.

ALVES, U. K. Consciência dos aspectos fonético-fonológicos da L2. In: LAMPRECHT, R. R. *et al. Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores da língua inglesa/org*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

BAYLEY, R. Second language acquisition and sociolinguistic variation. *Intercultural Communication Studies* XIV. 2, 2007.p.133-144.

BEEBE, L. M. The influence of the listener on code-switching. *Language Learning*, 1977.p.331-339.

CHARD, D.; DICKSON, S. Phonological Awareness: Instructional and Assessment Guidelines. *Intervention in School and clinic*, Austin, v. 34, n. 5, p. 261-270, 1999.

ELLIS, R. *The study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

GILES, H.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J. *Accommodation theory: communication, context, and consequence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

JENKINS, J. *The phonology of English as an international language: new models, new norms, new goals*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KRAMSCH, C. *Context and culture in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

OWENS, R. *Language development: An introduction*. 8. ed. Boston: Pearson Education, 2012.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto, 2005.

SELINKER, L.; DOUGLAS, D. Wrestling with context in interlanguage theory. *Applied Linguistics*, v. 6, p. 67-92, 1985.

TARONE, E. Variability in interlanguage use: a study of style-shifting in morphology and syntax. *Language Learning*, v. 35, p. 373-404, 1985.

YOUNG, R. F.; BAYLEY, B. VARBRUL analysis for second language acquisition research. In: BAYLEY, R.; PRESTON, D. R. (ed). *Second language acquisition and linguistic variation*. Amsterdã: John Benjamin, 1996. p. 253-306.

PRODUÇÃO DAS CONSOANTES NASAIS EM POSIÇÃO DE CODA E ASPIRAÇÃO DAS OCLUSIVAS SURDAS DO INGLÊS POR FALANTES PARAIBANOS

Edmilson Fernandes da Silva Júnior

Marcelle de Sousa Pontes Alves

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O capítulo que nos propomos a desenvolver aqui partiu de um projeto de pesquisa composto por duas pesquisas que objetivavam a análise de dois fenômenos diferentes da língua inglesa: as consoantes nasais em posição de coda (/m/, /n/, /ŋ/) e as consoantes oclusivas (/p/, /t/, /k/) em posição inicial de palavra. Muitas das referências bibliográficas de base foram compartilhadas e até mesmo literaturas sobre os fenômenos específicos foram trocadas a fim de que tivéssemos uma visão mais abrangente de estudos e pesquisas na interface da Sociolinguística e Fonética e Fonologia. Além dessa troca, também tivemos a oportunidade de trabalhar lado a lado de maneira colaborativa durante toda a pesquisa, desde a construção dos questionários iniciais, os instrumentos de pesquisa, a metodologia empregada, até a comparação de dados e os resultados com vistas à reflexão sobre as hipóteses iniciais propostas.

Inicialmente, levantamos algumas hipóteses gerais e específicas acerca de cada fenômeno, bem como implicações e reflexões pedagógicas e colaboração para os

diálogos acerca da aquisição e da produção de fenômenos do inglês como língua estrangeira por aprendizes paraibanos. Desse modo, além dos desdobramentos citados, o trabalho também objetivava a reflexão sobre como essa pesquisa poderia colaborar com professores de inglês já atuantes e com alunos de licenciatura, visto que estes forçosamente irão se deparar e lidar com questões fonético-fonológicas em sala de aula. Dito isto, assumimos um posicionamento que considerasse questões acerca da inteligibilidade dos fenômenos, visando sempre a um ensino pautado em estimular a consciência fonético-fonológica dos aprendizes.

A fim de guiar a exposição e a discussão dos dados, propomos duas perguntas que serão desenvolvidas e discutidas ao longo do capítulo. As variáveis que pensamos em relação às nasais pretendiam confirmar ou descartar as hipóteses “*A consciência fonológica vai ou não ter um papel fundamental na produção das nasais em posição de coda?*” e “*Quais variáveis vão se sobressair entre aquelas que pensamos?*”. As variáveis escolhidas para verificarmos a variação das nasais no falar paraibano foram: (1) nível de proficiência; (2) consciência fonológica; (3) tonicidade; (4) classe gramatical; (5) número de morfemas; e (6) tipo de instrumento.

No que diz respeito às consoantes oclusivas surdas, a hipótese inicial buscava examinar e responder à seguinte pergunta: “*As variáveis sugeridas são cruciais e/ou influenciam a ocorrência desse fenômeno?*”. As variáveis sugeridas na hipótese inicial como imprescindíveis e influenciadoras foram: (1) o nível de proficiência do falante; (2) a tonicidade das palavras; e, por último, (3) a distinção de produção dependendo do ponto de articulação. Acreditávamos, inicialmente, que esses três pontos listados seriam cruciais para a produção do fenômeno e que os números obtidos seriam díspares.

2. CARACTERÍSTICAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS DAS NASAIS

As consoantes nasais existem em boa parte das línguas do mundo. No entanto, a distribuição dessas consoantes na sílaba, o número de fonemas e os pontos de articulação variam bastante entre as línguas em que estão presentes. Do ponto de vista articulatorio, uma consoante pode ser classificada como nasal quando, durante sua produção, o ar (parcial ou totalmente) passa pelas vias nasais (Laver, 1994). Assim, a decisão sobre um som ser oral ou nasal ocorre no véu palatino, isto é, se houver o abaixamento do véu palatino, o ar passa pelas vias nasais, tornando esse segmento nasal; por outro lado, se o véu estiver levantado, o ar passará somente pela via oral, o que resulta em um som apenas oral. Ainda do ponto de vista articulatorio, as nasais se assemelham às vogais, uma vez que essas consoantes têm na sua produção a passagem do ar livre (Cruttenden, 2014).

Do ponto de vista acústico, as nasais se diferem de consoantes como as oclusivas, uma vez que as nasais “não possuem nem lacuna de silêncio nem componente sonoro (característica comum tanto nas oclusivas, devido à explosão na soltura do ar, quanto nas fricativas, por conta da fricção)” (Cruttenden, 2014, p. 209). Em relação à semelhança acústica das consoantes nasais com as vogais, é preciso mencionar que a estrutura dos formantes dessas consoantes é bem parecida com a das vogais. No entanto, é possível distinguir as nasais das vogais no espectrograma, uma vez que as frequências das consoantes nasais são bem inferiores àquelas das vogais (Ladefoged; Johnson, 2011).

No que diz respeito às consoantes nasais no inglês e no PB, há algumas similaridades e diferenças em seu comportamento. Em relação às similaridades, é preciso mencionar que ambas as línguas têm em seus inventários fonológicos três consoantes nasais. Outro ponto semelhante é o fato de ambas terem nos seus sistemas duas nasais mais comuns (/m/ e /n/ tanto no inglês quanto no PB) e uma mais rara e até restrita em alguns dos casos (/ɲ/ no PB e /ŋ/ no inglês). Ainda, as nasais mais recorrentes tanto no inglês quanto no PB compartilham os mesmos pontos de articulação, sendo uma delas bilabial /m/ e a outra alveolar /n/ (Silva Júnior, 2020).

Apesar de haver semelhanças entre os dois sistemas no tocante às nasais, é relevante mencionar que as diferenças entre as duas línguas acerca dessas consoantes também são consideráveis. A primeira e a mais importante delas diz respeito ao traço de distintividade das nasais na posição de coda entre os dois idiomas. Enquanto no inglês a troca de consoantes nasais em posição de coda acarreta contraste, no PB as nasais quando estão em travamento silábico não produzem diferenças a nível fonológico, ou seja, a troca de uma nasal por outra não produz diferença de significado.

Outra diferença sobre as consoantes nasais entre a língua portuguesa e a língua inglesa é que as consoantes nasais no inglês podem ocupar a posição central da sílaba, possibilidade que não se aplica no PB. Isso quer dizer que no inglês as nasais têm um status silábico, o qual no PB só pode ser atribuído às vogais. No entanto, é importante mencionar que esse fenômeno acontece apenas em sílabas átonas e no final de palavras nas quais a vogal também átona /ə/ é apagada e a consoante nasal assume essa posição (Ladefoged; Johnson, 2011, p. 67). A título de exemplo, temos a palavra algodão em inglês “cotton”, cuja pronúncia na variedade padrão do inglês dos Estados Unidos é ['kɑ:.ʔn], sendo possível apagar o /ə/ completamente e colocar a nasal alveolar no centro da sílaba [n], sendo pronunciada como ['kɑ:.ʔn].

Conforme mencionado anteriormente, ambas as línguas apresentam três consoantes nasais, das quais duas dessas compartilham os mesmos pontos de articulação (/m/ bilabial e /n/ alveolar). Entretanto, no que se refere à terceira consoante nasal, os pontos de articulação não são compartilhados entre os dois sistemas, pois no inglês a terceira nasal é velar /ŋ/, enquanto no PB ela é palatal /ɲ/.

Neste capítulo, no que diz respeito às nasais, focamos na diferença que se mostra mais relevante aqui: a presença de distintividade entre as nasais na posição de coda no inglês e a ausência dessa mesma característica no PB. Esse foco se explica porque esse traço diferente entre as línguas pode gerar na interlíngua produções que transfiram a ausência de contraste no PB para a língua inglesa, o que pode acarretar problemas de inteligibilidade.

Essas produções realizadas na interlíngua não são as mesmas entre todos os falantes, isto é, não existe apenas uma manifestação fonética possível para todos os falantes de L2. Isso acontece, pois assim como na língua materna, existe variação também na interlíngua. Saville-Troike (2006) já trouxe a variação como uma das características da interlíngua.

É importante mencionar que, assim como acontece nas produções em L1, a variação em L2 também não se dá de maneira aleatória, ou seja, existem variáveis que vão condicionar a variação entre os falantes. No entanto, é preciso ressaltar que as variáveis que influenciam a produção de uma variante em detrimento da outra não são, necessariamente, as mesmas se pensarmos em um mesmo fenômeno variável existente tanto na língua como L1 quanto como L2. É preciso mencionar também que nem sempre um fenômeno variável em uma língua como L1 será variável na L2 e vice-versa.

Em se tratando da variação das nasais na posição de coda, é necessário apontar que existe variação dessas consoantes em ambos os sistemas. Todavia, tanto os contextos quanto as variantes advindas dessa variação são diferentes entre o inglês como L1 e como L2. Enquanto no inglês como L1 a variação das nasais na posição de travamento silábico se concentra nos contextos “ing”, no qual existe a troca de uma nasal velar por uma alveolar dependendo da classe gramatical da palavra, do nível de atenção à fala, da raça, do gênero e da classe social, no inglês como L2 essa variação das nasais na coda é muito mais ampla e tem outras possibilidades de variação.

3. CARACTERÍSTICAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS DAS OCLUSIVAS SURDAS

As consoantes oclusivas surdas existem tanto no sistema do PB quanto no sistema do inglês. A produção desses segmentos, do ponto de vista articulatório, consiste na obstrução total dos articuladores envolvidos, seguida por uma pequena explosão com a liberação do ar. As oclusivas diferem entre si em relação aos seus pontos de articulação, de modo que, nas oclusivas bilabiais /p/ e /b/, os articuladores são os lábios superior e inferior; nas oclusivas alveolares /t/ e /d/, os articuladores são a lâmina da língua e os alvéolos; e, por fim, nas oclusivas velares /k/ e /g/, os articuladores são a parte posterior da língua e o palato mole. Para os fins do trabalho apresentado neste capítulo, focaremos apenas nas características das oclusivas surdas /p/, /t/ e /k/.

Como mencionado anteriormente, uma característica inerente às consoantes oclusivas é sua explosão na soltura de ar; a depender do sistema em que está sendo produzida, bem como de sua posição silábica, a explosão vem a ser, de certo modo, mais marcada e pode afetar a inteligibilidade. Tomando como exemplo o sistema da língua inglesa, a produção das consoantes oclusivas surdas é bastante característica, e em posição de *onset* silábico ocorre o fenômeno de aspiração, diferentemente do sistema do PB, no qual não há aspiração das consoantes em posição de *onset*. Algumas pronúncias-alvo que podemos citar para ilustrar tal fenômeno da língua inglesa seriam *paper* [p^heɪ.pə^r], *tear* [t^hea:] e *car* [k^hɑː^r], em oposição às pronúncias não aspiradas [peɪ.pə^r], [tea:] e [kɑː^r]. No PB, algumas palavras como *paraíso*, *tampa* e *carro* ilustram que, nesse sistema, não há a aspiração dessas consoantes nessa posição silábica.

Em linhas gerais, o fenômeno de aspiração inerente ao inglês consiste em uma explosão de ar mais marcada e prolongada. Autoras como Jenkins (2000) e Souza (2012) levantam a problemática de produções de sons que possam interferir na inteligibilidade, e a falta de aspiração das consoantes oclusivas em posição de *onset* é citada como possivelmente prejudicial à inteligibilidade da mensagem. No Quadro 5.1, podemos observar alguns exemplos de vocábulos com a pronúncia aspirada e não aspirada, apontando para questões de inteligibilidade destes.

Quadro 5.1 – Relação entre aspiração e inteligibilidade em vocábulos

Pronúncia aspirada	Possível entendimento auditivo na ausência de aspiração
tie ['tʰaɪ]	die ['dai]
time ['tʰaɪm]	dime ['daim]
pie ['pʰaɪ]	bye ['bai]
Kate ['kʰeɪt]	gate ['geɪt]

Fonte: Alves (2019, p. 6)

Desse modo, mesmo que o contexto da fala algumas vezes possa indicar o significado da palavra, caso a consoante oclusiva não seja aspirada, é necessário entender os processos de produção desse fenômeno, a fim de evitar possíveis falhas na comunicação, visto que, como problematizado por Jenkins (2000) e Souza (2012), a produção desses sons interfere na inteligibilidade da mensagem.

4. PERSPECTIVA COLABORATIVA

O trabalho colaborativo foi imprescindível para o desenvolvimento satisfatório da pesquisa. Embora pesquisássemos fenômenos diferentes, todos os instrumentos utilizados foram construídos colaborativamente, visando contemplar a análise de ambos os fenômenos a partir dos mesmos dados. Os instrumentos referem-se a uma lista de palavras, um texto para leitura e um questionário.

No que se refere à lista de palavras, desenvolvemos uma lista com palavras que continham ambos os fenômenos (nasais em posição de coda e oclusivas em posição inicial de palavra). O fato de termos palavras com fenômenos de outra pesquisa foi importante, pois ajudou a disfarçar o que cada um investigava, diminuindo as chances de automonitoramento da fala durante a leitura das palavras.

Nosso instrumento de leitura textual contou com os vocábulos presentes na lista de palavras. Utilizando esses vocábulos, produzimos um pequeno texto coerente para que os informantes fizessem a leitura em voz alta.

Por fim, outro instrumento utilizado para observarmos a presença de consciência fonológica por parte dos informantes foi um questionário com questões sobre alguns padrões fonotáticos do inglês.

5. COLABORAÇÃO NA COLETA DE DADOS

Conforme aponta Tagliamonte (2006), a parte mais desafiadora da pesquisa em sociolinguística é a coleta de dados. Isso se deve ao fato de ela envolver diversos

desafios, sendo um dos principais encontrar informantes com o perfil almejado para a obtenção de dados significativos para o fenômeno investigado. No nosso caso, procurávamos falantes de nível básico, com e sem consciência fonológica, e falantes de nível avançado, também com e sem consciência fonológica.

Outro desafio que perpassa essa fase da pesquisa variacionista é a disponibilidade tanto do informante quanto do pesquisador, pois nem sempre os horários coincidem. Ainda, mesmo após encontrar um informante cujos horários coincidam com o do pesquisador, existe um outro fator essencial para a realização da pesquisa: um ambiente com pouco ruído sonoro, a fim de não causar interferências na coleta. Isso se torna ainda mais fundamental nas pesquisas que lidam com a percepção dos informantes ou com a produção dos informantes para a análise de fala.

Dada a dificuldade natural de encontrar informantes com perfil muito específico para a coleta de dados, adotamos outra estratégia comum em algumas pesquisas variacionistas, que é a pesquisa realizada com “amigos de amigos” (Tagliamonte, 2006). Levando em conta que precisávamos de um certo perfil de informantes, ter amigos ou colegas em comum com os informantes, embora ainda difícil, foi um pouco menos árduo.

Essa estratégia foi muito importante não só para conseguir mais informantes, mas também para que estes se sentissem um pouco mais à vontade durante a realização da entrevista. Isso se faz necessário uma vez que questões como timidez e vergonha de falar uma língua estrangeira na frente de outras pessoas geralmente impactam nos resultados. Por isso, esse contato intermediado ajuda a diminuir a tensão, embora esta ainda permaneça, por parte dos informantes.

Em adição à praticidade de termos dados suficientes para os dois fenômenos com os mesmos informantes e por meio dos mesmos instrumentos, outro fator que foi benéfico para nós na colaboração da coleta de dados foi a análise destes. Assim, apesar de a análise não ter sido feita em conjunto, tendo em vista que cada um analisou um fenômeno, pudemos compartilhar as variáveis que estávamos observando.

Desse modo, pudemos refletir se as variáveis classificadas como relevantes poderiam, ou não, ser um ponto de vista a ser observado pelo outro pesquisador, considerando que cada fenômeno apontava para uma série de variáveis a serem analisadas inicialmente, o que não nos impediu de, a partir dos dados, pensar em outras possibilidades.

6. DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADOS OBTIDOS COM AS PESQUISAS

Passemos agora para a análise da produção dos fenômenos em estudo, iniciando pela produção das nasais e, em seguida, das oclusivas. Os resultados, tanto os das nasais quanto os das oclusivas, confirmaram umas e rejeitaram outras de nossas hipóteses. No caso, a não confirmação de algumas hipóteses foi crucial para observarmos que os resultados nem sempre serão iguais entre pesquisas similares. A esse fato atribuímos alguns fenômenos que explicam as razões pelas quais os resultados se mostraram diferentes das hipóteses.

6.1. Análise da produção das nasais

Os dados obtidos com os informantes da pesquisa foram rodados no software de pesquisa variacionista quantitativa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Para verificar que fatores favoreceriam ou não a produção audível das nasais na posição de coda, escolhemos 6 variáveis, das quais 3 foram linguísticas (tonicidade, número de morfemas e classe gramatical) e 3 extralinguísticas (nível de proficiência, consciência fonológica e tipo de instrumento). Após a rodagem dos dados, todas as variáveis foram consideradas relevantes para a produção audível das nasais do inglês na posição de coda pelo Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005).

Em relação à variável nível de proficiência, esperávamos que o nível avançado favorecesse mais a produção audível das nasais do que o nível básico. Essa hipótese segue uma tendência de pesquisas feitas com variação em L2, confirmando a hipótese de que falantes do nível avançado tendem a aproximar a produção de questões da L2, da mesma forma que os falantes nativos daquela língua o fazem. No caso dos falantes de nível mais básico, estes tendem a produzir fenômenos da L2 conforme acontece na sua própria L1.

Tabela 5.1 – Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “nível de proficiência”

	N/T	%	P.R.
Avançado	358/441	81,2	0.66
Básico	237/415	57,1	0.32

Input: 0.71

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 34).

No que diz respeito aos resultados da variável “nível de proficiência” na pesquisa sobre as nasais, a produção audível das consoantes nasais foi mais favorecida pelo nível avançado, corroborando outras pesquisas na área, com um peso relativo 0.66. Esse resultado revela que o nível de proficiência influencia na produção audível e contrastiva das consoantes nasais na posição de coda, ou seja, aproxima-se do que de fato acontece no inglês como L1. Em contrapartida, os dados obtidos do nível básico mostram que os falantes que se encontram nesse nível tendem a manter o padrão do PB em relação às nasais em posição de coda, isto é, há ausência de contraste e de percepção dessas consoantes nessa posição. Esse resultado está alinhado com o que outras pesquisas que lidam com L2 apresentaram, como em Lima (2014) e Fragozo (2010), também revelando a importância do nível de proficiência para a produção mais ou menos similar à produção dos falantes nativos da L2.

Outra variável que tem sido colocada em pesquisas que lidam com variação em L2 é a consciência fonológica, a fim de verificar se o conhecimento acerca do sistema fonológico da língua estudada interfere na produção dos falantes. Os resultados dessas pesquisas têm, em geral, apontado para a importância desse conhecimento sobre o sistema fonológico da L2 na produção de fenômenos mais similares à L2. Por essa razão, decidimos colocar essa variável entre as que estávamos investigando.

Tabela 5.2 – Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “consciência fonológica”

	N/T	%	P.R.
Com consciência	381/508	75,0	0.55
Sem consciência	214/348	61,5	0.41

Input: 0.70

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 36).

Os resultados trazidos pelos dados mostraram que a consciência fonológica é um fator que influencia na produção audível das nasais na posição de coda, confirmando as nossas hipóteses e indo em consonância com outras pesquisas que tiveram a mesma variável. O peso relativo dos falantes com consciência que produziram as nasais foi de 0.55, enquanto os falantes sem consciência apresentaram apenas 0.41. Entretanto, embora a variável também tenha se mostrado relevante, se a compararmos com os dados obtidos na variável “nível de proficiência”, podemos

perceber que os valores foram menores, tornando o nível de proficiência mais relevante do que a consciência fonológica no caso das nasais na coda.

Outra variável frequentemente utilizada em diversos estudos que tratam de variação seja em L1 ou em L2 é a variável “tonicidade”. Isso se deve ao fato de que diversos fenômenos variáveis são afetados pela acentuação, fazendo com que alguns processos ou traços sejam mais comuns em sílabas tônicas, enquanto outros sejam mais comuns em sílabas átonas.

Tabela 5.3 – Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “tonicidade”

	N/T	%	P.R.
Tônica	417/536	77,8	0.54
Átona	178/320	55,6	0.41

Input: 0.70

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 37).

Essa variável se mostrava uma incógnita na nossa pesquisa, pois havia resultados divergentes no que se referia ao fenômeno das nasais em posição de coda em L1 e em L2. Nas pesquisas em variação na interlíngua com o inglês sobre as nasais, essa variável geralmente não se mostrava relevante, como em Gutierrez (2016). No entanto, nas pesquisas que lidam com a variação das nasais no inglês como L1, o acento tinha influência na produção de uma variante (no caso a nasal velar) em detrimento de outra (a nasal alveolar), conforme trouxe Labov (2001, 2006).

Nos resultados desta pesquisa, a posição tônica favoreceu a produção audível das consoantes nasais, como é possível observar no peso relativo 0.54. Por outro lado, a posição átona não favoreceu a aplicação do fenômeno, como revela o peso relativo 0.41. Portanto, a variável “tonicidade” tem relevância para a produção audível das consoantes nasais em posição de travamento silábico.

Outra variável que se mostra importante nos estudos que envolvem as consoantes nasais é a classe gramatical, ou classe morfológica. Essa variável é sempre levada em questão nos estudos que envolvem a variação das nasais na posição de coda no inglês como L1, pois, em relação às palavras terminadas em sufixo *-ing*, a classe gramatical favorece a nasal velar em uns casos e a nasal alveolar em outros.

Tabela 5.4 – Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “classe gramatical”

	N/T	%	P.R.
Substantivo	248/299	82,9	0.61
Verbo	249/340	73,2	0.52
Adjetivo	98/217	45,2	0.31

Input: 0.71

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 39).

No que se refere à classe gramatical, os substantivos tiveram um peso relativo 0.61 para a produção das nasais, seguidos dos verbos com 0.52 e, por fim, dos adjetivos com 0.31. Isso quer dizer que os substantivos favoreceram a produção das nasais na posição de coda, enquanto os adjetivos levaram em mais da metade das ocorrências à perda de contraste na posição de coda, refletindo o que ocorre no PB.

Outra variável linguística relacionada ao nível da estrutura que já foi estudada em outros trabalhos envolvendo as nasais é aquela chamada “número de morfemas”. Nos estudos que envolvem o inglês como L1, essa variável não é estudada, uma vez que o fenômeno variável no inglês como L1 é a produção das nasais velares ou alveolares no sufixo *-ing*; logo, todas as palavras são, no mínimo, bimorfêmicas. Entretanto, nos estudos envolvendo a variação dessas consoantes do inglês por falantes brasileiros, as palavras terminadas em *-ing* não são as únicas estudadas, já que o fenômeno variável observado no PB é diferente daquele observado no inglês como L1. Em nossa pesquisa, todas as palavras eram monomorfêmicas ou bimorfêmicas.

Tabela 5.5 – Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “número de morfemas”

	N/T	%	P.R.
Monomorfêmicas	486/630	77,1	0.55
Bimorfêmicas	109/226	48,2	0.35

Input: 0.71

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 40).

A produção audível das nasais foi favorecida nas palavras monomorfêmicas, conforme aponta o peso relativo de 0.55. Por sua vez, as palavras bimorfêmicas

tiveram apenas 0.35 de peso relativo, ou seja, não favoreceram a produção audível das nasais na posição de coda. Esses dados mostram que o sufixo *-ing* leva à produção não audível das nasais, provavelmente por conta do estudo dos tempos contínuos na escola em que os alunos geralmente aprendem que o “g” do sufixo não é pronunciado, ou seja, nessa ideia a nasal seria a última consoante e, portanto, seguindo o padrão no PB, também seria inaudível e sem ponto de articulação definido.

Por fim, o último fator que incluímos na pesquisa sobre a produção audível das nasais do inglês por falantes paraibanos foi a variável “tipo de instrumento”, também frequentemente chamada de estilo. Essa variável diz respeito à atenção que o falante presta em sua fala, variando de um nível mais formal, no qual presta mais atenção, até um mais informal, no qual está menos atento à forma como diz algo. Os estilos escolhidos por nós foram: lista de palavras, leitura de texto e entrevista, indo do mais formal ao menos formal.

Tabela 5.6 - Ocorrência de produção audível das nasais em coda na variável “tipo de instrumento”

	N/T	%	P.R.
Texto	174/204	85,3	0.69
Entrevista	61/76	80,3	0.63
Lista de palavras	360/576	62,5	0.41

Input: 0.71

Significância: 0.00

Fonte: Silva Júnior (2020, p. 41).

A princípio, esperávamos que a produção das nasais se mostrasse mais forte no estilo mais formal. No caso desta pesquisa, o estilo no qual o falante prestaria mais atenção seria a lista de palavras. Esse tipo de instrumento faz com que o falante se concentre na leitura de frases, ou seja, o nível de atenção fica mais alto. Em seguida, acreditávamos que a leitura do texto seria o segundo tipo de instrumento cuja atenção mediana poderia favorecer, mas em nível menor do que o da lista. Por fim, acreditávamos que a porcentagem de aplicação seria menor ainda na entrevista e até mesmo desfavoreceria a produção das nasais nessa posição, devido à atenção menor à fala prestada pelos informantes nesse tipo de instrumento.

Entretanto, o resultado nos surpreendeu, pois a variável que menos favoreceu a aplicação das nasais foi a *lista de palavras*, apresentando peso relativo 0.41. Por sua vez, o instrumento *entrevista* foi o segundo que mais favoreceu a produção

das nasais, com peso relativo 0.63. Assim, o instrumento *texto* se sobressaiu entre os tipos de instrumento, apresentando peso relativo de 0.69.

Após observarmos os dados, acreditamos que uma explicação provável para esse resultado esteja na diferença de ocorrências obtidas nos diferentes instrumentos, já que o número destas é bem discrepante entre os tipos de instrumento utilizados. Acreditamos que a explicação está no nível de proficiência e na disposição de cada instrumento, pois nos dois primeiros instrumentos os falantes tinham as mesmas palavras para produzir, fato que não ocorreu na variável entrevista, por ser um instrumento que não permite tanto controle da produção em L2. No gênero entrevista, o nível de proficiência possibilitou que os falantes de nível avançado produzissem mais palavras com as nasais na posição de coda em suas entrevistas do que os falantes de nível básico, fato que elevou o número de palavras com a produção audível das nasais.

6.2. Análise da produção das oclusivas

Como levantado na primeira seção deste capítulo, buscamos, por meio da pesquisa conduzida, comprovar nossa hipótese de que três variáveis eram imprescindíveis para a ocorrência do fenômeno de aspiração nas consoantes oclusivas surdas. As três variáveis para as quais buscamos comprovação foram as seguintes: (1) o nível de proficiência do falante; (2) a tonicidade das palavras; e (3) a distinção de produção dependendo do ponto de articulação.

Na primeira variável, acerca da proficiência dos falantes, buscamos investigar se a ocorrência do fenômeno seria mais alta em falantes com um nível maior de proficiência, em contraponto a falantes com um menor grau de proficiência, que teriam uma ocorrência mais baixa. Os números obtidos, entretanto, foram menos díspares do que imaginávamos inicialmente.

Tabela 5.7 – Ocorrência da aspiração na variável “nível de proficiência”

	N/T	%	P.R.
Básico	362/551	65,7	0.40
Avançado	509/681	74,7	0.57

Input: 0.73

Significância: 0.002

Fonte: Alves (2019, p. 9).

Considerando os números apresentados na Tabela 7, podemos perceber que essa variável não tem influência significativa na produção da aspiração, visto

que a diferença de ocorrências entre os números dos falantes de nível básico e de nível avançado é de cerca de 9%. Adicionalmente, ambos os níveis de proficiência apresentam alta produção do fenômeno.

A segunda variável considerava a tonicidade das palavras, ou seja, as palavras acentuadas teriam maior probabilidade de influenciar a produção da aspiração, enquanto as palavras átonas teriam menor probabilidade. É importante ressaltar que a acentuação no sistema do inglês se dá de modo diferente do sistema do português brasileiro, sendo o primeiro realizado por meio de uma pronúncia mais forte e marcada nas sílabas acentuadas, enquanto o segundo, em adição à marcação da fala, também indica a acentuação graficamente. Os números obtidos para essa variável podem ser observados na Tabela 8.

Tabela 5.8 – Ocorrência da aspiração na variável “tonicidade”

	N/T	%	P.R.
Átona	154/315	48.9	0.28
Tônica	717/917	78.2	0.57

Input: 0.739

Significância: 0.002

Fonte: Alves (2019, p. 10).

De acordo com os resultados obtidos, é perceptível a disparidade entre a produção da aspiração nas palavras átonas, produzida 154 vezes, e o número de realizações da aspiração nas palavras acentuadas, com 717 ocorrências. Esses números corroboram a hipótese inicial de que as palavras acentuadas teriam mais probabilidade de serem aspiradas. Ainda, é importante notar que esse resultado pode ser explicado a partir do que se entende por acentuação no sistema do inglês em contraponto com o sistema do PB. Considerando que os números contemplam aprendizes paraibanos de inglês como LE, a diferença da acentuação no PB e no inglês justifica os números. O PB tem a acentuação gráfica, auxiliando a partir da escrita como se deve pronunciar as palavras. Já no inglês, a acentuação é marcada no momento da fala; então, muitas vezes aprendizes brasileiros de inglês como L2 podem apresentar dificuldades em acentuar corretamente essas palavras.

Outro fator que justifica os números obtidos é a própria definição do fenômeno – a aspiração é uma explosão de ar inerente às oclusivas surdas. Em outras palavras, a produção dessas consoantes é mais “forte” e ocorre de maneira mais amena em palavras átonas, que acabam “caindo” no discurso conectado, sendo pronunciadas mais rapidamente e sem muita ênfase; inclusive, em alguns casos,

se a consoante átona estiver em posição medial ou de coda, ela pode até mesmo não ser pronunciada.

A terceira variável que buscamos investigar se influenciava a produção foi a distinção entre os pontos de articulação, sendo estes: as coronais /t/ e /d/; as dorsais /k/ e /g/; e as labiais /p/ e /b/. Na hipótese inicial, não apontamos um ponto de articulação que achávamos que teria ou não maior ocorrência, apenas especulamos se essa variável seria um facilitador na realização do fenômeno.

Tabela 5.9 – Ocorrência da aspiração na variável “ponto de articulação”

	N/T	%	P.R.
Coronal (C)	369/450	82	0.67
Dorsal (D)	321/473	67.9	0.44
Labial (L)	181/309	58.6	0.32

Input: 0.739

Significância: 0.002

Fonte: Alves (2019, p. 11).

Os resultados obtidos indicaram que as coronais tiveram um maior índice de produção da aspiração, em que 369 ocorrências foram aspiradas, ou seja, foram as mais produtivas. Em seguida, as consoantes dorsais tiveram 321 ocorrências aspiradas, sendo a segunda mais produtiva. E, finalmente, as consoantes labiais tiveram 181 ocorrências aspiradas, sendo dentre as três, a menos produtiva.

Apesar de inicialmente não termos determinado qual dos pontos de articulação esperávamos que fosse ser mais facilitador para a realização do fenômeno, especulamos que as dorsais seriam menos produtivas, acreditando que esse ponto de articulação não fosse tão facilmente produzido de forma aspirada por falantes brasileiros. Entretanto, os números não corroboram tal especulação. A conclusão acerca dessa variável é que, apesar de a diferença entre os números não ser tão grande, o ponto de articulação é bastante relevante para a produção da aspiração.

Adicionalmente, quando inserimos os dados no *Goldvarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), o programa sugeriu uma 4ª variável que não havia aparecido nas hipóteses iniciais como um possível fator influenciador para o fenômeno. A variável em questão é estilo de fala e resultou dos instrumentos utilizados na coleta dos dados – a entrevista, a leitura de um texto e a leitura de uma lista de palavras.

Sobre as etapas, faz-se necessário apontar os níveis de vigilância que já são esperados. Na entrevista, o nível de vigilância é muito baixo, visto que é descontraída

e informal; logo, esperava-se menor produção da aspiração. Na leitura do texto, o falante encontra-se em um ambiente um pouco mais controlado, e o nível de atenção é moderado; logo, esperava-se um leve aumento nas ocorrências. E, por fim, na leitura das palavras, o informante encontra-se em um ambiente completamente controlado e com o nível de vigilância máximo; desse modo, a tendência é que ele se esforce para produzir as palavras de um modo mais próximo ao que se espera de uma possível pronúncia nativa, sendo, assim, a mais produtiva dentro da variável.

Tabela 5.10 – Ocorrência da aspiração na variável linguística (estilo de fala)

	N/T	%	P.R.
Entrevista (E)	107/189	56.6	0.34
Leitura de Texto (T)	248/401	61.8	0.48
Lista de Palavras (L)	516/642	80.4	0.55

Input: 0.739

Significância: 0.002

Fonte: Alves (2019, p. 13).

Os resultados confirmam o que já era esperado das ocorrências nessa variável. Na entrevista, em que o informante se encontra mais descontraído e falando de maneira mais “natural”, obtivemos um total de 107 ocorrências aspiradas, sendo o ambiente menos controlado e menos produtivo para o fenômeno. Em seguida, na leitura do texto, em que o nível de vigília é moderado, o total de ocorrências aspiradas foi de 248, sendo a segunda mais produtiva nessa variável. E, finalmente, na leitura da lista de palavras, em que o nível de atenção na pronúncia é máximo, o número de ocorrências aspiradas foi de 516, sendo a mais produtiva para o fenômeno da aspiração na variável de estilo de fala. Apesar de os números corroborarem os resultados que já esperávamos para essa variável, não esperávamos que esta aparecesse como uma variável de importância e influência para a produção das oclusivas surdas, visto que, como mencionado no início do capítulo, especulamos que as três primeiras variáveis fossem as mais influentes.

Finalmente, outro fator a ser levado em consideração é a vogal seguinte à consoante oclusiva surda e se há ou não influência na produção da aspiração. Das palavras selecionadas, percebemos a recorrência de quatro vogais: /æ/ em *cat*; /e/ em *pet* e *tech*; /ɪ/ em *pick* e *tip*; e /ɒ/ em *top*. Estas diferem no grau de abertura da mandíbula, sendo intermediária entre aberta e meio-aberta /æ/; meio-aberta /e/; fechada /ɪ/; e aberta /ɒ/. Examinando os resultados obtidos, podemos afirmar que os falantes paraibanos aprendizes de inglês como LE tendem a produzir mais

a aspiração quando a vogal seguinte é a fechada /ɪ/ ou a aberta /ʊ/. A vogal que menos influencia a aspiração é a meio-aberta /e/.

Desse modo, concluímos que podemos considerar a seguinte relação no que diz respeito à influência da vogal seguinte na produção da aspiração na consoante oclusiva surda: /ɪ/ = /ʊ/ > /e/, ou seja, a vogal fechada /ɪ/ e a aberta /ʊ/ são as vogais seguintes que apresentaram maior influência na produção da aspiração, sendo sua ocorrência equivalente entre si. A influência destas é, ainda, superior à produção do fenômeno quando acompanhado pela vogal meio-aberta /e/. Por fim, na vogal /æ/, não tivemos produções suficientes para considerá-la relevante, ou observar se há ou não influência na produção do fenômeno.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com essas pesquisas foram bastante pertinentes a nossa formação, uma vez que pudemos ter um olhar mais atento não só enquanto pesquisadores(as), mas também enquanto professores(as) de língua inglesa. Entender o comportamento dessas consoantes no nosso dialeto é importante para trazer luz ao que acontece no nosso dialeto diante desses fenômenos da língua inglesa.

Além disso, essas consoantes são responsáveis por gerarem problemas de inteligibilidade e, portanto, merecem atenção de estudos em variação. Enquanto no caso das oclusivas a não aspiração das oclusivas surdas faz com que os falantes nativos ouçam oclusivas sonoras, no caso das nasais a ausência de contraste e de percepção na coda pode não permitir ao falante entender que palavra foi produzida.

Dessa forma, levando em consideração que, em geral, nas escolas o ensino de inglês é bastante focado em questões morfossintáticas, estamos aqui enquanto professores(as) advogando pelo ensino das questões fonético-fonológicas do inglês, a fim de munir os alunos de ferramentas para entender e, posteriormente, produzir o inglês falado.

8. REFERÊNCIAS

- ALLAN, D. *Oxford Placement Test 1*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ALVES, M. S. P. *Aquisição da Característica “Aspiração” das Consoantes Oclusivas Desvozeadas por Aprendizizes de Inglês como Língua Estrangeira*. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2019.

CRUTTENDEN, A. *Gimson's Pronunciation of English*. 8. ed. New York City: Routledge, 2014.

DIAS, M. D. S.; GODINHO, C. D. P.; PACHECO, V. *A Produção das Consoantes Oclusivas do Inglês por Falantes Nativos e Brasileiros: A Relação entre Duração e Soltura*. Revista do GELNE, Natal/RN, v. 18, n. 1, p. 93-115, 2016.

FRAGOZO, C. S. S. *A redução vocálica em palavras funcionais produzidas por falantes brasileiros de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

GUTIERREZ, A. *Variação na Aquisição Fonológica: Análise da Produção da Nasal Velar em Inglês (L2)*. 2016. 206f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Social Factors (Language in Society). Philadelphia: Blackwell Publishers, 2001. v. 2.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. *A Course in Phonetics*. 6. edition. Boston: Wadworth Cengage Learning, 2011.

LAVER, J. *Principles of phonetics* (Cambridge textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LIMA, P. E. M. E. *A Palatalização do /S/ Pós-Vocálico: uma Análise Variacionista da Transferência Fonológica do Falar Paraibano (L1) na Aquisição de Inglês (L2)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

LUCENA, R. M.; ALVES, M. S. P. Aquisição da Aspiração das Consoantes Oclusivas Surdas por Aprendizes de Inglês como Língua Estrangeira. In: ATAÍDE, C. (org.). *Estudos linguísticos e literários: Caminhos e Tendências* – Volume 3, Artigos de Graduação. São Paulo, SP: Pá de Palavra, 2019. v. 3. p. 261-268.

Macmillan English Dictionary for Advanced Learners. New York: MacMillan Publisher, 2002.

PEREYRON, L. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PRESTON, D. *Second language acquisition and linguistic variation*. John Benjamins: Philadelphia, 1996.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics. Toronto: University of Toronto, 2005.

SAVILLE-TROIKE, M. *Introducing Second Language Acquisition*. New York City: Cambridge University Press, 2006.

SILVA JÚNIOR, E. F. *A aquisição das nasais do inglês em posição de coda por falantes paraibanos: uma análise da sociolinguística variacionista*. Orientador: Rubens Marques de Lucena. 2020. 51f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SOUZA, A. *A produção das oclusivas desvozeadas do inglês por aprendizes brasileiros: uma análise acústica*. 2012. 52 fls. Monografia (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

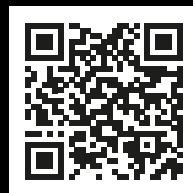
TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York City: Cambridge University Press, 2006.



Esta obra é o resultado de oito anos de pesquisa dedicados ao estudo de fenômenos de contato linguístico e dialetal realizado pelo Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico da Universidade Federal da Paraíba, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma universidade. Desde 2014, o grupo vem reunindo mestrandos e doutorandos em torno da aprendizagem de línguas a partir de diferentes fenômenos e perspectivas. Neste volume, o foco é o contato entre língua materna e língua estrangeira, particularmente a língua inglesa. O livro traz um panorama alargado de fenômenos de contato linguístico, que vão desde a aquisição de segmentos fonológicos até uma discussão sobre o uso de vozes sintéticas no desenvolvimento da consciência fonológica. Assim, pretende-se contribuir para uma melhor compreensão dos fenômenos de aquisição da língua inglesa como L2 em contato com o português brasileiro. Tendo em vista a diversidade dos objetos de estudos enfocados aqui, o livro se destina não somente àqueles que trabalham com o contato entre esses dois idiomas, mas também a todos aqueles que desejam compreender melhor a aquisição de uma língua estrangeira.



openaccess.blucher.com.br



Blucher Open Access